

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O Ciclone (1/24)

Dorothy vivia no meio das grandes pradarias do Kansas, com o Tio Henry, que era fazendeiro, e a Tia Em, que era a esposa do fazendeiro. A casa deles era pequena, pois a madeira para construí-la teve que ser transportada de carroça por muitos quilômetros. Havia quatro paredes, um chão e um telhado, que formavam um cômodo; e este cômodo continha um fogão de aparência enferrujada, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O Tio Henry e a Tia Em tinham uma cama grande em um canto, e Dorothy uma caminha em outro canto. Não havia sótão nem porão — exceto por um pequeno buraco cavado no chão, chamado de porão anti-ciclone, onde a família podia se abrigar caso um daqueles grandes redemoinhos surgisse, poderoso o suficiente para esmagar qualquer construção em seu caminho. Era acessado por uma porta no alçapão no meio do chão, da qual uma escada descia para o pequeno buraco escuro.

Quando Dorothy ficava na porta e olhava ao redor, não via nada além da grande pradaria cinzenta por todos os lados. Nem uma árvore nem uma casa quebrava a ampla extensão de terra plana que alcançava a borda do céu em todas as direções. O sol havia assado a terra arada em uma massa cinzenta, com pequenas rachaduras

correndo por ela. Até a grama não era verde, pois o sol havia queimado as pontas das longas lâminas até que ficassem da mesma cor cinzenta que se via em todos os lugares. Uma vez a casa fora pintada, mas o sol havia empolado a tinta e as chuvas a lavaram, e agora a casa estava tão sem brilho e cinzenta quanto todo o resto. Quando a Tia Em veio morar lá, ela era uma esposa jovem e bonita. O sol e o vento a haviam mudado também. Eles haviam tirado o brilho de seus olhos e os deixado de um cinza sóbrio; haviam tirado o vermelho de suas bochechas e lábios, e eles também estavam cinzentos. Ela era magra e descarnada, e nunca mais sorria. Quando Dorothy, que era órfã, veio morar com ela pela primeira vez, a Tia Em ficou tão assustada com o riso da criança que gritava e pressionava a mão contra o coração sempre que a voz alegre de Dorothy chegava aos seus ouvidos; e ela ainda olhava para a menina com espanto por ela conseguir encontrar algo para rir. O Tio Henry nunca ria. Ele trabalhava duro de manhã até a noite e não sabia o que era alegria. Ele também era cinzento, desde sua longa barba até suas botas rústicas, e parecia severo e solene, e raramente falava. Era Totó quem fazia Dorothy rir e a impedia de ficar tão cinzenta quanto o resto do ambiente. Totó não era cinzento; ele era um cachorrinho preto, com pelos longos e sedosos e pequenos olhos pretos que cintilavam alegremente de cada lado de seu engraçado e minúsculo nariz. Totó brincava o dia todo, e Dorothy brincava com ele e o amava muito. Hoje, no entanto, eles não estavam brincando. O Tio Henry estava sentado na soleira da porta e olhava

ansiosamente para o céu, que estava ainda mais cinzento que o normal. Dorothy estava na porta com Totó nos braços e também olhava para o céu. A Tia Em estava lavando a louça.

Do extremo norte, ouviam um lamento baixo do vento, e o Tio Henry e Dorothy podiam ver onde a grama longa se curvava em ondas diante da tempestade que se aproximava. Agora vinha um assobio agudo no ar vindo do sul, e quando eles viraram os olhos naquela direção, viram ondulações na grama vindo daquela direção também.

De repente, o Tio Henry se levantou.

"Há um ciclone chegando, Em," ele gritou para sua esposa. "Vou cuidar do gado." Então ele correu em direção aos galpões onde as vacas e os cavalos eram mantidos.

A Tia Em largou seu trabalho e veio até a porta. Um olhar lhe disse do perigo iminente.

"Rápido, Dorothy!" ela gritou. "Corra para o porão!"

Totó pulou dos braços de Dorothy e se escondeu debaixo da cama, e a menina começou a ir buscá-lo. A Tia Em, muito assustada, abriu o alçapão no chão e desceu a escada para o pequeno buraco escuro. Dorothy finalmente pegou Totó e começou a seguir sua tia. Quando ela estava no meio do caminho através do cômodo, veio um grande grito do vento, e a casa tremeu tão forte que ela perdeu o equilíbrio e sentou-se abruptamente no chão.

Então algo estranho aconteceu.

A casa girou duas ou três vezes e subiu lentamente pelo ar. Dorothy sentiu como se estivesse subindo em um balão.

Os ventos do norte e do sul se encontraram onde a casa estava, e fizeram dela o centro exato do ciclone. No meio de um ciclone, o ar geralmente está parado, mas a grande pressão do vento em todos os lados da casa a ergueu cada vez mais alto, até que ela estava no topo do ciclone; e lá ela permaneceu e foi carregada por milhas e milhas tão facilmente quanto você poderia carregar uma pena.

Estava muito escuro, e o vento uivava horrivelmente ao seu redor, mas Dorothy descobriu que estava viajando com bastante facilidade. Depois das primeiras voltas, e uma outra vez quando a casa inclinou perigosamente, ela sentiu como se estivesse sendo embalada suavemente, como um bebê em um berço.

Totó não gostava disso. Ele corria pelo quarto, ora aqui, ora ali, latindo alto; mas Dorothy ficou sentada bem quieta no chão e esperou para ver o que aconteceria.

Uma vez Totó chegou perto demais da porta do alçapão aberta e caiu; e a princípio a menina pensou que o tinha perdido. Mas logo ela viu uma de suas orelhas aparecendo pelo buraco, pois a forte pressão do ar o mantinha suspenso de modo que ele não podia cair. Ela



se arrastou até o buraco, pegou Totó pela orelha e o puxou de volta para o quarto, depois fechando a porta do alçapão para que não acontecessem mais acidentes.

Hora após hora se passou, e lentamente Dorothy superou seu medo; mas ela se sentia bastante solitária, e o vento gritava tão alto ao seu redor que ela quase ficou surda. No início, ela se perguntava se seria despedaçada quando a casa caísse novamente; mas conforme as horas passavam e nada terrível acontecia, ela parou de se preocupar e decidiu esperar calmamente e ver o que o futuro traria. Por fim, ela se arrastou pelo chão balançante até sua cama e se deitou; e Totó a seguiu e se deitou ao lado dela.

Apesar do balanço da casa e do lamento do vento, Dorothy logo fechou os olhos e caiu em um sono profundo.



Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O conselho com os Munchkins (2/24)

Ela foi despertada por um choque, tão súbito e forte que se Dorothy não estivesse deitada na cama macia, poderia ter se machucado. Como estava, o impacto fez com que ela perdesse o fôlego e se perguntasse o que havia acontecido; e Totó colocou seu narizinho frio em seu rosto e choramingou tristemente. Dorothy se sentou e notou que a casa não estava se movendo; nem estava escuro, pois a luz do sol entrava pela janela, inundando o pequeno quarto. Ela pulou da cama e, com Totó em seus calcanhares, correu e abriu a porta.

A menina soltou um grito de espanto e olhou ao seu redor, seus olhos ficando cada vez maiores com as maravilhosas visões que via.

O ciclone havia pousado a casa muito suavemente – para um ciclone – no meio de um país de beleza maravilhosa. Havia adoráveis manchas de grama por toda parte, com árvores majestosas carregadas de frutas ricas e suculentas. Canteiros de flores deslumbrantes estavam por todos os lados, e pássaros com plumagens raras e brilhantes cantavam e esvoaçavam nas árvores e arbustos. Um pouco adiante havia um pequeno riacho, correndo e cintilando entre margens verdes, e

murmurando com uma voz muito agradável para uma menina que havia vivido por tanto tempo nas pradarias secas e cinzentas.

Enquanto ela estava olhando ansiosamente para as visões estranhas e belas, notou que um grupo das pessoas mais estranhas que ela já havia visto se aproximava dela. Eles não eram tão grandes quanto os adultos com os quais ela sempre esteve acostumada; mas também não eram muito pequenos. Na verdade, pareciam ter quase a mesma altura que Dorothy, que era uma criança bem desenvolvida para sua idade, embora eles fossem, no que diz respeito à aparência, muitos anos mais velhos.

Três eram homens e uma era mulher, e todos estavam vestidos de forma peculiar. Usavam chapéus redondos que se elevavam a uma pequena ponta a um pé acima de suas cabeças, com pequenos sinos ao redor das abas que tilintavam docemente conforme se moviam. Os chapéus dos homens eram azuis; o chapéu da pequena mulher era branco, e ela usava um vestido branco que caía em pregas dos seus ombros. Sobre ele estavam salpicadas pequenas estrelas que brilhavam ao sol como diamantes. Os homens estavam vestidos de azul, do mesmo tom que seus chapéus, e usavam botas bem polidas com uma dobra profunda de azul no topo. Os homens, Dorothy pensou,



tinham quase a mesma idade que o Tio Henry, pois dois deles tinham barbas. Mas a pequena mulher era sem dúvida muito mais velha. Seu rosto estava coberto de rugas, seu cabelo estava quase branco, e ela caminhava de forma um pouco rígida.

Quando essas pessoas se aproximaram da casa onde Dorothy estava parada na porta, elas pararam e cochicharam entre si, como se tivessem medo de se aproximar mais. Mas a pequena senhora idosa caminhou até Dorothy, fez uma reverência profunda e disse, com uma voz doce:

"Seja bem-vinda, nobilíssima Feiticeira, à terra dos Munchkins. Estamos tão gratos a você por ter matado a Bruxa Má do Leste e por libertar nosso povo da escravidão."

Dorothy ouviu esse discurso com espanto. O que a pequena mulher poderia querer dizer ao chamá-la de feiticeira e dizer que ela havia matado a Bruxa Má do Leste? Dorothy era uma menina inocente e inofensiva, que havia sido carregada por um ciclone muitas milhas de casa; e ela nunca havia matado nada em toda a sua vida.

Mas a pequena mulher evidentemente esperava que ela respondesse; então Dorothy disse, com hesitação: "Você é muito gentil, mas deve haver algum engano. Eu não matei nada."

"Sua casa matou, de qualquer forma," respondeu a pequena senhora idosa, com uma risada, "e isso é a mesma coisa. Veja!" ela continuou, apontando para o canto da casa. "Lá estão os dois pés dela, ainda saindo debaixo de um bloco de madeira."

Dorothy olhou e soltou um pequeno grito de susto. Lá, de fato, logo abaixo do canto da grande viga em que a casa repousava, dois pés estavam aparecendo, calçados com sapatos prateados de bicos pontudos.

"Oh, céus! Oh, céus!" gritou Dorothy, juntando as mãos em desespero. "A casa deve ter caído sobre ela. O que devemos fazer?"

"Não há nada a ser feito," disse a pequena mulher calmamente.

"Mas quem era ela?" perguntou Dorothy.

"Ela era a Bruxa Má do Leste, como eu disse," respondeu a pequena mulher. "Ela manteve todos os Munchkins em escravidão por muitos anos, fazendo-os trabalhar para ela dia e noite. Agora eles estão todos livres e são gratos a você pelo favor."

"Quem são os Munchkins?" perguntou Dorothy.

"Eles são as pessoas que vivem nesta terra do Leste onde a Bruxa Má governava."

"Você é uma Munchkin?" perguntou Dorothy.

"Não, mas sou amiga deles, embora eu viva na terra do Norte. Quando eles viram que a Bruxa do Leste estava morta, os Munchkins enviaram um mensageiro veloz para mim, e eu vim imediatamente. Eu sou a Bruxa do Norte."

"Oh, meu Deus!" exclamou Dorothy. "Você é uma bruxa de verdade?"

"Sim, de fato," respondeu a pequena mulher. "Mas eu sou uma bruxa boa, e as pessoas me amam. Não sou tão poderosa quanto a Bruxa Má que governava aqui, ou eu mesma teria libertado o povo."

"Mas eu pensei que todas as bruxas fossem más," disse a menina, que estava meio assustada ao enfrentar uma bruxa de verdade.

"Oh, não, isso é um grande engano. Havia apenas quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são bruxas boas. Eu sei que isso é verdade, pois sou uma delas e não posso estar enganada. Aquelas que moravam no Leste e no Oeste eram, de fato, bruxas más; mas agora que você matou uma delas, há apenas uma Bruxa Má em toda a Terra de Oz - a que vive no Oeste."

"Mas," disse Dorothy, após um momento de reflexão, "a Tia Em me disse que todas as bruxas estavam mortas - há muitos e muitos anos."

"Quem é Tia Em?" perguntou a pequena senhora idosa.

"Ela é minha tia que mora no Kansas, de onde eu vim."

A Bruxa do Norte pareceu pensar por um tempo, com a cabeça abaixada e os olhos no chão. Então ela olhou para cima e disse: "Não sei onde fica o Kansas, pois nunca ouvi falar desse país antes. Mas me diga, é um país civilizado?"

"Oh, sim," respondeu Dorothy.

"Então isso explica. Nos países civilizados, acredito que não existam mais bruxas, nem magos, nem feiticeiras, nem mágicos. Mas, veja bem, a Terra de Oz nunca foi civilizada, pois estamos isolados de todo o resto do mundo. Portanto, ainda temos bruxas e magos entre nós."

"Quem são os magos?" perguntou Dorothy.

"O próprio Oz é o Grande Mago," respondeu a Bruxa, baixando a voz para um sussurro. "Ele é mais poderoso

que todos nós juntos. Ele vive na Cidade das Esmeraldas."

Dorothy ia fazer outra pergunta, mas nesse momento os Munchkins, que haviam ficado em silêncio ao lado, deram um grito alto e apontaram para o canto da casa onde a Bruxa Má estava deitada.

"O que é?" perguntou a pequena senhora idosa, e olhou, e começou a rir. Os pés da Bruxa morta haviam desaparecido completamente, e nada restava além dos sapatos prateados.

"Ela era tão velha," explicou a Bruxa do Norte, "que secou rapidamente ao sol. Esse é o fim dela. Mas os sapatos prateados são seus, e você os terá para usar." Ela se abaixou e pegou os sapatos, e depois de sacudir a poeira deles, os entregou a Dorothy.

"A Bruxa do Leste tinha orgulho desses sapatos prateados," disse um dos Munchkins, "e há algum encanto ligado a eles; mas nunca soubemos o que era." Dorothy levou os sapatos para dentro da casa e os colocou sobre a mesa. Então ela saiu novamente para junto dos Munchkins e disse:

"Estou ansiosa para voltar para minha tia e meu tio, pois tenho certeza de que eles estarão preocupados comigo. Vocês podem me ajudar a encontrar o caminho de volta?"

Os Munchkins e a Bruxa primeiro olharam uns para os outros, e depois para Dorothy, e então balançaram suas cabeças.

"No Leste, não muito longe daqui," disse um, "há um grande deserto, e ninguém poderia sobreviver para atravessá-lo."

"É o mesmo no Sul," disse outro, "pois estive lá e vi. O Sul é o país dos Quadlings."

"Ouvi dizer," disse o terceiro homem, "que é o mesmo no Oeste. E aquele país, onde vivem os Winkies, é governado pela Bruxa Má do Oeste, que faria de você sua escrava se você passasse por lá."

"O Norte é minha casa," disse a velha senhora, "e em sua borda está o mesmo grande deserto que rodeia esta Terra de Oz. Receio, minha querida, que você terá que viver conosco."

Dorothy começou a soluçar com isso, pois se sentia solitária entre todas essas pessoas estranhas. Suas lágrimas pareceram entristecer os Munchkins de bom coração, pois eles imediatamente tiraram seus lenços e começaram a chorar também. Quanto à pequena senhora idosa, ela tirou seu chapéu e equilibrou a ponta no nariz, enquanto contava "Um, dois, três" em uma voz solene. Imediatamente o chapéu se transformou em uma lousa, na qual estava escrito em grandes marcas de giz branco:

**"DEIXE DOROTHY IR PARA A CIDADE DAS
ESMERALDAS"**

A pequena senhora idosa tirou a lousa do nariz e, tendo lido as palavras nela, perguntou: "Seu nome é Dorothy, minha querida?"

"Sim," respondeu a criança, olhando para cima e enxugando as lágrimas.

"Então você deve ir para a Cidade das Esmeraldas. Talvez Oz possa ajudá-la."

"Onde fica essa cidade?" perguntou Dorothy.

"Fica exatamente no centro do país, e é governada por Oz, o Grande Mago de quem lhe falei."

"Ele é um homem bom?" perguntou a menina ansiosamente.

"Ele é um bom Mago. Se ele é um homem ou não, não posso dizer, pois nunca o vi."

"Como posso chegar lá?" perguntou Dorothy.

"Você deve caminhar. É uma longa jornada, através de um país que às vezes é agradável e às vezes escuro e terrível. No entanto, usarei todas as artes mágicas que conheço para mantê-la longe de perigos."

"Você não vai comigo?" implorou a menina, que começara a ver a pequena senhora idosa como sua única amiga.

"Não, não posso fazer isso," ela respondeu, "mas vou lhe dar meu beijo, e ninguém ousará ferir uma pessoa que foi beijada pela Bruxa do Norte."

Ela se aproximou de Dorothy e a beijou suavemente na testa. Onde seus lábios tocaram a menina, deixaram uma marca redonda e brilhante, como Dorothy descobriu logo depois.

"A estrada para a Cidade das Esmeraldas é pavimentada com tijolos amarelos," disse a Bruxa, "então você não pode perdê-la. Quando chegar a Oz, não tenha medo dele, mas conte sua história e peça-lhe ajuda. Adeus, minha querida."

Os três Munchkins fizeram uma profunda reverência para ela e desejaram-lhe uma viagem agradável, após o que se afastaram caminhando entre as árvores. A Bruxa deu a Dorothy um pequeno aceno amigável, girou três vezes sobre o calcanhar esquerdo e desapareceu

imediatamente, para grande surpresa do pequeno Totó, que latiu alto o suficiente quando ela tinha ido embora, porque ele tinha medo até de rosnar enquanto ela estava por perto. Mas Dorothy, sabendo que ela era uma bruxa, esperava que ela desaparecesse exatamente daquela maneira, e não ficou nem um pouco surpresa.



Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: Como Dorothy salvou o Espantalho (3/24)

Quando Dorothy ficou sozinha, ela começou a sentir fome. Então, foi até o armário e cortou um pouco de pão, que passou manteiga. Deu um pouco para Totó e, pegando um balde da prateleira, levou-o até o riacho e encheu-o com água limpa e cristalina. Totó correu para as árvores e começou a latir para os pássaros que estavam lá. Dorothy foi buscá-lo e viu frutas tão deliciosas penduradas nos galhos que colheu algumas, achando exatamente o que queria para complementar seu café da manhã.

Depois, ela voltou para a casa e, depois de se servir e dar a Totó um bom gole da água fresca e limpa, começou a se preparar para a jornada até a Cidade das Esmeraldas.

Dorothy tinha apenas mais um vestido, mas por acaso estava limpo e pendurado em um cabide ao lado de sua cama. Era de tecido xadrez, com quadrados brancos e azuis; e embora o azul estivesse um pouco desbotado por muitas lavagens, ainda era um vestido bonito. A menina se lavou cuidadosamente, vestiu o xadrez limpo e amarrou seu chapéu de sol rosa na cabeça. Ela pegou uma pequena cesta e encheu-a com pão do armário,

cobrindo-a com um pano branco. Então, olhou para seus pés e notou como seus sapatos estavam velhos e gastos. "Eles certamente não servirão para uma longa jornada, Totó", ela disse. E Totó olhou para o rosto dela com seus olhinhos pretos e abanou o rabo para mostrar que entendia o que ela queria dizer.

Naquele momento, Dorothy viu sobre a mesa os sapatos de prata que pertenciam à Bruxa do Leste.

"Eu me pergunto se eles vão me servir", ela disse para Totó. "Seriam perfeitos para uma longa caminhada, pois não se desgastariam."

Ela tirou seus velhos sapatos de couro e experimentou os de prata, que lhe serviram tão bem como se tivessem sido feitos para ela.

Finalmente, ela pegou sua cesta.

"Vamos, Totó", ela disse. "Iremos para a Cidade das Esmeraldas e perguntaremos ao Grande Oz como voltar para o Kansas."

Ela fechou a porta, trancou-a e colocou a chave cuidadosamente no bolso de seu vestido. E assim, com Totó trotando seriamente atrás dela, ela começou sua jornada.

Havia várias estradas por perto, mas não demorou muito para ela encontrar a que era pavimentada com tijolos amarelos. Em pouco tempo, ela estava caminhando energicamente em direção à Cidade das Esmeraldas, seus sapatos de prata tilintando alegremente no duro leito amarelo da estrada. O sol brilhava forte e os pássaros cantavam docemente, e Dorothy não se sentia tão mal quanto você poderia pensar que uma garotinha

se sentiria ao ser repentinamente arrancada de seu próprio país e colocada no meio de uma terra estranha. Ela ficou surpresa, enquanto caminhava, ao ver como o país ao seu redor era bonito. Havia cercas bem cuidadas nas laterais da estrada, pintadas de um delicado tom de azul, e além delas havia campos de grãos e vegetais em abundância. Evidentemente, os Munchkins eram bons fazendeiros e capazes de produzir grandes colheitas. De vez em quando, ela passava por uma casa, e as pessoas saíam para olhá-la e fazer reverências profundas quando ela passava; pois todos sabiam que ela havia sido o meio de destruir a Bruxa Má e libertá-los da escravidão. As casas dos Munchkins eram moradias de aparência estranha, pois cada uma era redonda, com uma grande cúpula como telhado. Todas eram pintadas de azul, pois neste país do Leste, o azul era a cor favorita.

Ao anoitecer, quando Dorothy estava cansada de sua longa caminhada e começava a se perguntar onde passaria a noite, ela chegou a uma casa maior que as outras. No gramado verde em frente, muitos homens e mulheres estavam dançando. Cinco pequenos violinistas tocavam o mais alto possível, e as pessoas riam e cantavam, enquanto uma grande mesa próxima estava carregada de frutas e nozes deliciosas, tortas e bolos, e muitas outras coisas boas para comer.

As pessoas cumprimentaram Dorothy gentilmente e a convidaram para jantar e passar a noite com eles; pois esta era a casa de um dos Munchkins mais ricos da terra, e seus amigos estavam reunidos com ele para celebrar sua liberdade da escravidão da Bruxa Má.

Dorothy comeu um farto jantar e foi atendida pelo próprio Munchkin rico, cujo nome era Boq. Depois, ela se sentou em um sofá e assistiu as pessoas dançarem.

Quando Boq viu seus sapatos de prata, ele disse: "Você deve ser uma grande feiticeira."

"Por quê?" perguntou a menina.

"Porque você usa sapatos de prata e matou a Bruxa Má. Além disso, você tem branco em seu vestido, e apenas bruxas e feiticeiras usam branco."

"Meu vestido é xadrez azul e branco", disse Dorothy, alisando os amassados dele.

"É gentil da sua parte usar isso", disse Boq. "Azul é a cor dos Munchkins, e branco é a cor das bruxas. Então sabemos que você é uma bruxa amigável."

Dorothy não sabia o que dizer a isso, pois todas as pessoas pareciam pensar que ela era uma bruxa, e ela sabia muito bem que era apenas uma garotinha comum que tinha chegado por acaso de um ciclone a uma terra estranha.

Quando ela se cansou de assistir a dança, Boq a levou para dentro da casa, onde lhe deu um quarto com uma linda cama. Os lençóis eram feitos de tecido azul, e Dorothy dormiu profundamente neles até a manhã, com Totó enrolado no tapete azul ao lado dela.

Ela tomou um farto café da manhã e observou um bebê Munchkin minúsculo, que brincava com Totó e puxava seu rabo e gorjeava e ria de um jeito que divertia muito Dorothy. Totó era uma grande curiosidade para todas as pessoas, pois elas nunca tinham visto um cachorro antes.

"Quão longe é a Cidade das Esmeraldas?" a menina perguntou.

"Eu não sei", respondeu Boq gravemente, "pois nunca estive lá. É melhor que as pessoas fiquem longe de Oz, a menos que tenham negócios com ele. Mas é um longo caminho até a Cidade das Esmeraldas, e levará muitos dias. O país aqui é rico e agradável, mas você deve passar por lugares ásperos e perigosos antes de chegar ao fim de sua jornada."

Isso preocupou Dorothy um pouco, mas ela sabia que apenas o Grande Oz poderia ajudá-la a voltar para o Kansas, então ela corajosamente decidiu não voltar atrás.

Ela se despediu de seus amigos e novamente começou a andar pela estrada de tijolos amarelos. Quando ela tinha andado várias milhas, pensou que pararia para descansar, então subiu no topo da cerca ao lado da estrada e se sentou. Havia um grande milharal além da cerca, e não muito longe ela viu um Espantalho, colocado alto em um poste para afastar os pássaros do milho maduro.



Dorothy apoiou o queixo na mão e olhou pensativamente para o Espantalho. Sua cabeça era um pequeno saco recheado de palha, com olhos, nariz e boca pintados para representar um rosto. Um velho chapéu azul pontudo, que havia pertencido a algum Munchkin, estava empoleirado em sua cabeça, e o resto da figura era um terno azul, gasto e desbotado, que também havia sido recheado com palha. Nos pés havia

algumas botas velhas com tops azuis, como todos os homens usavam neste país, e a figura estava erguida acima das espigas de milho por meio do poste enfiado em suas costas.

Enquanto Dorothy olhava para o rosto pintado do Espantalho, ficou surpresa ao ver um dos olhos piscar lentamente para ela. Ela pensou que devia ter se enganado a princípio, pois nenhum dos espantalhos no Kansas jamais piscava; mas logo a figura acenou com a cabeça para ela de maneira amigável. Então ela desceu da cerca e se aproximou dele, enquanto Totó corria ao redor do poste e latia.

"Bom dia", disse o Espantalho, com uma voz um tanto rouca.

"Você falou?" perguntou a menina, admirada.

"Certamente", respondeu o Espantalho. "Como vai você?"

"Estou muito bem, obrigada", respondeu Dorothy educadamente. "Como vai você?"

"Não estou me sentindo bem", disse o Espantalho, com um sorriso, "pois é muito tedioso ficar empoleirado aqui noite e dia para espantar corvos."

"Você não pode descer?" perguntou Dorothy.

"Não, pois este poste está preso nas minhas costas. Se você pudesse tirar o poste, eu ficaria muito grato."

Dorothy estendeu os dois braços e tirou a figura do poste, pois, sendo recheado de palha, era bem leve.

"Muito obrigado", disse o Espantalho, quando foi colocado no chão. "Sinto-me como um homem novo."

Dorothy ficou intrigada com isso, pois soava estranho ouvir um homem de palha falar e vê-lo fazer uma reverência e andar ao lado dela.

"Quem é você?" perguntou o Espantalho depois de se esticar e bocejar. "E para onde você está indo?"

"Meu nome é Dorothy", disse a menina, "e estou indo para a Cidade das Esmeraldas, para pedir ao Grande Oz que me mande de volta para o Kansas."

"Onde fica a Cidade das Esmeraldas?" ele perguntou. "E quem é Oz?"

"Ora, você não sabe?" ela respondeu, surpresa.

"Não, de fato. Eu não sei nada. Veja, eu sou recheado, então não tenho cérebro algum", ele respondeu tristemente.

"Oh", disse Dorothy, "sinto muito por você."

"Você acha", ele perguntou, "que se eu for para a Cidade das Esmeraldas com você, Oz me daria algum cérebro?"

"Não posso dizer", ela respondeu, "mas você pode vir comigo, se quiser. Se Oz não lhe der nenhum cérebro, você não ficará pior do que está agora."

"Isso é verdade", disse o Espantalho. "Veja", ele continuou confidencialmente, "não me importo que minhas pernas, braços e corpo sejam recheados, porque não posso me machucar. Se alguém pisar nos meus dedos dos pés ou me espetar com um alfinete, não importa, pois não posso sentir. Mas não quero que as pessoas me chamem de tolo, e se minha cabeça continuar recheada de palha em vez de cérebro, como a sua, como é que eu vou saber alguma coisa?"

"Entendo como você se sente", disse a garotinha, que estava realmente com pena dele. "Se você vier comigo, pedirei a Oz que faça tudo o que puder por você."

"Obrigado", ele respondeu agradecido.

Eles voltaram para a estrada. Dorothy o ajudou a passar pela cerca, e eles começaram a caminhar pela trilha de tijolos amarelos em direção à Cidade das Esmeraldas.

Totó não gostou dessa adição ao grupo no início. Ele farejou ao redor do homem de palha como se suspeitasse que pudesse haver um ninho de ratos na palha, e frequentemente rosnava de maneira hostil para o Espantalho.

"Não ligue para o Totó", disse Dorothy ao seu novo amigo. "Ele nunca morde."

"Oh, não estou com medo", respondeu o Espantalho. "Ele não pode machucar a palha. Deixe-me carregar essa cesta para você. Não me importarei, pois não posso me cansar. Vou lhe contar um segredo", ele continuou, enquanto caminhavam. "Há apenas uma coisa no mundo que me assusta."

"O que é?" perguntou Dorothy; "o fazendeiro Munchkin que fez você?"

"Não", respondeu o Espantalho; "é um fósforo aceso."

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O caminho através da floresta (4/24)

Após algumas horas, a estrada começou a ficar acidentada, e andar tornou-se tão difícil que o Espantalho frequentemente tropeçava nos tijolos amarelos, que aqui eram muito irregulares. Às vezes, de fato, estavam quebrados ou faltando completamente, deixando buracos que Totó pulava e Dorothy contornava. Quanto ao Espantalho, não tendo cérebro, ele caminhava em linha reta, e assim pisava nos buracos e caía de corpo inteiro sobre os tijolos duros. Isso nunca o machucava, no entanto, e Dorothy o levantava e o colocava de pé novamente, enquanto ele se juntava a ela rindo alegremente de seu próprio infortúnio.

As fazendas não eram tão bem cuidadas aqui como eram mais atrás. Havia menos casas e menos árvores frutíferas, e quanto mais eles avançavam, mais desolado e solitário o país se tornava.

Ao meio-dia, eles se sentaram à beira da estrada, perto de um pequeno riacho, e Dorothy abriu sua cesta e tirou um pouco de pão. Ela ofereceu um pedaço ao Espantalho, mas ele recusou.

"Eu nunca tenho fome", disse ele, "e é uma sorte que não tenha, pois minha boca é apenas pintada, e se eu

fizesse um buraco nela para poder comer, a palha com que sou recheado sairia, e isso estragaria o formato da minha cabeça."

Dorothy viu imediatamente que isso era verdade, então ela apenas assentiu e continuou comendo seu pão.

"Me conte algo sobre você e o país de onde você veio", disse o Espantalho, quando ela terminou seu almoço.

Então ela contou a ele tudo sobre o Kansas, e como tudo era cinzento lá, e como o ciclone a havia levado para esta estranha Terra de Oz.

O Espantalho ouviu atentamente e disse: "Não consigo entender por que você desejaria deixar este belo país e voltar para o lugar seco e cinzento que você chama de Kansas."

"Isso é porque você não tem cérebro", respondeu a menina. "Não importa quão tristes e cinzentos sejam nossos lares, nós, pessoas de carne e osso, preferimos viver lá do que em qualquer outro país, por mais belo que seja. Não há lugar como o lar."

O Espantalho suspirou.

"Claro que não posso entender isso", disse ele. "Se suas cabeças fossem recheadas de palha, como a minha, vocês provavelmente viveriam todos nos lugares bonitos, e então o Kansas não teria pessoas alguma. É uma sorte para o Kansas que vocês tenham cérebro."

"Você não quer me contar uma história, enquanto descansamos?" perguntou a criança.

O Espantalho olhou para ela com reprovação e respondeu:

"Minha vida foi tão curta que realmente não sei absolutamente nada. Fui feito apenas anteontem. O que

aconteceu no mundo antes disso é totalmente desconhecido para mim. Felizmente, quando o fazendeiro fez minha cabeça, uma das primeiras coisas que ele fez foi pintar minhas orelhas, então eu ouvi o que estava acontecendo. Havia outro Munchkin com ele, e a primeira coisa que ouvi foi o fazendeiro dizendo: 'O que você acha dessas orelhas?'

""Elas não estão retas"", respondeu o outro.

""Não importa"", disse o fazendeiro. ""Elas são orelhas de qualquer jeito"", o que era bastante verdadeiro.

""Agora vou fazer os olhos"", disse o fazendeiro. Então ele pintou meu olho direito, e assim que terminou, me vi olhando para ele e para tudo ao meu redor com muita curiosidade, pois essa foi minha primeira visão do mundo.

""Esse é um olho bem bonito"", comentou o Munchkin que estava observando o fazendeiro. ""A tinta azul é exatamente a cor certa para os olhos.'"

""Acho que vou fazer o outro um pouco maior"", disse o fazendeiro. E quando o segundo olho ficou pronto, eu podia ver muito melhor do que antes. Então ele fez meu nariz e minha boca. Mas eu não falei, porque naquela época eu não sabia para que servia uma boca. Eu me diverti assistindo eles fazerem meu corpo, meus braços e minhas pernas; e quando finalmente prenderam minha cabeça, me senti muito orgulhoso, pois pensei que era tão bom quanto qualquer homem.

""Este sujeito vai espantar os corvos rapidamente', disse o fazendeiro. 'Ele parece exatamente um homem.'"

""Ora, ele é um homem', disse o outro, e eu concordei plenamente com ele. O fazendeiro me carregou debaixo do braço até o milharal e me colocou em um alto bastão,

onde você me encontrou. Ele e seu amigo logo depois se afastaram e me deixaram sozinho.

"Eu não gostei de ser abandonado dessa maneira. Então tentei andar atrás deles. Mas meus pés não tocavam o chão, e fui forçado a ficar naquele poste. Era uma vida solitária, pois eu não tinha nada em que pensar, tendo sido feito há tão pouco tempo. Muitos corvos e outros pássaros voavam para o milharal, mas assim que me viam, voavam embora novamente, pensando que eu era um Munchkin; e isso me agradava e me fazia sentir que eu era uma pessoa bastante importante. Pouco depois, um velho corvo voou perto de mim e, depois de me olhar atentamente, pousou no meu ombro e disse:

"'Eu me pergunto se aquele fazendeiro pensou em me enganar dessa maneira desajeitada. Qualquer corvo sensato poderia ver que você é apenas recheado de palha.' Então ele pulou aos meus pés e comeu todo o milho que quis. Os outros pássaros, vendo que ele não foi prejudicado por mim, vieram comer o milho também, então em pouco tempo havia um grande bando deles ao meu redor.

"Fiquei triste com isso, pois mostrou que eu não era um Espantalho tão bom afinal; mas o velho corvo me confortou, dizendo: 'Se você apenas tivesse cérebro na sua cabeça, seria tão bom quanto qualquer um deles, e melhor do que alguns deles. Cérebro é a única coisa que vale a pena ter neste mundo, não importa se é um corvo ou um homem.'

"Depois que os corvos foram embora, pensei sobre isso e decidi que tentaria muito conseguir um cérebro. Por sorte, você apareceu e me tirou do poste, e pelo que

“você diz, tenho certeza de que o Grande Oz me dará um cérebro assim que chegarmos à Cidade Esmeralda.”
“Espero que sim”, disse Dorothy sinceramente, “já que você parece ansioso para tê-lo.”

“Oh, sim; estou ansioso”, respondeu o Espantalho. “É uma sensação tão desconfortável saber que se é tolo.”

“Bem”, disse a menina, “vamos indo.” E ela entregou a cesta ao Espantalho.

Não havia mais cercas à beira da estrada agora, e a terra estava áspera e não cultivada. Ao entardecer, eles chegaram a uma grande floresta, onde as árvores cresciam tão grandes e próximas umas das outras que seus galhos se encontravam sobre a estrada de tijolos amarelos. Estava quase escuro sob as árvores, pois os galhos bloqueavam a luz do dia; mas os viajantes não pararam e continuaram pela floresta.

“Se esta estrada entra, ela deve sair”, disse o Espantalho, “e como a Cidade Esmeralda está no outro extremo da estrada, devemos ir para onde ela nos levar.”

“Qualquer um saberia disso”, disse Dorothy.

“Certamente; é por isso que eu sei”, respondeu o Espantalho. “Se fosse necessário cérebro para descobrir isso, eu nunca teria dito.”

Após uma hora ou mais, a luz desapareceu, e eles se viram tropeçando na escuridão. Dorothy não conseguia ver nada, mas Totó podia, pois alguns cães enxergam muito bem no escuro; e o Espantalho declarou que podia ver tão bem quanto de dia. Então ela segurou o braço dele e conseguiu se locomover razoavelmente bem.

"Se você vir alguma casa, ou qualquer lugar onde possamos passar a noite", ela disse, "você deve me avisar; pois é muito desconfortável andar no escuro."

Logo depois, o Espantalho parou.

"Vejo uma pequena cabana à nossa direita", disse ele, "feita de troncos e galhos. Vamos até lá?"

"Sim, claro", respondeu a criança.

"Estou completamente exausta."

Então o Espantalho a guiou através das árvores até chegarem à

cabana, e Dorothy entrou e

encontrou uma cama de folhas

secas em um canto. Ela se deitou

imediatamente e, com Totó ao seu

lado, logo caiu em um sono profundo.

O Espantalho, que nunca se cansava, ficou de pé em

outro canto e esperou pacientemente até que a manhã

chegasse.



Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O resgate do Homem de Lata (5/24)

Quando Dorothy acordou, o sol brilhava através das árvores e Totó já estava há muito tempo caçando pássaros e esquilos ao seu redor. Ela se sentou e olhou ao seu redor. Lá estava o Espantalho, ainda pacientemente em seu canto, esperando por ela.

"Precisamos ir procurar água", ela disse a ele.

"Por que você quer água?", ele perguntou.

"Para lavar meu rosto depois da poeira da estrada, e para beber, para que o pão seco não fique preso na minha garganta."

"Deve ser inconveniente ser feito de carne", disse o Espantalho pensativo, "pois você precisa dormir, comer e beber. No entanto, você tem cérebro, e vale a pena todo o incômodo para poder pensar corretamente."

Eles deixaram a cabana e caminharam entre as árvores até encontrarem uma pequena fonte de água limpa, onde Dorothy bebeu, se banhou e tomou seu café da manhã. Ela viu que não havia muito pão restante na cesta e a menina ficou agradecida que o Espantalho não precisasse comer nada, pois mal havia o suficiente para ela e Totó para o dia.

Quando ela terminou sua refeição e estava prestes a voltar para a estrada de tijolos amarelos, ficou assustada ao ouvir um gemido profundo por perto.

"O que foi isso?", ela perguntou timidamente.

"Não faço ideia", respondeu o Espantalho, "mas podemos ir ver."

Nesse momento, outro gemido chegou aos ouvidos deles, e o som parecia vir de trás deles. Eles se viraram e caminharam pela floresta alguns passos, quando Dorothy descobriu algo brilhando em um raio de sol que passava entre as árvores. Ela correu até o local e então parou de repente, com um pequeno grito de surpresa.

Uma das grandes árvores havia sido parcialmente cortada e, ao lado dela, com um machado erguido nas mãos, estava um homem feito inteiramente de lata. Sua cabeça, braços e pernas estavam articulados ao corpo, mas ele permanecia perfeitamente imóvel, como se não pudesse se mexer.

Dorothy olhou para ele espantada, assim como o Espantalho, enquanto Totó latia fortemente e dava uma mordida nas pernas de lata, o que machucou seus dentes.

"Foi você quem gemeu?", perguntou Dorothy.

"Sim", respondeu o homem de lata, "fui eu. Estou gemendo há mais de um ano, e ninguém nunca me ouviu antes ou veio me ajudar."



"O que posso fazer por você?", ela perguntou suavemente, pois ficou comovida com a voz triste com que o homem falava.

"Pegue um lata de óleo e lubrifique minhas juntas", ele respondeu. "Elas estão tão enferrujadas que não consigo movê-las de jeito nenhum; se eu for bem lubrificado, logo estarei bem novamente. Você encontrará uma lata de óleo em uma prateleira na minha cabana."

Dorothy imediatamente correu de volta à cabana e encontrou a lata de óleo, então ela voltou e perguntou ansiosamente: "Onde estão suas juntas?"

"Lubrifique meu pescoço primeiro", respondeu o Homem de Lata. Então ela o lubrificou, e como estava bastante enferrujado, o Espantalho segurou a cabeça de lata e a moveu suavemente de um lado para o outro até que ela se movesse livremente, e então o homem pôde virá-la sozinho.

"Agora lubrifique as juntas dos meus braços", ele disse. E Dorothy as lubrificou e o Espantalho as dobrou cuidadosamente até que ficassem completamente livres de ferrugem e tão boas quanto novas.

O Homem de Lata deu um suspiro de satisfação e abaixou seu machado, que ele apoiou contra a árvore.

"Isso é um grande conforto", ele disse. "Eu estava segurando esse machado no ar desde que enferrujei, e estou feliz por poder finalmente abaixá-lo. Agora, se você lubrificar as juntas das minhas pernas, ficarei bem novamente."

Então eles lubrificaram suas pernas até que ele pudesse movê-las livremente; e ele os agradeceu repetidamente

por sua libertação, pois parecia ser uma criatura muito educada e muito grata.

"Eu poderia ter ficado lá para sempre se vocês não tivessem aparecido", ele disse; "então vocês certamente salvaram minha vida. Como vocês vieram parar aqui?"

"Estamos a caminho da Cidade Esmeralda para ver o Grande Oz", ela respondeu, "e paramos em sua cabana para passar a noite."

"Por que vocês desejam ver Oz?", ele perguntou.

"Eu quero que ele me mande de volta para o Kansas, e o Espantalho quer que ele coloque alguns miolos em sua cabeça", ela respondeu.

O Homem de Lata pareceu pensar profundamente por um momento. Então ele disse:

"Você acha que Oz poderia me dar um coração?"

"Por que não?", Dorothy respondeu. "Seria tão fácil quanto dar cérebro ao Espantalho."

"Verdade", o Homem de Lata retornou. "Então, se vocês me permitirem me juntar ao seu grupo, eu também irei à Cidade Esmeralda e pedirei a Oz que me ajude."

"Venha conosco", disse o Espantalho calorosamente, e Dorothy acrescentou que ficaria feliz em ter sua companhia. Então o Homem de Lata colocou o machado no ombro e todos passaram pela floresta até chegarem à estrada que era pavimentada com tijolos amarelos.

O Homem de Lata pediu a Dorothy para colocar a lata de óleo em sua cesta. "Pois", disse ele, "se eu for pego na chuva e enferrujar novamente, precisarei muito da lata de óleo."

Foi um golpe de sorte ter seu novo companheiro se juntando ao grupo, pois logo depois de terem

recomeçado sua jornada, chegaram a um lugar onde as árvores e os galhos cresciam tão densamente sobre a estrada que os viajantes não conseguiam passar. Mas o Homem de Lata começou a trabalhar com seu machado e cortou tão bem que logo abriu uma passagem para todo o grupo.

Dorothy estava pensando tão seriamente enquanto caminhavam que não percebeu quando o Espantalho tropeçou em um buraco e rolou para o lado da estrada. Na verdade, ele teve que chamá-la para ajudá-lo a se levantar novamente.

"Por que você não contornou o buraco?", perguntou o Homem de Lata.

"Não sei o suficiente", respondeu o Espantalho alegremente. "Minha cabeça está cheia de palha, você sabe, e é por isso que estou indo ver Oz para pedir a ele alguns miolos."

"Ah, entendo", disse o Homem de Lata. "Mas, afinal, cérebros não são as melhores coisas do mundo."

"Você tem algum?", perguntou o Espantalho.

"Não, minha cabeça está completamente vazia", respondeu o Homem de Lata. "Mas uma vez eu tive cérebro, e um coração também; então, tendo experimentado ambos, eu preferiria muito mais ter um coração."

"E por quê?", perguntou o Espantalho.

"Vou contar minha história, e então você saberá."

Então, enquanto caminhavam pela floresta, o Homem de Lata contou a seguinte história:

"Eu nasci filho de um lenhador que cortava árvores na floresta e vendia a madeira para viver. Quando cresci,

também me tornei um lenhador, e depois que meu pai morreu, cuidei de minha velha mãe enquanto ela viveu. Então decidi que, em vez de viver sozinho, me casaria, para não ficar solitário.

"Havia uma das garotas Munchkin que era tão bonita que logo me apaixonei por ela de todo o coração. Ela, por sua vez, prometeu se casar comigo assim que eu ganhasse dinheiro suficiente para construir uma casa melhor para ela; então me dediquei ao trabalho com mais afinco do que nunca. Mas a garota morava com uma velha que não queria que ela se casasse com ninguém, pois era tão preguiçosa que desejava que a garota ficasse com ela para cozinhar e fazer o trabalho doméstico. Então a velha foi até a Bruxa Malvada do Leste e prometeu duas ovelhas e uma vaca se ela impedisse o casamento. Com isso, a Bruxa Malvada enfeitiçou meu machado, e quando eu estava cortando com todo o empenho um dia, pois estava ansioso para ter a nova casa e minha esposa o mais rápido possível, o machado escorregou de repente e cortou minha perna esquerda.

"Isso a princípio pareceu uma grande desgraça, pois eu sabia que um homem com uma perna só não se sairia muito bem como lenhador. Então fui a um funileiro e pedi que ele me fizesse uma nova perna de lata. A perna funcionou muito bem, depois que me acostumei com ela. Mas minha ação enfureceu a Bruxa Malvada do Leste, pois ela havia prometido à velha que eu não me casaria com a bela garota Munchkin. Quando comecei a cortar novamente, meu machado escorregou e cortou minha perna direita. Novamente fui ao funileiro, e

novamente ele me fez uma perna de lata. Depois disso, o machado enfeitiçado cortou meus braços, um após o outro; mas, sem desanimar, os substituí por braços de lata. A Bruxa Malvada então fez o machado escorregar e cortar minha cabeça, e a princípio pensei que fosse o fim para mim. Mas o funileiro por acaso passou por lá e me fez uma nova cabeça de lata.

"Pensei que tinha vencido a Bruxa Malvada então, e trabalhei mais do que nunca; mas eu mal sabia quão cruel minha inimiga poderia ser. Ela pensou em uma nova maneira de matar meu amor pela bela donzela Munchkin e fez meu machado escorregar novamente, de modo que ele cortou direto através do meu corpo, me dividindo em duas metades. Mais uma vez o funileiro veio em meu auxílio e me fez um corpo de lata, fixando meus braços, pernas e cabeça de lata nele, por meio de juntas, para que eu pudesse me mover tão bem quanto antes. Mas, ai de mim! Agora eu não tinha coração, então perdi todo o meu amor pela garota Munchkin e não me importava mais se me casava com ela ou não. Suponho que ela ainda esteja vivendo com a velha, esperando que eu vá buscá-la.

"Meu corpo brilhava tanto ao sol que me senti muito orgulhoso dele e não importava mais se meu machado escorregasse, pois não poderia me cortar. Havia apenas um perigo - que minhas juntas enferrujassem; mas eu mantinha uma lata de óleo em minha cabana e cuidava de me lubrificar sempre que precisava. No entanto, chegou um dia em que me esqueci de fazer isso e, sendo pego em uma tempestade, antes que eu pensasse no perigo, minhas juntas haviam enferrujado, e fui

deixado em pé na floresta até que vocês viessem me ajudar. Foi uma coisa terrível de passar, mas durante o ano em que fiquei lá, tive tempo para pensar que a maior perda que eu havia conhecido era a perda do meu coração. Enquanto eu estava apaixonado, era o homem mais feliz da terra; mas ninguém pode amar sem ter um coração, e por isso estou decidido a pedir a Oz que me dê um. Se ele o fizer, voltarei para a donzela Munchkin e me casarei com ela."

Tanto Dorothy quanto o Espantalho ficaram muito interessados na história do Homem de Lata, e agora eles sabiam por que ele estava tão ansioso para obter um novo coração.

"Mesmo assim", disse o Espantalho, "eu pedirei um cérebro em vez de um coração; pois um tolo não saberia o que fazer com um coração se tivesse um."

"Eu ficarei com o coração", respondeu o Homem de Lata; "pois o cérebro não torna ninguém feliz, e a felicidade é a melhor coisa do mundo."

Dorothy não disse nada, pois estava confusa em saber qual de seus dois amigos estava certo, e decidiu que se pudesse apenas voltar para o Kansas e para a tia Em, não importava tanto se o Homem de Lata não tinha cérebro e o Espantalho não tinha coração, ou se cada um conseguisse o que queria.

O que mais a preocupava era que o pão estava quase acabando, e outra refeição para ela e Totó esvaziaria a cesta. Para ser sincera, nem o Homem de Lata nem o Espantalho comiam nada, mas ela não era feita de lata nem de palha, e não poderia viver a menos que fosse alimentada.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O Leão covarde (6/24)

Todo esse tempo Dorothy e seus companheiros estavam caminhando pela floresta densa. A estrada ainda era pavimentada com tijolos amarelos, mas estes estavam muito cobertos por galhos secos e folhas mortas das árvores, e o caminhar não estava nada bom.

Havia poucos pássaros nesta parte da floresta, pois os pássaros amam o campo aberto onde há bastante sol. Mas de vez em quando vinha um rosnado profundo de algum animal selvagem escondido entre as árvores. Esses sons faziam o coração da menina bater rápido, pois ela não sabia o que os causava; mas Totó sabia, e ele caminhava perto do lado de Dorothy, e nem sequer latia em resposta.

"Quanto tempo vai levar," a criança perguntou ao Homem de Lata, "antes de sairmos da floresta?"

"Não posso dizer," foi a resposta, "pois nunca estive na Cidade das Esmeraldas. Mas meu pai foi lá uma vez, quando eu era menino, e ele disse que era uma longa jornada através de um país perigoso, embora mais perto da cidade onde Oz mora o país seja bonito. Mas não tenho medo enquanto tiver minha lata de óleo, e nada pode machucar o Espantalho, enquanto você carrega em sua testa a marca do beijo da Bruxa Boa, e isso a protegerá do mal."

"Mas e o Totó!" disse a menina ansiosamente. "O que o protegerá?"

"Nós mesmos devemos protegê-lo se ele estiver em perigo," respondeu o Homem de Lata.

Assim que ele falou, veio da floresta um rugido terrível, e no momento seguinte um grande Leão saltou para a estrada. Com um golpe de sua pata ele mandou o Espantalho girando várias vezes para a beira da estrada, e então atacou o Homem de Lata com suas garras afiadas. Mas, para surpresa do Leão, ele não conseguiu fazer nenhuma impressão na lata, embora o Homem de Lata tenha caído na estrada e ficado imóvel.

O pequeno Totó, agora que tinha um inimigo para enfrentar, correu latindo em direção ao Leão, e a grande fera tinha aberto sua boca para morder o cão, quando Dorothy, temendo que Totó fosse morto, e sem se importar com o perigo, correu para frente e bateu no nariz do Leão com toda força que pôde, enquanto gritava:

"Não ouse morder o Totó! Você deveria ter vergonha de si mesmo, uma fera grande como você, morder um pobre cachorrinho!"



"Eu não o mordi," disse o Leão, enquanto esfregava seu nariz com a pata onde Dorothy o tinha atingido.

"Não, mas você tentou," ela retrucou. "Você não passa de um grande covarde."

"Eu sei disso," disse o Leão, abaixando a cabeça envergonhado. "Sempre soube. Mas como posso evitar?"

"Não sei, com certeza. Pensar que você atacou um homem empalhado, como o pobre Espantalho!"

"Ele é empalhado?" perguntou o Leão surpreso, enquanto a observava pegar o Espantalho e colocá-lo de pé, enquanto ela o ajeitava novamente.

"Claro que ele é empalhado," respondeu Dorothy, que ainda estava zangada.

"É por isso que ele caiu tão facilmente," comentou o Leão. "Fiquei espantado em vê-lo girar assim. O outro também é empalhado?"

"Não," disse Dorothy, "ele é feito de lata." E ela ajudou o Homem de Lata a se levantar novamente.

"É por isso que quase amassou minhas garras," disse o Leão. "Quando elas arranharam contra a lata, senti um arrepio frio nas costas. O que é aquele animalzinho por quem você é tão carinhosa?"

"Ele é meu cão, Totó," respondeu Dorothy.

"Ele é feito de lata, ou empalhado?" perguntou o Leão.

"Nenhum dos dois. Ele é um... um... um cão de carne," disse a menina.

"Oh! Ele é um animal curioso e parece notavelmente pequeno, agora que olho para ele. Ninguém pensaria em morder uma coisinha dessas, exceto um covarde como eu," continuou o Leão tristemente.

"O que faz de você um covarde?" perguntou Dorothy, olhando para a grande fera com espanto, pois ele era tão grande quanto um cavalo pequeno.

"É um mistério," respondeu o Leão. "Suponho que nasci assim. Todos os outros animais da floresta naturalmente esperam que eu seja corajoso, pois o Leão é considerado em todo lugar o Rei dos Animais. Aprendi que se eu rugisse muito alto, todo ser vivo ficava assustado e saía do meu caminho. Sempre que encontrei um homem fiquei terrivelmente assustado; mas apenas rugi para ele, e ele sempre fugiu o mais rápido que pôde. Se os elefantes, os tigres e os ursos alguma vez tivessem tentado lutar comigo, eu mesmo teria fugido - sou tão covarde; mas assim que eles me ouvem rugir, todos tentam fugir de mim, e é claro que eu os deixo ir."

"Mas isso não está certo. O Rei dos Animais não deveria ser um covarde," disse o Espantalho.

"Eu sei disso," respondeu o Leão, enxugando uma lágrima do olho com a ponta da cauda. "É minha grande tristeza, e torna minha vida muito infeliz. Mas sempre que há perigo, meu coração começa a bater rápido."

"Talvez você tenha uma doença cardíaca," disse o Homem de Lata.

"Pode ser," disse o Leão.

"Se você tiver," continuou o Homem de Lata, "você deveria ficar feliz, pois isso prova que você tem um coração. Da minha parte, não tenho coração; então não posso ter doença cardíaca."

"Talvez," disse o Leão pensativo, "se eu não tivesse coração, não seria um covarde."

"Você tem cérebro?" perguntou o Espantalho.

"Suponho que sim. Nunca olhei para ver," respondeu o Leão.

"Eu vou até o Grande Oz para pedir que ele me dê um," observou o Espantalho, "porque minha cabeça está cheia de palha."

"E eu vou pedir a ele que me dê um coração," disse o Homem de Lata.

"E eu vou pedir a ele que mande Totó e eu de volta para o Kansas," acrescentou Dorothy.

"Você acha que Oz poderia me dar coragem?" perguntou o Leão Covarde.

"Tão facilmente quanto ele poderia me dar um cérebro," disse o Espantalho.

"Ou me dar um coração," disse o Homem de Lata.

"Ou me mandar de volta para o Kansas," disse Dorothy.

"Então, se vocês não se importarem, irei com vocês," disse o Leão, "porque minha vida é simplesmente insuportável sem um pouco de coragem."

"Você será muito bem-vindo," respondeu Dorothy, "pois você ajudará a manter longe os outros animais selvagens. Parece-me que eles devem ser mais covardes do que você se permite que você os assuste tão facilmente."

"Eles realmente são," disse o Leão, "mas isso não me torna mais corajoso, e enquanto eu me conhecer como um covarde, serei infeliz."

Então, mais uma vez o pequeno grupo partiu para a jornada, o Leão caminhando com passos majestosos ao lado de Dorothy. Totó não aprovou este novo companheiro no início, pois não podia esquecer o quão perto esteve de ser esmagado entre as grandes mandíbulas do Leão. Mas depois de um tempo ele ficou

mais à vontade, e logo Totó e o Leão Covarde se tornaram bons amigos.

Durante o resto daquele dia não houve outra aventura para perturbar a paz de sua jornada. Uma vez, de fato, o Homem de Lata pisou em um besouro que estava rastejando pela estrada e matou a pobre coisinha. Isso deixou o Homem de Lata muito infeliz, pois ele sempre tinha cuidado para não machucar nenhuma criatura viva; e enquanto caminhava, ele derramou várias lágrimas de tristeza e arrependimento. Essas lágrimas escorreram lentamente pelo seu rosto e sobre as dobradiças de sua mandíbula, e lá enferrujaram. Quando Dorothy logo depois lhe fez uma pergunta, o Homem de Lata não pôde abrir a boca, pois suas mandíbulas estavam firmemente enferrujadas. Ele ficou muito assustado com isso e fez muitos gestos para Dorothy para aliviá-lo, mas ela não pôde entender. O Leão também ficou intrigado para saber o que estava errado. Mas o Espantalho pegou a lata de óleo da cesta de Dorothy e lubrificou as mandíbulas do Homem de Lata, de modo que após alguns momentos ele pôde falar tão bem quanto antes.

"Isso me servirá de lição," disse ele, "para olhar onde piso. Pois se eu matar outro inseto ou besouro, certamente chorarei novamente, e chorar enferruja minhas mandíbulas de modo que não posso falar."

A partir de então, ele caminhou muito cuidadosamente, com os olhos na estrada, e quando via uma formiguinha trabalhando, ele passava por cima dela, para não machucá-la. O Homem de Lata sabia muito bem que não tinha coração e, portanto, tomava muito cuidado para nunca ser cruel ou indelicado com nada.

"Vocês, pessoas com corações," ele disse, "têm algo para guiá-los e nunca precisam fazer algo errado; mas eu não tenho coração, então devo ser muito cuidadoso. Quando Oz me der um coração, é claro que não precisarei me preocupar tanto."

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: A jornada para o Grande Oz (7/24)

Eles foram obrigados a acampar naquela noite sob uma grande árvore na floresta, pois não havia casas por perto. A árvore fornecia uma boa e espessa cobertura para protegê-los do orvalho, e o Homem de Lata cortou uma grande pilha de madeira com seu machado e Dorothy fez uma esplêndida fogueira que a aqueceu e a fez se sentir menos solitária. Ela e Totó comeram o resto do pão, e agora ela não sabia o que fariam para o café da manhã.

"Se você quiser," disse o Leão, "eu irei à floresta e matarei um cervo para você. Você pode assá-lo no fogo, já que seus gostos são tão peculiares que você prefere comida cozida, e então terá um café da manhã muito bom."

"Não! Por favor, não," implorou o Homem de Lata. "Eu certamente choraria se você matasse um pobre cervo, e então minhas mandíbulas enferrujaram novamente."

Mas o Leão foi para a floresta e encontrou sua própria ceia, e ninguém nunca soube o que era, pois ele não mencionou. E o Espantalho encontrou uma árvore cheia de nozes e encheu a cesta de Dorothy com elas, para que ela não ficasse com fome por um bom tempo. Ela achou isso muito gentil e atencioso da parte do Espantalho, mas riu de coração com a maneira

desajeitada com que a pobre criatura pegava as nozes. Suas mãos acolchoadas eram tão desajeitadas e as nozes eram tão pequenas que ele deixava cair quase tantas quanto colocava na cesta. Mas o Espantalho não se importava com o tempo que levava para encher a cesta, pois isso lhe permitia manter-se longe do fogo, já que temia que uma faísca pudesse entrar em sua palha e queimá-lo. Então ele se manteve a uma boa distância das chamas, e só se aproximou para cobrir Dorothy com folhas secas quando ela se deitou para dormir. Isso a manteve muito aconchegada e aquecida, e ela dormiu profundamente até a manhã.

Quando amanheceu, a menina lavou o rosto em um pequeno riacho ondulante, e logo depois todos partiram em direção à Cidade Esmeralda.

Este seria um dia cheio de acontecimentos para os viajantes. Eles mal tinham caminhado por uma hora quando viram à sua frente uma grande vala que cruzava a estrada e dividia a floresta até onde podiam ver de ambos os lados. Era uma vala muito larga, e quando eles se aproximaram da borda e olharam para dentro, puderam ver que também era muito profunda, e havia muitas rochas grandes e irregulares no fundo. As laterais eram tão íngremes que nenhum deles conseguia descer, e por um momento pareceu que a jornada deles deveria terminar.

"O que vamos fazer?" perguntou Dorothy desesperadamente.

"Não tenho a menor ideia," disse o Homem de Lata, e o Leão sacudiu sua juba desgrenhada e pareceu pensativo.

Mas o Espantalho disse: "Não podemos voar, isso é certo. Também não podemos descer para esta grande vala. Portanto, se não pudermos pular por cima, devemos parar onde estamos."

"Acho que poderia pular por cima," disse o Leão Covarde, depois de medir cuidadosamente a distância em sua mente.

"Então estamos bem," respondeu o Espantalho, "pois você pode nos carregar todos nas suas costas, um de cada vez."

"Bem, vou tentar," disse o Leão. "Quem vai primeiro?"

"Eu vou," declarou o Espantalho, "pois, se você descobrir que não pode pular sobre o abismo, Dorothy seria morta, ou o Homem de Lata ficaria muito amassado nas rochas abaixo. Mas se eu estiver nas suas costas, não importará tanto, pois a queda não me machucaria de jeito nenhum."

"Eu estou terrivelmente com medo de cair, eu mesmo," disse o Leão Covarde, "mas suponho que não há nada a fazer além de tentar. Então suba nas minhas costas e faremos a tentativa."

O Espantalho sentou-se nas costas do Leão, e o grande animal caminhou até a beira do abismo e se agachou.

"Por que você não corre e pula?" perguntou o Espantalho.

"Porque não é assim que nós, Leões, fazemos essas coisas," ele respondeu. Então, dando um grande salto, ele atravessou o ar e pousou em segurança do outro lado. Todos ficaram muito satisfeitos em ver como ele fez isso facilmente, e depois que o Espantalho desceu de suas costas, o Leão saltou novamente sobre a vala.

Dorothy pensou que iria em seguida; então ela pegou Totó em seus braços e subiu nas costas do Leão, segurando-se firmemente à sua juba com uma mão. No momento seguinte, parecia que ela estava voando pelo ar; e então, antes que ela tivesse tempo de pensar nisso, estava em segurança do outro lado. O Leão voltou uma terceira vez e pegou o Homem de Lata, e então todos se sentaram por alguns momentos para dar ao animal uma chance de descansar, pois seus grandes saltos tinham deixado sua respiração curta, e ele ofegava como um grande cão que correu demais.

Eles acharam a floresta muito densa deste lado, e parecia escura e sombria. Depois que o Leão descansou, eles seguiram pela estrada de tijolos amarelos, silenciosamente se perguntando, cada um em sua própria mente, se algum dia chegariam ao fim da floresta e alcançariam a luz do sol novamente. Para aumentar seu desconforto, logo ouviram ruídos estranhos nas profundezas da floresta, e o Leão sussurrou para eles que era nesta parte do país que os Kalidahs viviam.

"O que são os Kalidahs?" perguntou a menina.

"Eles são bestas monstruosas com corpos como ursos e cabeças como tigres," respondeu o Leão, "e com garras tão longas e afiadas que poderiam me rasgar em dois tão facilmente quanto eu poderia matar Totó. Estou terrivelmente com medo dos Kalidahs."

"Não estou surpresa que você esteja," respondeu Dorothy. "Eles devem ser feras terríveis."

O Leão estava prestes a responder quando de repente chegaram a outro abismo atravessando a estrada. Mas

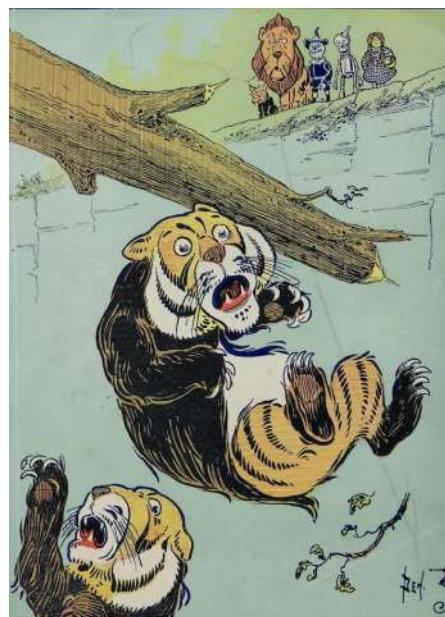
este era tão largo e profundo que o Leão sabia imediatamente que não poderia pular sobre ele. Então eles se sentaram para considerar o que deveriam fazer, e após um pensamento sério, o Espantalho disse: "Aqui está uma grande árvore, perto da vala. Se o Homem de Lata puder derrubá-la, de modo que caia para o outro lado, poderemos caminhar facilmente sobre ela."

"Essa é uma ideia de primeira," disse o Leão. "Quase se suspeitaria que você tivesse cérebro na cabeça, em vez de palha."

O Homem de Lata começou a trabalhar imediatamente, e tão afiado era seu machado que a árvore logo foi cortada quase completamente. Então o Leão colocou suas fortes pernas dianteiras contra a árvore e empurrou com toda a sua força, e lentamente a grande árvore inclinou-se e caiu com um estrondo sobre a vala, com seus galhos superiores do outro lado. Eles tinham acabado de começar a atravessar esta ponte quando um rosnado agudo os fez olhar para cima, e para seu horror viram correndo em sua direção duas grandes feras com corpos como ursos e cabeças como tigres.

"São os Kalidahs!" disse o Leão Covarde, começando a tremer.

"Rápido!" gritou o Espantalho. "Vamos atravessar."



Então Dorothy foi primeiro, segurando Totó em seus braços, o Homem de Lata seguiu, e o Espantalho veio em seguida. O Leão, embora certamente estivesse com medo, virou-se para enfrentar os Kalidahs, e então ele deu um rugido tão alto e terrível que Dorothy gritou e o Espantalho caiu para trás, enquanto até mesmo as feras ferozes pararam de repente e olharam para ele surpresas.

Mas, vendo que eram maiores que o Leão, e lembrando que havia dois deles e apenas um dele, os Kalidahs avançaram novamente, e o Leão atravessou a árvore e se virou para ver o que eles fariam a seguir. Sem parar um instante, as feras ferozes também começaram a atravessar a árvore. E o Leão disse a Dorothy:

"Estamos perdidos, pois eles certamente nos rasgarão em pedaços com suas garras afiadas. Mas fique bem atrás de mim, e lutarei contra eles enquanto estiver vivo."

"Espere um minuto!" chamou o Espantalho. Ele estava pensando no que seria melhor fazer, e agora pediu ao Homem de Lata para cortar a extremidade da árvore que repousava do lado deles da vala. O Homem de Lata começou a usar seu machado imediatamente e, justo quando os dois Kalidahs estavam quase atravessando, a árvore caiu com um estrondo no abismo, levando as feras feias e rosnadoras com ela, e ambas foram despedaçadas nas rochas afiadas no fundo.

"Bem," disse o Leão Covarde, dando um longo suspiro de alívio, "vejo que vamos viver um pouco mais, e estou feliz com isso, pois deve ser uma coisa muito desconfortável

não estar vivo. Essas criaturas me assustaram tanto que meu coração ainda está batendo."

"Ah," disse o Homem de Lata tristemente, "eu gostaria de ter um coração para bater."

Esta aventura deixou os viajantes ainda mais ansiosos para sair da floresta, e eles caminharam tão rápido que Dorothy ficou cansada e teve que andar nas costas do Leão. Para sua grande alegria, as árvores ficaram mais escassas à medida que avançavam, e à tarde eles de repente chegaram a um rio largo, fluindo rapidamente à sua frente. Do outro lado da água, eles podiam ver a estrada de tijolos amarelos correndo por um belo país, com prados verdes pontilhados de flores brilhantes e toda a estrada bordeada por árvores carregadas de frutas deliciosas. Eles ficaram muito satisfeitos em ver este país encantador diante deles.

"Como vamos atravessar o rio?" perguntou Dorothy.

"Isso é fácil de fazer," respondeu o Espantalho. "O Homem de Lata deve construir uma jangada para nós, para que possamos flutuar até o outro lado."

Então o Homem de Lata pegou seu machado e começou a derrubar pequenas árvores para fazer uma jangada, e enquanto ele estava ocupado com isso, o Espantalho encontrou na margem do rio uma árvore cheia de frutas finas. Isso agradou Dorothy, que não tinha comido nada além de nozes o dia todo, e ela fez uma refeição farta com as frutas maduras.

Mas leva tempo para fazer uma jangada, mesmo quando se é tão industrioso e incansável quanto o Homem de Lata, e quando a noite chegou, o trabalho não estava terminado. Então eles encontraram um lugar

aconchegante sob as árvores onde dormiram bem até a manhã; e Dorothy sonhou com a Cidade Esmeralda e com o bom Mágico de Oz, que logo a enviaria de volta para sua própria casa.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O mortal campo de papoulas (8/24)

Nossa pequena comitiva de viajantes acordou na manhã seguinte revigorada e cheia de esperança, e Dorothy tomou café da manhã como uma princesa com pêssegos e ameixas das árvores à beira do rio. Atrás deles estava a floresta escura que haviam atravessado em segurança, embora tivessem sofrido muitos desânimos; mas diante deles havia um lindo país ensolarado que parecia chamá-los para a Cidade Esmeralda.

É verdade que o largo rio agora os separava dessa bela terra. Mas a jangada estava quase pronta, e depois que o Homem de Lata cortou mais alguns troncos e os amarrou com pinos de madeira, eles estavam prontos para partir. Dorothy sentou-se no meio da jangada e segurou Totó em seus braços. Quando o Leão Covarde pisou na jangada, ela inclinou-se perigosamente, pois ele era grande e pesado; mas o Espantalho e o Homem de Lata ficaram na outra extremidade para equilibrá-la, e tinham longos postes nas mãos para empurrar a jangada através da água.

Eles se saíram muito bem no início, mas quando chegaram ao meio do rio, a forte correnteza arrastou a jangada rio abaixo, cada vez mais longe da estrada de

tijolos amarelos. E a água ficou tão profunda que os longos postes não tocavam mais o fundo.

"Isso é ruim", disse o Homem de Lata, "pois se não conseguirmos chegar à terra, seremos levados para o país da Bruxa Má do Oeste, e ela nos enfeitiçará e nos transformará em seus escravos."

"E então eu não ganharia um cérebro", disse o Espantalho.

"E eu não ganharia coragem", disse o Leão Covarde.

"E eu não ganharia um coração", disse o Homem de Lata.

"E eu nunca voltaria para o Kansas", disse Dorothy.

"Certamente devemos chegar à Cidade Esmeralda se pudermos", continuou o Espantalho, e ele empurrou tão forte com seu longo poste que este ficou preso na lama no fundo do rio. Então, antes que ele pudesse puxá-lo de volta - ou soltá-lo - a jangada foi levada, e o pobre Espantalho ficou agarrado ao poste no meio do rio.

"Adeus!", ele gritou para eles, e eles ficaram muito tristes por deixá-lo. Na verdade, o Homem de Lata começou a chorar, mas felizmente lembrou-se que poderia enferrujar, e então secou suas lágrimas no avental de Dorothy.

É claro que isso foi uma coisa ruim para o Espantalho.

"Agora estou em pior situação do que quando encontrei Dorothy pela primeira vez", ele pensou. "Naquela época, eu estava preso em um poste em um milharal, onde pelo menos podia fingir assustar os corvos. Mas certamente não há utilidade para um Espantalho preso em um poste no meio de um rio. Temo que nunca terei um cérebro, afinal!"

Rio abaixo a jangada flutuou, e o pobre Espantalho ficou muito para trás. Então o Leão disse:

"Algo precisa ser feito para nos salvar. Acho que posso nadar até a margem e puxar a jangada atrás de mim, se vocês se segurarem firme na ponta do meu rabo."

Então ele pulou na água, e o Homem de Lata segurou firmemente seu rabo. O Leão começou a nadar com toda a sua força em direção à margem. Foi um trabalho árduo, embora ele fosse tão grande; mas pouco a pouco eles foram puxados para fora da correnteza, e então Dorothy pegou o longo poste do Homem de Lata e ajudou a empurrar a jangada para a terra.

Todos estavam exaustos quando finalmente chegaram à margem e pisaram na bela grama verde, e também sabiam que a correnteza os havia levado para muito longe da estrada de tijolos amarelos que levava à Cidade Esmeralda.

"O que faremos agora?", perguntou o Homem de Lata, enquanto o Leão se deitava na grama para deixar o sol secá-lo.

"Precisamos voltar para a estrada de alguma forma", disse Dorothy.

"O melhor plano será caminhar ao longo da margem do rio até chegarmos novamente à estrada", observou o Leão.

Então, quando estavam descansados, Dorothy pegou sua cesta e eles começaram a andar pela margem gramada, em direção à estrada da qual o rio os havia afastado. Era um lindo país, com muitas flores, árvores frutíferas e sol para animá-los, e se não estivessem tão tristes pelo pobre Espantalho, poderiam ter ficado muito felizes.

Eles caminharam o mais rápido que puderam, Dorothy parando apenas uma vez para colher uma bela flor; e após algum tempo, o Homem de Lata gritou: "Olhem!" Então todos olharam para o rio e viram o Espantalho empoleirado em seu poste no meio da água, parecendo muito solitário e triste.

"O que podemos fazer para salvá-lo?", perguntou Dorothy.

O Leão e o Homem de Lata balançaram a cabeça, pois não sabiam. Então eles se sentaram na margem e olharam melancolicamente para o Espantalho até que uma Cegonha passou voando, que, ao vê-los, parou para descansar à beira da água.

"Quem são vocês e para onde estão indo?", perguntou a Cegonha.

"Eu sou Dorothy", respondeu a menina, "e estes são meus amigos, o Homem de Lata e o Leão Covarde; e estamos indo para a Cidade Esmeralda."

"Este não é o caminho", disse a Cegonha, torcendo seu longo pescoço e olhando atentamente para o estranho grupo.

"Eu sei", respondeu Dorothy, "mas perdemos o Espantalho e estamos pensando em como poderemos recuperá-lo."

"Onde ele está?", perguntou a Cegonha.

"Ali no rio", respondeu a menina.

"Se ele não fosse tão grande e pesado, eu o pegaria para vocês", observou a Cegonha.

"Ele não é nada pesado", disse Dorothy ansiosamente, "pois é recheado de palha; e se você o trouxer de volta para nós, ficaremos eternamente gratos."

"Bem, vou tentar", disse a Cegonha, "mas se eu achar que ele é pesado demais para carregar, terei que deixá-lo cair no rio novamente."

Então a grande ave voou pelo ar e sobre a água até chegar onde o Espantalho estava empoleirado em seu poste. A Cegonha, com suas grandes garras, agarrou o Espantalho pelo braço e o carregou pelo ar de volta à margem, onde Dorothy, o Leão, o Homem de Lata e Totó estavam sentados.

Quando o Espantalho se viu novamente entre seus amigos, ficou tão feliz que os abraçou a todos, até mesmo o Leão e Totó; e enquanto caminhavam, ele cantava "Tol-de-ri-de-oh!" a cada passo, de tão feliz que estava.

"Eu temia ter que ficar no rio para sempre", ele disse, "mas a gentil Cegonha me salvou, e se eu algum dia conseguir um cérebro, encontrarei a Cegonha novamente e farei algo gentil em retribuição."

"Tudo bem", disse a Cegonha, que estava voando ao lado deles. "Eu sempre gosto de ajudar quem está em apuros. Mas preciso ir agora, pois meus bebês estão esperando por mim no ninho. Espero que vocês encontrem a Cidade Esmeralda e que Oz possa ajudá-los."

"Obrigada", respondeu Dorothy, e então a gentil Cegonha voou pelo ar e logo desapareceu de vista.

Eles caminharam ouvindo o canto dos pássaros coloridos e olhando para as lindas flores que agora se tornavam tão abundantes que o chão estava coberto por elas.

Havia grandes flores amarelas, brancas, azuis e roxas, além de grandes aglomerados de papoulas escarlates,

que eram tão brilhantes em cor que quase ofuscavam os olhos de Dorothy.

"Elas não são lindas?", perguntou a menina, enquanto respirava o perfume picante das flores brilhantes.

"Suponho que sim", respondeu o Espantalho. "Quando eu tiver um cérebro, provavelmente gostarei mais delas."

"Se eu tivesse um coração, eu as amaria", acrescentou o Homem de Lata.

"Eu sempre gostei de flores", disse o Leão. "Elas parecem tão indefesas e frágeis. Mas não há nenhuma na floresta tão brilhante quanto estas."

Agora eles encontravam cada vez mais das grandes papoulas escarlates e cada vez menos das outras flores; e logo se viram no meio de um grande campo de papoulas. Ora, é bem conhecido que quando há muitas dessas flores juntas, seu odor é tão poderoso que qualquer um que o respire cai no sono, e se o adormecido não for levado para longe do aroma das flores, ele dorme para sempre. Mas Dorothy não sabia disso, nem podia se afastar das flores vermelhas brilhantes que estavam por toda parte ao seu redor; então seus olhos ficaram pesados e ela sentiu que precisava se sentar para descansar e dormir. Mas o Homem de Lata não deixou que ela fizesse isso.

"Precisamos nos apressar e voltar para a estrada de tijolos amarelos antes que escureça", ele disse; e o Espantalho concordou com ele. Então eles continuaram caminhando



até que Dorothy não aguentou mais. Seus olhos se fecharam apesar de seus esforços e ela esqueceu onde estava e caiu entre as papoulas, profundamente adormecida.

"O que faremos?", perguntou o Homem de Lata.

"Se a deixarmos aqui, ela morrerá", disse o Leão. "O cheiro das flores está nos matando a todos. Eu mesmo mal consigo manter meus olhos abertos, e o cachorro já está dormindo."

Era verdade; Totó havia caído ao lado de sua pequena dona. Mas o Espantalho e o Homem de Lata, não sendo feitos de carne, não eram afetados pelo aroma das flores.

"Corra rápido", disse o Espantalho ao Leão, "e saia deste campo de flores mortais o mais rápido que puder.

Levaremos a menina conosco, mas se você adormecer, será grande demais para ser carregado."

Então o Leão se levantou e avançou o mais rápido que

pôde. Em um momento, ele estava fora de vista.

"Vamos fazer uma cadeira com nossas mãos e carregá-la", disse o Espantalho. Então eles pegaram Totó e colocaram o cachorro no colo de Dorothy, e depois fizeram uma cadeira com suas mãos para o assento e seus braços para os braços da

cadeira, e carregaram a menina adormecida entre eles através das flores.



Eles caminharam e caminharam, e parecia que o grande tapete de flores mortais que os cercava nunca acabaria. Eles seguiram a curva do rio e, finalmente, encontraram seu amigo Leão, profundamente adormecido entre as papoulas. As flores haviam sido fortes demais para a enorme fera e ele havia desistido por fim, caindo a uma curta distância do fim do campo de papoulas, onde a doce grama se estendia em belos campos verdes diante deles.

"Não podemos fazer nada por ele", disse o Homem de Lata, tristemente; "pois ele é pesado demais para levantarmos. Devemos deixá-lo aqui para dormir para sempre, e talvez ele sonhe que finalmente encontrou coragem."

"Sinto muito", disse o Espantalho. "O Leão era um ótimo companheiro para alguém tão covarde. Mas vamos em frente."

Eles carregaram a menina adormecida para um lindo lugar à beira do rio, longe o suficiente do campo de papoulas para evitar que ela respirasse mais do veneno das flores, e aqui a colocaram gentilmente na grama macia e esperaram que a brisa fresca a acordasse.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: A rainha dos ratos do campo (9/24)

"Não devemos estar longe da estrada de tijolos amarelos agora," observou o Espantalho, enquanto estava ao lado da menina, "pois já viemos quase tão longe quanto o rio nos levou."

O Homem de Lata estava prestes a responder quando ouviu um rosnado baixo e, virando a cabeça (que funcionava maravilhosamente em dobradiças), viu uma estranha fera saltando pela grama em direção a eles. Era um grande Gato Selvagem amarelo, e o Homem de Lata pensou que devia estar perseguindo algo, pois suas orelhas estavam coladas à cabeça e sua boca estava bem aberta, mostrando duas fileiras de dentes feios, enquanto seus olhos vermelhos brilhavam como bolas de fogo. À medida que se aproximava, o Homem de Lata viu que correndo à frente da fera estava um pequeno rato cinzento do campo e, embora não tivesse coração, ele sabia que era errado o Gato Selvagem tentar matar uma criatura tão bonita e inofensiva.

Então o Homem de Lata ergueu seu machado e, quando o Gato Selvagem passou correndo, ele deu um golpe rápido que cortou a cabeça da fera de forma limpa do corpo, e ela rolou aos seus pés em duas partes.

O rato do campo, agora livre de seu inimigo, parou de repente; e aproximando-se lentamente do Homem de Lata, disse, com uma voz esganiçada:

"Oh, obrigado! Muito obrigado por salvar minha vida."

"Não mencione isso, eu imploro," respondeu o Homem de Lata. "Eu não tenho coração, sabe, então tenho cuidado em ajudar todos aqueles que possam precisar de um amigo, mesmo que seja apenas um rato."

"Apenas um rato!" exclamou o pequeno animal, indignado.

"Ora, eu sou uma Rainha - a Rainha de todos os ratos do Campo!"

"Ah, de fato," disse o Homem de Lata, fazendo uma reverência.

"Portanto, você fez um grande feito, além de um ato corajoso, ao salvar minha vida," acrescentou a Rainha. Naquele momento, vários ratos foram vistos correndo o mais rápido que suas pequenas pernas podiam carregar, e quando viram sua Rainha, exclamaram:

"Oh, Vossa Majestade, pensamos que você seria morta! Como conseguiu escapar do grande Gato Selvagem?"

Todos se curvaram tão baixo para a pequena Rainha que quase ficaram de cabeça para baixo.

"Este engraçado homem de lata," ela respondeu, "matou o Gato Selvagem e salvou minha vida. Então, de agora em diante, todos vocês devem servi-lo e obedecer ao seu menor desejo."

"Nós o faremos!" gritaram todos os ratos, em um coro agudo. E então eles se espalharam em todas as direções, pois Totó havia acordado de seu sono e, vendo todos esses ratos ao seu redor, deu um latido de alegria e pulou bem no meio do grupo. Totó sempre adorou

perseguir ratos quando vivia no Kansas, e não via mal nisso.

Mas o Homem de Lata pegou o cão em seus braços e o segurou firme, enquanto chamava os ratos: "Voltem! Voltem! Totó não vai machucar vocês."

Com isso, a Rainha dos ratos colocou a cabeça para fora de baixo de um tufo de grama e perguntou, com uma voz tímida: "Tem certeza de que ele não vai nos morder?"

"Eu não vou deixar," disse o Homem de Lata; "então não tenham medo."

Um por um, os ratos foram voltando lentamente, e Totó não latiu novamente, embora tentasse sair dos braços do Homem de Lata, e teria mordido ele se não soubesse muito bem que era feito de lata. Finalmente, um dos maiores ratos falou.

"Há algo que possamos fazer," perguntou, "para retribuir por salvar a vida de nossa Rainha?"

"Nada que eu saiba," respondeu o Homem de Lata; mas o Espantalho, que estava tentando pensar, mas não conseguia porque sua cabeça estava cheia de palha, disse rapidamente: "Ah, sim; vocês podem salvar nosso amigo, o Leão Covarde, que está dormindo no campo de papoulas."

"Um Leão!" exclamou a pequena Rainha. "Ora, ele nos comeria todos."

"Oh, não," declarou o Espantalho; "este Leão é um covarde."

"Sério?" perguntou o rato.

"Ele mesmo diz isso," respondeu o Espantalho, "e ele nunca machucaria alguém que é nosso amigo. Se vocês

nos ajudarem a salvá-lo, prometo que ele tratará todos vocês com bondade."

"Muito bem," disse a Rainha, "confiamos em você. Mas o que devemos fazer?"

"Existem muitos desses ratos que chamam você de Rainha e estão dispostos a obedecê-la?"

"Oh, sim; há milhares," ela respondeu.

"Então mande chamar todos eles para virem aqui o mais rápido possível, e que cada um traga um pedaço comprido de barbante."

A Rainha se virou para os ratos que a acompanhavam e disse-lhes para irem imediatamente buscar todo o seu povo. Assim que ouviram suas ordens, eles correram em todas as direções o mais rápido possível.

"Agora," disse o Espantalho ao Homem de Lata, "você deve ir até aquelas árvores à beira do rio e fazer um carrinho que possa carregar o Leão."

Então o Homem de Lata foi imediatamente até as árvores e começou a trabalhar; e logo fez um carrinho com os galhos das árvores, dos quais cortou todas as folhas e ramos. Ele o prendeu com cavilhas de madeira e fez as quatro rodas com pedaços curtos de um grande tronco de árvore. Ele trabalhou tão rápido e tão bem que, quando os ratos começaram a chegar, o carrinho já estava pronto para eles.

Eles vieram de todas as direções, e havia milhares deles: ratos grandes e pequenos e de tamanho médio; e cada um trouxe um pedaço de barbante na boca. Foi por volta dessa época que Dorothy acordou de seu longo sono e abriu os olhos. Ela ficou muito surpresa ao se encontrar deitada na grama, com milhares de ratos em pé ao seu

redor e olhando para ela timidamente. Mas o Espantalho contou tudo a ela e, virando-se para o pequeno rato digno, disse:

"Permita-me apresentar a Sua Majestade, a Rainha."

Dorothy acenou com a cabeça gravemente e a Rainha fez uma reverência, após isso ela se tornou bastante amigável com a menina.

O Espantalho e o Homem de Lata agora começaram a amarrar os ratos ao carrinho, usando os barbantes que eles haviam trazido. Uma ponta do barbante foi amarrada ao

pescoço de cada rato e a outra ponta ao carrinho. Claro que o carrinho era mil vezes maior que qualquer um dos ratos que iriam puxá-lo; mas quando todos os ratos foram atrelados, eles conseguiram puxá-lo com bastante facilidade. Até mesmo o Espantalho e o Homem de Lata podiam se sentar nele, e foram puxados rapidamente por seus estranhos e pequenos cavalos até o lugar onde o Leão estava dormindo.

Depois de muito trabalho duro, pois o Leão era pesado, eles conseguiram colocá-lo no carrinho. Então a Rainha apressadamente deu a ordem para seu povo começar, pois ela temia que se os ratos ficassem entre as papoulas por muito tempo, eles também adormeceriam.



No início, as pequenas criaturas, embora fossem muitas, mal conseguiam mover o carrinho tão pesadamente carregado; mas o Homem de Lata e o Espantalho empurraram por trás, e eles se saíram melhor. Logo rolaram o Leão para fora do campo de papoulas até os campos verdes, onde ele poderia respirar o ar doce e fresco novamente, em vez do cheiro venenoso das flores. Dorothy veio ao encontro deles e agradeceu calorosamente aos pequenos ratos por salvarem seu companheiro da morte. Ela havia se afeiçoado tanto ao grande Leão que ficou feliz por ele ter sido resgatado. Então os ratos foram desatrelados do carrinho e correram pela grama até suas casas. A Rainha dos ratos foi a última a partir.

"Se algum dia precisarem de nós novamente," ela disse, "venham até o campo e chamem, e nós ouviremos e viremos em seu auxílio. Adeus!"

"Adeus!" todos responderam, e a Rainha correu, enquanto Dorothy segurava Totó firmemente caso ele corresse atrás dela e a assustasse.

Depois disso, eles se sentaram ao lado do Leão até que ele acordasse; e o Espantalho trouxe para Dorothy algumas frutas de uma árvore próxima, que ela comeu como seu jantar.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O guardião do portão (10/24)

Levou algum tempo para o Leão Covarde acordar, pois ele havia ficado deitado entre as papoulas por um longo período, respirando sua fragrância mortal; mas quando finalmente abriu os olhos e rolou para fora do caminhão, ficou muito feliz por ainda estar vivo.

"Eu corri o mais rápido que pude", disse ele, sentando-se e bocejando, "mas as flores foram fortes demais para mim. Como vocês me tiraram de lá?"

Então, contaram a ele sobre os ratos do campo e como eles generosamente o salvaram da morte; o Leão Covarde riu e disse:

"Sempre me achei muito grande e terrível; no entanto, coisas tão pequenas como flores quase me mataram, e animais tão pequenos como ratos salvaram minha vida. Que estranho tudo isso! Mas, companheiros, o que faremos agora?"

"Devemos continuar nossa jornada até encontrarmos a estrada de tijolos amarelos novamente", disse Dorothy, "e então poderemos seguir para a Cidade das Esmeraldas."

Assim, com o Leão totalmente revigorado e sentindo-se ele mesmo novamente, todos partiram para a jornada, apreciando muito a caminhada pela grama macia e fresca; e não demorou muito para que chegassem à

estrada de tijolos amarelos e voltassem a se dirigir à Cidade das Esmeraldas, onde o Grande Oz morava. A estrada agora era lisa e bem pavimentada, e o campo ao redor era bonito, de modo que os viajantes se alegraram por deixar a floresta para trás, junto com os muitos perigos que haviam encontrado em suas sombras sombrias. Mais uma vez, eles podiam ver cercas construídas ao lado da estrada; mas estas eram pintadas de verde, e quando chegaram a uma pequena casa, onde aparentemente vivia um fazendeiro, esta também era pintada de verde. Eles passaram por várias dessas casas durante a tarde, e às vezes as pessoas vinham às portas e olhavam para eles como se quisessem fazer perguntas; mas ninguém se aproximava nem falava com eles por causa do grande Leão, do qual tinham muito medo. As pessoas estavam todas vestidas com roupas de uma adorável cor verde-esmeralda e usavam chapéus pontudos como os dos Munchkins.

"Deve ser a Terra de Oz", disse Dorothy, "e certamente estamos nos aproximando da Cidade das Esmeraldas."

"Sim", respondeu o Espantalho. "Tudo é verde aqui, enquanto no país dos Munchkins o azul era a cor favorita. Mas as pessoas não parecem ser tão amigáveis quanto os Munchkins, e temo que não conseguiremos encontrar um lugar para passar a noite."

"Eu gostaria de comer algo além de frutas", disse a menina, "e tenho certeza de que Totó está quase morrendo de fome. Vamos parar na próxima casa e conversar com as pessoas."

Então, quando chegaram a uma fazenda de bom tamanho, Dorothy caminhou corajosamente até a porta e bateu.

Uma mulher abriu-a apenas o suficiente para olhar para fora e disse: "O que você quer, criança, e por que esse grande Leão está com você?"

"Gostaríamos de passar a noite com vocês, se nos permitirem", respondeu Dorothy; "e o Leão é meu amigo e companheiro, e não machucaria você por nada neste mundo."

"Ele é manso?" perguntou a mulher, abrindo a porta um pouco mais.

"Oh, sim", disse a menina, "e ele é um grande covarde também. Ele terá mais medo de você do que você dele."

"Bem", disse a mulher, depois de pensar um pouco e dar mais uma espiada no Leão, "se esse é o caso, vocês podem entrar, e eu lhes darei alguma comida e um lugar para dormir."

Então, todos entraram na casa, onde havia, além da mulher, duas crianças e um homem. O homem havia machucado a perna e estava deitado no sofá em um canto. Eles pareciam muito surpresos em ver uma companhia tão estranha, e enquanto a mulher estava ocupada arrumando a mesa, o homem perguntou:

"Para onde vocês todos estão indo?"

"Para a Cidade das Esmeraldas", disse Dorothy, "para ver o Grande Oz."

"Ah, é mesmo!" exclamou o homem. "Vocês têm certeza de que Oz os receberá?"

"Por que não?" ela respondeu.

"Ora, dizem que ele nunca permite que ninguém entre em sua presença. Eu já estive na Cidade das Esmeraldas muitas vezes, e é um lugar bonito e maravilhoso; mas nunca me foi permitido ver o Grande Oz, nem conheço nenhuma pessoa viva que o tenha visto."

"Ele nunca sai?" perguntou o Espantalho.

"Nunca. Ele fica sentado dia após dia na grande Sala do Trono de seu Palácio, e até mesmo aqueles que o servem não o veem face a face."

"Como ele é?" perguntou a menina.

"Isso é difícil de dizer", disse o homem pensativo. "Veja bem, Oz é um Grande Mago e pode assumir qualquer forma que desejar. Então, alguns dizem que ele se parece com um pássaro; outros dizem que ele se parece com um elefante; e outros dizem que ele se parece com um gato. Para alguns, ele aparece como uma bela fada, ou um duende, ou em qualquer outra forma que lhe agrade. Mas quem é o verdadeiro Oz, quando está em sua própria forma, ninguém vivo pode dizer."

"Isso é muito estranho", disse Dorothy, "mas devemos tentar, de alguma forma, vê-lo, ou teremos feito nossa jornada em vão."

"Por que vocês desejam ver o terrível Oz?" perguntou o homem.

"Eu quero que ele me dê um cérebro", disse o Espantalho ansiosamente.

"Oh, Oz poderia fazer isso facilmente", declarou o homem. "Ele tem mais cérebros do que precisa."

"E eu quero que ele me dê um coração", disse o Homem de Lata.

"Isso não será um problema para ele", continuou o homem, "pois Oz tem uma grande coleção de corações, de todos os tamanhos e formas."

"E eu quero que ele me dê coragem", disse o Leão Covarde.

"Oz mantém um grande pote de coragem em sua Sala do Trono", disse o homem, "que ele cobriu com uma placa de ouro para evitar que transborde. Ele ficará feliz em dar um pouco para você."

"E eu quero que ele me mande de volta para Kansas", disse Dorothy.

"Onde fica Kansas?" perguntou o homem, surpreso.

"Eu não sei", respondeu Dorothy tristemente, "mas é meu lar, e tenho certeza de que fica em algum lugar."

"Muito provável. Bem, Oz pode fazer qualquer coisa; então suponho que ele encontrará Kansas para você.

Mas primeiro você deve conseguir vê-lo, e essa será uma tarefa difícil; pois o Grande Mago não gosta de ver ninguém, e geralmente faz as coisas do seu jeito. Mas o que VOCÊ quer?" ele continuou, falando com Totó. Totó apenas abanou o rabo; pois, estranhamente, ele não podia falar.

A mulher agora os chamou, dizendo que o jantar estava pronto, então eles se reuniram ao redor da mesa e Dorothy comeu um delicioso mingau, um prato de ovos mexidos e um prato de pão branco fresco, e apreciou sua refeição. O Leão comeu um pouco do mingau, mas não gostou muito, dizendo que era feito de aveia e aveia era comida para cavalos, não para leões. O Espantalho e o Homem de Lata não comeram nada. Totó comeu um

pouco de tudo e ficou feliz por ter um bom jantar novamente.

A mulher então deu a Dorothy uma cama para dormir, e Totó deitou-se ao lado dela, enquanto o Leão guardava a porta do quarto para que ela não fosse incomodada. O Espantalho e o Homem de Lata ficaram em pé em um canto e permaneceram quietos a noite toda, embora, é claro, não pudessem dormir.



Na manhã seguinte, assim que o sol nasceu, eles partiram em seu caminho e logo viram um belo brilho verde no céu à sua frente.

"Deve ser a Cidade das Esmeraldas", disse Dorothy. Conforme caminhavam, o brilho verde ficava cada vez mais forte e brilhante, e parecia que finalmente estavam chegando ao fim de suas viagens. No entanto, já era tarde quando chegaram à grande muralha que cercava a Cidade. Era alta, espessa e de uma cor verde brilhante. Na frente deles, e no final da estrada de tijolos amarelos, havia um grande portão, todo cravejado de esmeraldas que brilhavam tanto ao sol que até mesmo os olhos pintados do Espantalho ficaram ofuscados por seu brilho.

Havia uma campainha ao lado do portão, e Dorothy apertou o botão e ouviu um tinido prateado vindo de dentro. Então, o grande portão se abriu lentamente, e todos passaram por ele, encontrando-se em uma sala

alta e arqueada, cujas paredes brilhavam com incontáveis esmeraldas.

Diante deles estava um homenzinho do mesmo tamanho que os Munchkins. Ele estava vestido todo de verde, da cabeça aos pés, e até mesmo sua pele tinha um tom esverdeado. Ao seu lado havia uma grande caixa verde. Quando viu Dorothy e seus companheiros, o homem perguntou: "O que vocês desejam na Cidade das Esmeraldas?"

"Viemos aqui para ver o Grande Oz", disse Dorothy. O homem ficou tão surpreso com essa resposta que se sentou para pensar sobre isso.

"Faz muitos anos desde que alguém me pediu para ver Oz", disse ele, balançando a cabeça perplexo. "Ele é poderoso e terrível, e se vocês vierem com um propósito tolo ou fútil para incomodar as sábias reflexões do Grande Mago, ele pode ficar zangado e destruir todos vocês em um instante."

"Mas não é um propósito tolo, nem fútil", respondeu o Espantalho; "é importante. E nos disseram que Oz é um bom Mago."

"Sim, ele é", disse o homem verde, "e ele governa a Cidade das Esmeraldas com sabedoria e bondade. Mas para aqueles que não são honestos, ou que se aproximam dele por curiosidade, ele é terrível, e poucos ousaram pedir para ver seu rosto. Eu sou o Guardiã dos Portões, e já que vocês exigem ver o Grande Oz, devo levá-los ao seu Palácio. Mas primeiro vocês devem colocar os óculos."

"Por quê?" perguntou Dorothy.

"Porque se você não usasse óculos, o brilho e a glória da Cidade das Esmeraldas o cegariam. Até mesmo aqueles que vivem na Cidade devem usar óculos dia e noite. Todos eles estão trancados, pois Oz assim ordenou quando a Cidade foi construída pela primeira vez, e eu tenho a única chave que pode destrancá-los."

Ele abriu a grande caixa, e Dorothy viu que estava cheia de óculos de todos os tamanhos e formas. Todos eles tinham lentes verdes. O Guardiã dos Portões encontrou um par que se ajustava perfeitamente a Dorothy e os colocou sobre seus olhos. Havia duas faixas douradas presas a eles que passavam pela parte de trás de sua cabeça, onde eram trancadas juntas por uma pequena chave que estava na ponta de uma corrente que o Guardiã dos Portões usava em volta do pescoço.

Quando estavam colocados, Dorothy não podia tirá-los mesmo que quisesse, mas é claro que ela não queria ficar cega pelo brilho da Cidade das Esmeraldas, então não disse nada.

Então, o homem verde ajustou óculos para o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão, e até mesmo para o pequeno Totó; e todos foram trancados firmemente com a chave. Em seguida, o Guardiã dos Portões colocou seus próprios óculos e disse que estava pronto para levá-los ao Palácio. Pegando uma grande chave dourada de um gancho na parede, ele abriu outro portão, e todos o seguiram através do portal para as ruas da Cidade das Esmeraldas.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: A maravilhosa cidade de Oz (11/24)

Mesmo com os olhos protegidos pelos óculos verdes, Dorothy e seus amigos ficaram inicialmente deslumbrados com o brilho da maravilhosa Cidade. As ruas eram ladeadas por belas casas, todas construídas de mármore verde e cravejadas de esmeraldas reluzentes. Eles caminhavam sobre um pavimento do mesmo mármore verde, e onde os blocos se uniam havia fileiras de esmeraldas, dispostas bem próximas e cintilando sob o brilho do sol. As vidraças das janelas eram de vidro verde; até mesmo o céu sobre a Cidade tinha um tom esverdeado, e os raios do sol eram verdes. Havia muitas pessoas – homens, mulheres e crianças – andando por ali, e todas estavam vestidas com roupas verdes e tinham a pele esverdeada. Elas olhavam para Dorothy e seu grupo estranhamente sortido com olhos curiosos, e todas as crianças corriam e se escondiam atrás de suas mães quando viam o Leão; mas ninguém falava com eles. Havia muitas lojas na rua, e Dorothy viu que tudo nelas era verde. Doces verdes e pipoca verde estavam à venda, assim como sapatos verdes, chapéus verdes e roupas verdes de todos os tipos. Em um lugar, um homem estava vendendo limonada verde, e quando as

crianças a compravam, Dorothy podia ver que elas pagavam com moedas verdes.

Parecia não haver cavalos nem animais de nenhum tipo; os homens carregavam coisas em pequenos carrinhos verdes, que empurravam à sua frente. Todos pareciam felizes, contentes e prósperos.

O Guardiã dos Portões os conduziu pelas ruas até chegarem a um grande edifício, exatamente no centro da Cidade, que era o Palácio de Oz, o Grande Mago. Havia um soldado diante da porta, vestido com um uniforme verde e usando uma longa barba verde.

"Aqui estão os estrangeiros", disse o Guardiã dos Portões para ele, "e eles exigem ver o Grande Oz."

"Entrem", respondeu o soldado, "e eu levarei sua mensagem a ele."

Então eles passaram pelos Portões do Palácio e foram conduzidos a uma grande sala com um tapete verde e belos móveis verdes adornados com esmeraldas. O soldado fez com que todos limpassem os pés em um tapete verde antes de entrar nesta sala, e quando estavam sentados, ele disse educadamente:

"Por favor, fiquem à vontade enquanto vou até a porta da Sala do Trono e digo a Oz que vocês estão aqui."

Eles tiveram que esperar muito tempo antes que o soldado retornasse. Quando, finalmente, ele voltou, Dorothy perguntou:

"Você viu Oz?"

"Oh, não", respondeu o soldado; "Eu nunca o vi. Mas falei com ele enquanto estava sentado atrás de sua tela e dei a ele sua mensagem. Ele disse que concederá a vocês uma audiência, se assim desejarem; mas cada um

de vocês deve entrar em sua presença sozinho, e ele só admitirá um por dia. Portanto, como vocês devem permanecer no Palácio por vários dias, farei com que sejam levados a quartos onde possam descansar confortavelmente após sua jornada."

"Obrigada", respondeu a menina; "isso é muito gentil da parte de Oz."

O soldado então soprou um apito verde, e imediatamente uma jovem, vestida com um lindo vestido de seda verde, entrou na sala. Ela tinha cabelos verdes adoráveis e olhos verdes, e fez uma reverência profunda diante de Dorothy enquanto dizia: "Siga-me e eu lhe mostrarei seu quarto."

Então Dorothy se despediu de todos os seus amigos, exceto Totó, e pegando o cão nos braços, seguiu a garota verde por sete corredores e subiu três lances de escadas até chegarem a um quarto na frente do Palácio. Era o quarto mais doce do mundo, com uma cama macia e confortável que tinha lençóis de seda verde e uma colcha de veludo verde. Havia uma pequena fonte no meio do quarto, que lançava um spray de perfume verde no ar, caindo de volta em uma bacia de mármore verde lindamente esculpida. Belas flores verdes estavam nas janelas, e havia uma prateleira com uma fileira de pequenos livros verdes. Quando Dorothy teve tempo de abrir esses livros, ela os encontrou cheios de imagens verdes que a fizeram rir, de tão engraçadas que eram. Em um guarda-roupa havia muitos vestidos verdes, feitos de seda, cetim e veludo; e todos eles serviam perfeitamente em Dorothy.

"Sinta-se completamente à vontade", disse a garota verde, "e se precisar de alguma coisa, toque a campainha. Oz mandará chamá-la amanhã de manhã." Ela deixou Dorothy sozinha e voltou para os outros. Ela também os levou aos seus quartos, e cada um deles se encontrou hospedado em uma parte muito agradável do Palácio. É claro que essa cortesia foi desperdiçada com o Espantalho; pois quando ele se viu sozinho em seu quarto, ficou parado estupidamente em um lugar, logo dentro da porta, para esperar até a manhã. Não o descansaria deitar-se, e ele não podia fechar os olhos; então ele ficou a noite toda olhando para uma pequena aranha que estava tecendo sua teia em um canto do quarto, como se não fosse um dos quartos mais maravilhosos do mundo. O Homem de Lata deitou-se em sua cama por força do hábito, pois ele se lembrava de quando era feito de carne; mas não sendo capaz de dormir, passou a noite movendo suas juntas para cima e para baixo para ter certeza de que elas se mantinham em bom funcionamento. O Leão teria preferido uma cama de folhas secas na floresta e não gostava de ficar trancado em um quarto; mas ele tinha bom senso demais para deixar que isso o preocupasse, então pulou na cama, enrolou-se como um gato e em um minuto adormeceu ronronando.

Na manhã seguinte, após o café da manhã, a donzela verde veio buscar Dorothy, e a vestiu com um dos vestidos mais bonitos, feito de cetim brocado verde. Dorothy colocou um avental de seda verde e amarrou uma fita verde ao redor do pescoço de Totó, e eles partiram para a Sala do Trono do Grande Oz.

Primeiro, eles chegaram a um grande salão onde estavam muitas damas e cavalheiros da corte, todos vestidos com ricos trajes. Essas pessoas não tinham nada para fazer além de conversar umas com as outras, mas sempre vinham esperar do lado de fora da Sala do Trono todas as manhãs, embora nunca lhes fosse permitido ver Oz. Quando Dorothy entrou, eles a olharam com curiosidade, e um deles sussurrou: "Você realmente vai olhar para o rosto de Oz, o Terrível?"

"Claro", respondeu a menina, "se ele me receber."

"Oh, ele vai recebê-la", disse o soldado que havia levado sua mensagem ao Mago, "embora ele não goste que as pessoas peçam para vê-lo. Na verdade, a princípio ele ficou bravo e disse que eu deveria mandá-la de volta para onde veio. Então ele me perguntou como você era, e quando mencionei seus sapatos prateados, ele ficou muito interessado. Por fim, contei a ele sobre a marca em sua testa, e ele decidiu que a admitiria em sua presença."

Naquele momento, um sino tocou, e a garota verde disse a Dorothy: "Esse é o sinal. Você deve entrar na Sala do Trono sozinha."

Ela abriu uma pequena porta e Dorothy entrou corajosamente, encontrando-se em um lugar maravilhoso. Era uma sala grande e redonda com um teto alto e abobadado, e as paredes, o teto e o chão estavam cobertos de grandes esmeraldas dispostas bem próximas. No centro do teto havia uma grande luz, tão brilhante quanto o sol, que fazia as esmeraldas cintilarem de maneira maravilhosa.

Mas o que mais interessou Dorothy foi o grande trono de mármore verde que ficava no meio da sala. Tinha o formato de uma cadeira e brilhava com gemas, como tudo o mais. No centro da cadeira havia uma enorme Cabeça, sem corpo para sustentá-la ou quaisquer braços ou pernas. Não havia cabelo nesta cabeça, mas ela tinha olhos, nariz e boca, e era muito maior do que a cabeça do maior gigante.

Enquanto Dorothy olhava para isso com espanto e medo, os olhos giraram lentamente e a olharam com firmeza e intensidade. Então a boca se moveu, e Dorothy ouviu uma voz dizer:

"Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?"

Não era uma voz tão terrível como ela esperava que viesse da grande Cabeça; então ela criou coragem e respondeu:

"Eu sou Dorothy, a Pequena e Humilde. Vim até você em busca de ajuda."

Os olhos a observaram pensativamente por um minuto inteiro. Então a voz disse:

"Onde você conseguiu os sapatos prateados?"

"Eu os peguei da Bruxa Malvada do Leste, quando minha casa caiu sobre ela e a matou", ela respondeu.



"Onde você conseguiu a marca em sua testa?",
continuou a voz.

"Foi onde a Bruxa Boa do Norte me beijou quando se despediu de mim e me enviou até você", disse a menina. Novamente os olhos a olharam atentamente, e viram que ela estava dizendo a verdade. Então Oz perguntou: "O que você deseja que eu faça?"

"Me envie de volta para o Kansas, onde estão minha Tia Em e meu Tio Henry", ela respondeu com seriedade. "Eu não gosto do seu país, embora seja tão bonito. E tenho certeza de que a Tia Em deve estar terrivelmente preocupada com minha ausência por tanto tempo."

Os olhos piscaram três vezes, e então se viraram para o teto e para o chão e giraram tão estranhamente que pareciam ver cada parte da sala. E por fim, olharam para Dorothy novamente.

"Por que eu deveria fazer isso por você?", perguntou Oz.

"Porque você é forte e eu sou fraca; porque você é um Grande Mago e eu sou apenas uma menininha."

"Mas você foi forte o suficiente para matar a Bruxa Malvada do Leste", disse Oz.

"Isso aconteceu por acaso", respondeu Dorothy simplesmente; "Eu não pude evitar."

"Bem", disse a Cabeça, "vou lhe dar minha resposta. Você não tem o direito de esperar que eu a envie de volta ao Kansas a menos que faça algo por mim em troca. Neste país, todos devem pagar por tudo o que recebem. Se você deseja que eu use meu poder mágico para enviá-la de volta para casa, deve fazer algo por mim primeiro. Ajude-me e eu ajudarei você."

"O que devo fazer?", perguntou a menina.

"Mate a Bruxa Malvada do Oeste", respondeu Oz.

"Mas eu não posso!", exclamou Dorothy, muito surpresa.

"Você matou a Bruxa do Leste e usa os sapatos prateados, que possuem um encanto poderoso. Agora resta apenas uma Bruxa Malvada em toda esta terra, e quando você puder me dizer que ela está morta, eu a enviarei de volta ao Kansas - mas não antes."

A menina começou a chorar, estava tão desapontada; e os olhos piscaram novamente e a olharam ansiosamente, como se o Grande Oz sentisse que ela poderia ajudá-lo se quisesse.

"Eu nunca matei nada voluntariamente", ela soluçou.

"Mesmo se eu quisesse, como poderia matar a Bruxa Malvada? Se você, que é Grande e Terrível, não pode matá-la, como espera que eu o faça?"

"Eu não sei", disse a Cabeça; "mas essa é minha resposta, e até que a Bruxa Malvada morra, você não verá seu tio e sua tia novamente. Lembre-se de que a Bruxa é Malvada - tremendamente Malvada - e deve ser morta. Agora vá, e não peça para me ver novamente até ter cumprido sua tarefa."

Tristemente, Dorothy deixou a Sala do Trono e voltou para onde o Leão, o Espantalho e o Homem de Lata estavam esperando para ouvir o que Oz havia dito a ela.

"Não há esperança para mim", ela disse com tristeza, "pois Oz não me enviará para casa até que eu tenha matado a Bruxa Malvada do Oeste; e isso eu nunca poderei fazer."

Seus amigos ficaram tristes, mas não podiam fazer nada para ajudá-la; então Dorothy foi para seu próprio quarto e se deitou na cama e chorou até adormecer. Na manhã seguinte, o soldado com os bigodes verdes veio até o Espantalho e disse:

"Venha comigo, pois Oz mandou chamá-lo."

Então o Espantalho o seguiu e foi admitido na grande Sala do Trono, onde viu, sentada no trono de esmeralda, uma senhora muito adorável. Ela estava vestida com gaze de seda verde e usava sobre seus longos cabelos verdes uma coroa de joias. Crescendo de seus ombros havia asas, magníficas em cor e tão leves que flutuavam se o mais leve sopro de ar as alcançasse.

Quando o Espantalho se curvou, tão graciosamente quanto seu recheio de palha permitia, diante desta bela criatura, ela o olhou docemente e disse:

"Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?"

Agora o Espantalho, que esperava ver a grande Cabeça que Dorothy lhe havia contado, ficou muito surpreso; mas respondeu corajosamente.

"Eu sou apenas um Espantalho, recheado com palha. Portanto, não tenho cérebro, e venho até você implorando que coloque cérebro em minha cabeça ao invés de palha, para que eu possa me tornar um homem como qualquer outro em seus domínios."

"Por que eu deveria fazer isso por você?", perguntou a Senhora.

"Porque você é sábia e poderosa, e ninguém mais pode me ajudar", respondeu o Espantalho.

"Eu nunca concedo favores sem alguma retribuição", disse Oz; "mas prometo o seguinte. Se você matar para mim a Bruxa Malvada do Oeste, eu lhe concederei um grande cérebro, e um cérebro tão bom que você será o homem mais sábio em toda a Terra de Oz."

"Eu pensei que você tinha pedido a Dorothy para matar a Bruxa", disse o Espantalho, surpreso.

"Sim, eu pedi. Não me importo quem a mate. Mas até que ela esteja morta, não concederei seu pedido. Agora vá e não me procure novamente até que você tenha conquistado os miolos que tanto deseja."

O Espantalho voltou tristemente para seus amigos e contou-lhes o que Oz havia dito; e Dorothy ficou surpresa ao descobrir que o Grande Mágico não era uma Cabeça, como ela o havia visto, mas uma linda Dama.

"Mesmo assim", disse o Espantalho, "ela precisa de um coração tanto quanto o Homem de Lata."

Na manhã seguinte, o soldado com bigodes verdes veio até o Homem de Lata e disse:

"Oz mandou chamá-lo. Siga-me."

Então, o Homem de Lata o seguiu e chegou ao grande Salão do Trono. Ele não sabia se encontraria Oz como uma linda Dama ou como uma Cabeça, mas esperava que fosse a linda Dama. "Porque", disse a si mesmo, "se for a cabeça, estou certo de que não terei um coração, pois uma cabeça não tem coração próprio e, portanto, não pode sentir por mim. Mas se for a linda Dama, rogarei com fervor por um coração, pois todas as damas são conhecidas por serem bondosas e terem um coração gentil."

Mas quando o Homem de Lata entrou no grande Salão do Trono, viu nem a Cabeça nem a Dama, pois Oz havia assumido a forma de uma Fera terrível. Era quase tão grande quanto um elefante, e o trono verde parecia mal suportar seu peso. A Fera tinha uma cabeça como a de um rinoceronte, mas com cinco olhos no rosto. Havia cinco braços longos saindo de seu corpo, e também tinha cinco pernas longas e finas. Cabelos grossos e lanosos cobriam cada parte dela, e não se podia imaginar um monstro mais aterrador. Foi sorte que o Homem de Lata não tivesse coração naquele momento, pois ele teria batido forte e rápido de terror. Mas, sendo feito de lata, o Homem de Lata não estava com medo, embora estivesse muito desapontado.

“Eu sou Oz, o Grande e Terrível”, falou a Fera, com uma voz que era um grande rugido. “Quem é você e por que me procura?”

“Eu sou um Homem de Lata, feito de lata. Portanto, não tenho coração e não posso amar. Peço que me dê um coração para que eu possa ser como os outros homens.”

“Por que eu faria isso?” exigiu a Fera.

“Porque eu peço e você é o único que pode conceder meu pedido”, respondeu o Homem de Lata.

Oz deu um rugido baixo, mas disse, bruscamente: “Se você realmente deseja um coração, você deve conquistá-lo.”

“Como?” perguntou o Homem de Lata.

“Ajude Dorothy a matar a Bruxa Má do Oeste”, respondeu a Fera. “Quando a Bruxa estiver morta, venha até mim e eu darei a você o maior e mais bondoso coração de todo o País de Oz.”

Então, o Homem de Lata foi forçado a voltar tristemente para seus amigos e contar-lhes sobre a Fera terrível que havia visto. Eles todos se perguntaram muito sobre as muitas formas que o Grande Mágico poderia assumir, e o Leão disse:

“Se ele for uma Fera quando eu for vê-lo, rugirei com toda a minha força e o assustarei tanto que ele concederá tudo o que eu peço. E se for a linda Dama, fingirei saltar sobre ela e a obrigarei a fazer o que eu quero. E se for a grande Cabeça, estará à minha mercê; pois rolarei essa cabeça por todo o quarto até que ele prometa me dar o que eu desejo. Então, meus amigos, estejam de bom ânimo, pois tudo ainda estará bem.”

Na manhã seguinte, o soldado com bigodes verdes levou o Leão ao grande Salão do Trono e o mandou entrar na presença de Oz.

O Leão imediatamente passou pela porta e, olhando em volta, viu, para sua surpresa, que diante do trono havia uma Bola de Fogo, tão feroz e brilhante que ele mal podia suportar olhar para ela. Seu primeiro pensamento foi que Oz havia pegado fogo por acidente e estava queimando; mas quando tentou se aproximar, o calor era tão intenso que chamoscou seus bigodes, e ele recuou tremendo para um lugar mais perto da porta.

Então, uma voz baixa e tranquila veio da Bola de Fogo, e essas foram as palavras que ela falou:

“Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?”

E o Leão respondeu: “Eu sou um Leão Covarde, com medo de tudo. Vim até você para pedir que me dê

coragem, para que eu possa ser de fato o Rei dos Animais, como os homens me chamam.”

“Por que eu lhe daria coragem?” exigiu Oz.

“Porque, de todos os magos, você é o maior e tem o poder de conceder meu pedido”, respondeu o Leão.

A Bola de Fogo ardeu ferozmente por um tempo, e a voz disse: “Traga-me provas de que a Bruxa Má está morta, e nesse momento darei a você coragem. Mas enquanto a Bruxa viver, você deve permanecer um covarde.”

O Leão ficou zangado com esse discurso, mas não pôde dizer nada em resposta, e enquanto estava em silêncio, olhando para a Bola de Fogo, ele se tornou tão furiosamente quente que ele virou a cauda e correu para fora da sala. Ele ficou feliz em encontrar seus amigos esperando por ele e contou-lhes sobre sua terrível entrevista com o Mágico.

“O que faremos agora?” perguntou Dorothy, triste.

“Há apenas uma coisa que podemos fazer”, respondeu o Leão, “e é ir para a terra dos Winkies, procurar a Bruxa Má e destruí-la.”

“Mas suponha que não possamos?” disse a menina.

“Então eu nunca terei coragem”, declarou o Leão.

“E eu nunca terei miolos”, acrescentou o Espantalho.

“E eu nunca terei um coração”, falou o Homem de Lata.

“E eu nunca verei a tia Em e o tio Henry”, disse Dorothy, começando a chorar.

“Cuidado!” gritou a menina verde. “As lágrimas cairão em seu vestido de seda verde e o mancharão.”

Então Dorothy secou os olhos e disse: “Acho que devemos tentar; mas estou certa de que não quero

matar ninguém, nem mesmo para ver a tia Em novamente.”

“Eu irei com você; mas sou um covarde demais para matar a Bruxa”, disse o Leão.

“Eu também irei”, declarou o Espantalho; “mas não serei de grande ajuda para você, pois sou um tolo.”

“Eu não tenho coração para machucar nem mesmo uma Bruxa”, observou o Homem de Lata; “mas se você for, certamente irei com você.”

Portanto, foi decidido começar a jornada na manhã seguinte, e o Homem de Lata afiou seu machado em uma pedra de amolar verde e teve todas as suas articulações devidamente lubrificadas. O Espantalho se encheu de palha fresca e Dorothy pintou seus olhos com tinta fresca para que ele pudesse ver melhor. A menina verde, que era muito bondosa com eles, encheu a cesta de Dorothy com coisas boas para comer, e amarrou uma pequena campainha ao pescoço de Totó com uma fita verde.

Eles foram para a cama cedo e dormiram bem até o amanhecer, quando foram acordados pelo canto de um galo verde que morava no quintal do palácio, e pelo cacarejo de uma galinha que havia botado um ovo verde.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: A Busca pela Bruxa Má (12/24)

O soldado de bigodes verdes conduziu-os pelas ruas da Cidade Esmeralda até chegarem ao aposento onde vivia o Guardião dos Portões. Este oficial tirou seus óculos para guardá-los de volta em sua caixa enorme e então abriu educadamente o portão para nossos amigos.

“Qual estrada leva à Bruxa Malvada do Oeste?”, perguntou Dorothy.

“Não há estrada”, respondeu o Guardião dos Portões.

“Ninguém jamais deseja ir por aquele caminho.”

“Como, então, devemos encontrá-la?”, indagou a menina.

“Isso será fácil”, respondeu o homem, “pois quando ela souber que vocês estão no país dos Winkies, ela os encontrará e os tornará seus escravos.”

“Talvez não”, disse o Espantalho, “pois pretendemos destruí-la.”

“Ah, isso é diferente”, disse o Guardião dos Portões.

“Ninguém jamais a destruiu antes, então naturalmente pensei que ela os faria escravos, como fez com os outros. Mas tomem cuidado, pois ela é perversa e feroz e pode não permitir que a destruam. Sigam para o Oeste, onde o sol se põe, e não deixarão de encontrá-la.”

Eles o agradeceram e se despediram, virando-se para o Oeste, caminhando por campos de grama macia

salpicados aqui e ali com margaridas e botões-de-ouro. Dorothy ainda usava o lindo vestido de seda que havia colocado no palácio, mas agora, para sua surpresa, descobriu que ele não era mais verde, mas branco puro. A fita no pescoço de Totó também havia perdido sua cor verde e estava tão branca quanto o vestido de Dorothy.

A Cidade Esmeralda foi logo deixada para trás. À medida que avançavam, o terreno tornava-se mais acidentado e montanhoso, pois não havia fazendas nem casas neste país do Oeste, e o solo era inculto.

À tarde, o sol brilhava forte em seus rostos, pois não havia árvores para lhes oferecer sombra, de modo que antes da noite Dorothy, Totó e o Leão estavam cansados e se deitaram na grama e adormeceram, com o Homem de Lata e o Espantalho vigiando.

Ora, a Bruxa Malvada do Oeste tinha apenas um olho, mas este era tão poderoso quanto um telescópio e podia ver tudo em todos os lugares. Assim, enquanto estava sentada na porta de seu castelo, ela olhou ao redor por acaso e viu Dorothy dormindo, com seus amigos ao redor dela. Eles estavam a uma longa distância, mas a Bruxa Malvada ficou furiosa ao encontrá-los em seu país. Então ela soprou um apito de prata que estava pendurado em seu pescoço.



Imediatamente, veio correndo em sua direção, de todas as direções, uma matilha de grandes lobos. Eles tinham pernas longas, olhos ferozes e dentes afiados.

“Vão até aquelas pessoas”, disse a Bruxa, “e as façam em pedaços.”

“Você não vai torná-los seus escravos?”, perguntou o líder dos lobos.

“Não”, ela respondeu, “um é de lata, outro de palha, uma é menina e o outro um Leão. Nenhum deles serve para trabalhar, então vocês podem rasgá-los em pedacinhos.”

“Muito bem”, disse o lobo, e ele disparou em velocidade máxima, seguido pelos outros.

Foi uma sorte o Espantalho e o Homem de Lata estarem bem acordados e ouvirem os lobos chegando.

“Esta é minha luta”, disse o Homem de Lata, “então fiquem atrás de mim e eu os enfrentarei quando eles vierem.”

Ele agarrou seu machado, que havia afiado muito bem, e quando o líder dos lobos atacou, o Homem de Lata balançou o braço e decepou a cabeça do lobo de seu corpo, de modo que ele morreu imediatamente. Assim que ele pôde levantar seu machado, outro lobo apareceu, e ele também caiu sob o fio afiado da arma do Homem de Lata. Havia quarenta lobos, e quarenta vezes um lobo foi morto, de modo que, finalmente, todos jaziam mortos em uma pilha diante do Homem de Lata.

Então ele abaixou o machado e se sentou ao lado do Espantalho, que disse: “Foi uma boa luta, amigo.”

Eles esperaram até Dorothy acordar na manhã seguinte. A menina ficou bastante assustada quando viu a grande pilha de lobos peludos, mas o Homem de Lata contou a

ela tudo. Ela o agradeceu por salvá-los e se sentou para tomar café da manhã, após o qual eles partiram novamente em sua jornada.

Naquela mesma manhã, a Bruxa Malvada chegou à porta de seu castelo e olhou para fora com seu único olho que podia ver ao longe. Ela viu todos os seus lobos mortos e os estrangeiros ainda viajando por seu país. Isso a deixou mais furiosa do que antes, e ela soprou seu apito de prata duas vezes.

Imediatamente, um grande bando de corvos selvagens veio voando em sua direção, o suficiente para escurecer o céu.

E a Bruxa Malvada disse ao Rei Corvo: "Voe imediatamente até os estrangeiros, arranque seus olhos e os faça em pedaços."

Os corvos selvagens voaram em um grande bando em direção a Dorothy e seus companheiros. Quando a menina os viu chegando, ficou com medo.

Mas o Espantalho disse: "Esta é minha batalha, então deite-se ao meu lado e você não será ferido."

Então todos se deitaram no chão, exceto o Espantalho, e ele se levantou e estendeu os braços. E quando os corvos o viram, ficaram assustados, como esses pássaros sempre ficam com espantalhos, e não ousaram se aproximar. Mas o Rei Corvo disse:

"É apenas um homem de palha. Vou arrancar seus olhos."

O Rei Corvo voou para o Espantalho, que o agarrou pela cabeça e torceu seu pescoço até que ele morresse. E então outro corvo voou para ele, e o Espantalho torceu seu pescoço também. Havia quarenta corvos, e quarenta

vezes o Espantalho torceu um pescoço, até que finalmente todos estavam mortos ao lado dele. Então ele chamou seus companheiros para se levantarem, e novamente eles partiram em sua jornada.

Quando a Bruxa Malvada olhou para fora novamente e viu todos os seus corvos jazendo em uma pilha, ela ficou terrivelmente furiosa e soprou três vezes em seu apito de prata.

Imediatamente, ouviu-se um grande zumbido no ar, e um enxame de abelhas pretas veio voando em sua direção.

“Vão até os estrangeiros e os piquem até a morte!”, ordenou a Bruxa, e as abelhas se viraram e voaram rapidamente até onde Dorothy e seus amigos estavam caminhando. Mas o Homem de Lata as tinha visto chegando e o Espantalho havia decidido o que fazer.

“Tire minha palha e espalhe sobre a menina, o cachorro e o Leão”, disse ele ao Homem de Lata, “e as abelhas não poderão picá-los.” O Homem de Lata fez isso, e como Dorothy estava deitada perto do Leão e segurava Totó em seus braços, a palha os cobriu inteiramente.

As abelhas vieram e não encontraram ninguém além do Homem de Lata para picar, então voaram para ele e quebraram todos os seus ferrões contra a lata, sem ferir o Homem de Lata de forma alguma. E como as abelhas não podem viver quando seus ferrões são quebrados, esse foi o fim das abelhas pretas, e elas ficaram espalhadas em volta do Homem de Lata, como pequenos montes de carvão fino.

Então Dorothy e o Leão se levantaram, e a menina ajudou o Homem de Lata a colocar a palha de volta no

Espantalho, até que ele estivesse tão bom quanto antes. Então eles partiram em sua jornada mais uma vez. A Bruxa Malvada ficou tão furiosa quando viu suas abelhas pretas em pequenos montes como carvão fino que bateu o pé, arrancou os cabelos e rangeu os dentes. E então ela chamou uma dúzia de seus escravos, que eram os Winkies, e deu-lhes lanças afiadas, dizendo-lhes para irem até os estrangeiros e destruí-los.

Os Winkies não eram um povo corajoso, mas tinham que fazer o que lhes era dito. Então eles marcharam até chegarem perto de Dorothy. Então o Leão deu um grande rugido e saltou em direção a eles, e os pobres Winkies ficaram tão assustados que correram de volta o mais rápido que puderam.

Quando eles retornaram ao castelo, a Bruxa Malvada os mandou de volta ao trabalho, após o que ela se sentou para pensar no que faria a seguir. Ela não conseguia entender como todos os seus planos para destruir esses estrangeiros haviam falhado, mas ela era uma Bruxa poderosa, bem como perversa, e logo decidiu como agir. Havia, em seu armário, um Capuz de Ouro, com um círculo de diamantes e rubis ao redor. Este Capuz de Ouro tinha um encanto. Quem o possuísse poderia invocar três vezes os Macacos Alados, que obedeceriam a qualquer ordem que lhes fosse dada. Mas ninguém podia comandar essas criaturas estranhas mais de três vezes.

Duas vezes a Bruxa Malvada já havia usado o encanto do Capuz. Uma vez foi quando ela fez dos Winkies seus escravos e se propôs a governar seu país. Os Macacos Alados a ajudaram a fazer isso. A segunda vez foi

quando ela lutou contra o próprio Grande Oz e o expulsou da terra do Oeste. Os Macacos Alados também a ajudaram a fazer isso. Apenas mais uma vez ela poderia usar este Capuz de Ouro, razão pela qual não gostava de fazê-lo até que todos os seus outros poderes estivessem esgotados. Mas agora que seus lobos ferozes, seus corvos selvagens e suas abelhas que picavam haviam sumido, e seus escravos haviam sido assustados pelo Leão Covarde, ela viu que havia apenas uma maneira de destruir Dorothy e seus amigos.

Então a Bruxa Malvada pegou o Capuz de Ouro de seu armário e o colocou em sua cabeça. Então ela se apoiou no pé esquerdo e disse lentamente:

“Ep-pe, pep-pe, kak-ke!”

Em seguida, ela se apoiou no pé direito e disse:

“Hil-lo, hol-lo, hel-lo!”

Depois disso, ela se apoiou em ambos os pés e gritou em voz alta:

“Ziz-zy, zuz-zy, zik!”

Agora o encanto começou a funcionar. O céu escureceu e um som baixo e estrondoso foi ouvido no ar. Houve um farfalhar de muitas asas, uma grande tagarelice e risos, e o sol saiu do céu escuro para mostrar a Bruxa

Malvada cercada por uma multidão de macacos, cada um com um par de asas imensas e poderosas nos ombros.

Um, muito maior que os outros, parecia ser seu líder. Ele voou perto da Bruxa e disse: “Você nos chamou pela terceira e última vez. O que você ordena?”

“Vá até os estrangeiros que estão em minha terra e destrua todos, exceto o Leão”, disse a Bruxa Malvada.

“Traga essa besta para mim, pois pretendo atrelar-lhe como um cavalo e fazê-lo trabalhar.”

“Suas ordens serão obedecidas”, disse o líder. Então, com muita conversa e barulho, os Macacos Alados voaram para o lugar onde Dorothy e seus amigos estavam caminhando.

Alguns dos Macacos agarraram o Homem de Lata e o carregaram pelo ar até que estivessem sobre um país densamente coberto de rochas afiadas. Aqui eles largaram o pobre Homem de Lata, que caiu de uma grande distância nas rochas, onde ficou tão machucado e amassado que não conseguia se mexer nem gemer.

Outros Macacos pegaram o Espantalho e, com seus longos dedos, puxaram toda a palha de suas roupas e cabeça. Eles transformaram seu chapéu, botas e roupas em um pequeno pacote e o jogaram nos galhos superiores de uma árvore alta.

Os Macacos restantes jogaram pedaços de corda robusta ao redor do Leão e enrolaram muitas voltas em seu



corpo, cabeça e pernas, até que ele fosse incapaz de morder, arranhar ou lutar de alguma forma. Então eles o levantaram e voaram com ele para o castelo da Bruxa, onde ele foi colocado em um pequeno pátio com uma cerca alta de ferro ao redor, para que ele não pudesse escapar.

Mas Dorothy eles não fizeram mal algum. Ela ficou parada, com Totó nos braços, observando o triste destino de seus camaradas e

pensando que logo seria sua vez. O líder dos Macacos Alados voou até ela, seus longos braços peludos estendidos e seu rosto feio sorrindo terrivelmente, mas ele viu a marca do beijo da Bruxa Boa em sua testa e parou, fazendo sinal para os outros não a tocarem.

“Não ousamos fazer mal a esta menina”, disse ele a eles, “pois ela está protegida pelo Poder do Bem, e isso é maior que o Poder do Mal. Tudo o que podemos fazer é levá-la ao castelo da Bruxa Malvada e deixá-la lá.”

Então, com cuidado e gentileza, eles levantaram Dorothy em seus braços e a carregaram rapidamente pelo ar até chegarem ao castelo, onde a colocaram na soleira da porta da frente. Então o líder disse à Bruxa:

“Nós a obedecemos até onde pudemos. O Homem de Lata e o Espantalho foram destruídos e o Leão está amarrado em seu quintal. A menina não ousamos machucar, nem o cachorro que ela carrega nos braços. Seu poder sobre nosso bando agora terminou e você nunca mais nos verá.”

Então todos os Macacos Alados, com muitas risadas, tagarelice e barulho, voaram para o ar e logo desapareceram de vista.

A Bruxa Malvada ficou surpresa e preocupada quando viu a marca na testa de Dorothy, pois sabia bem que nem os Macacos Alados nem ela mesma ousariam machucar a menina de forma alguma. Ela olhou para os pés de Dorothy e, vendo os Sapatos de Prata, começou a tremer de medo, pois sabia que um poderoso feitiço pertencia a eles. A princípio, a Bruxa ficou tentada a fugir de Dorothy, mas por acaso ela olhou nos olhos da criança e viu como era simples a alma por trás deles, e

que a menina não sabia do poder maravilhoso que os Sapatos de Prata lhe davam. Então a Bruxa Malvada riu para si mesma e pensou: "Ainda posso torná-la minha escrava, pois ela não sabe como usar seu poder." Então ela disse a Dorothy, áspera e severamente:

"Venha comigo; e veja se você se lembra de tudo que eu lhe digo, pois se não o fizer, acabarei com você, como fiz com o Homem de Lata e o Espantalho."

Dorothy a seguiu por muitos dos belos cômodos de seu castelo até chegarem à cozinha, onde a Bruxa ordenou que ela limpasse as panelas e chaleiras, varresse o chão e mantivesse o fogo aceso com lenha.

Dorothy foi trabalhar humildemente, com a mente decidida a trabalhar o mais duro que pudesse, pois estava feliz que a Bruxa Malvada tivesse decidido não matá-la.

Com Dorothy trabalhando duro, a Bruxa pensou que iria para o pátio e atrelaria o Leão Covarde como um cavalo. Divertiria a ela, ela tinha certeza, fazê-lo puxar sua carruagem sempre que ela quisesse dirigir. Mas quando ela abriu o portão, o Leão deu um rugido alto e saltou sobre ela tão ferozmente que a Bruxa ficou com medo e correu para fora e fechou o portão novamente.

"Se eu não posso atrelar você", disse a Bruxa ao Leão, falando através das grades do portão, "eu posso matar você de fome. Você não terá nada para comer até que faça o que eu desejo."

Então, depois disso, ela não levou comida para o Leão preso, mas todos os dias ela ia até o portão ao meio-dia e perguntava: "Você está pronto para ser atrelado como um cavalo?"

E o Leão respondia: "Não. Se você entrar neste quintal, eu vou te morder."

A razão pela qual o Leão não teve que fazer o que a Bruxa queria era que todas as noites, enquanto a mulher dormia, Dorothy lhe levava comida do armário. Depois de comer, ele se deitava em sua cama de palha, e Dorothy se deitava ao lado dele e colocava a cabeça em sua juba macia e peluda, enquanto conversavam sobre seus problemas e tentavam planejar alguma maneira de escapar. Mas eles não conseguiam encontrar uma maneira de sair do castelo, pois ele era constantemente guardado pelos Winkies amarelos, que eram escravos da Bruxa Malvada e tinham muito medo dela para não fazer o que ela mandava.

A menina teve que trabalhar duro durante o dia, e muitas vezes a Bruxa ameaçava espancá-la com o mesmo guarda-chuva velho que ela sempre carregava na mão. Mas, na verdade, ela não ousava bater em Dorothy, por causa da marca em sua testa. A criança não sabia disso e estava cheia de medo por si mesma e por Totó. Certa vez, a Bruxa deu um golpe em Totó com o guarda-chuva e o corajoso cachorrinho voou para ela e mordeu sua perna em resposta. A Bruxa não sangrou onde foi mordida, pois ela era tão perversa que o sangue nela havia secado muitos anos antes.

A vida de Dorothy tornou-se muito triste à medida que ela foi entendendo que seria mais difícil do que nunca voltar para o Kansas e para a Tia Em novamente. Às vezes, ela chorava amargamente por horas, com Totó sentado a seus pés e olhando para seu rosto, ganindo tristemente para mostrar o quanto sentia pena de sua

pequena dona. Totó realmente não se importava se estava no Kansas ou na Terra de Oz, contanto que Dorothy estivesse com ele, mas ele sabia que a menina estava infeliz, e isso o deixava infeliz também.

Ora, a Bruxa Malvada tinha um grande desejo de possuir os Sapatos de Prata que a menina sempre usava. Suas abelhas, seus corvos e seus lobos estavam em pilhas e secando, e ela havia esgotado todo o poder do Capuz de Ouro; mas se ela pudesse apenas se apossar dos Sapatos de Prata, eles lhe dariam mais poder do que todas as outras coisas que ela havia perdido. Ela observava Dorothy cuidadosamente, para ver se ela alguma vez tirava os sapatos, pensando que poderia roubá-los. Mas a criança tinha tanto orgulho de seus lindos sapatos que nunca os tirava, exceto à noite e quando tomava banho. A Bruxa tinha muito medo do escuro para ousar ir ao quarto de Dorothy à noite para pegar os sapatos, e seu pavor da água era maior que seu medo do escuro, então ela nunca chegava perto quando Dorothy estava tomando banho. Na verdade, a velha Bruxa nunca tocava na água, nem nunca deixava a água tocá-la de alguma forma.

Mas a criatura perversa era muito astuta e finalmente pensou em um truque que lhe daria o que ela queria. Ela colocou uma barra de ferro no meio do chão da cozinha e então, por suas artes mágicas, tornou o ferro invisível aos olhos humanos. De modo que quando Dorothy atravessou o chão, ela tropeçou na barra, não sendo capaz de vê-la, e caiu de corpo inteiro. Ela não se machucou muito, mas em sua queda um dos Sapatos de

Prata saiu; e antes que ela pudesse alcançá-lo, a Bruxa o arrebatou e o colocou em seu próprio pé magro. A mulher perversa ficou muito satisfeita com o sucesso de seu truque, pois enquanto ela tivesse um dos sapatos, ela possuía metade do poder de seu encanto, e Dorothy não poderia usá-lo contra ela, mesmo que soubesse como fazê-lo.

A menina, vendo que havia perdido um de seus lindos sapatos, ficou com raiva e disse à Bruxa: "Devolva meu sapato!"

"Eu não vou", respondeu a Bruxa, "pois agora é meu sapato, e não seu."

"Você é uma criatura perversa!", gritou Dorothy. "Você não tem o direito de tirar meu sapato de mim."

"Eu vou ficar com ele, do mesmo jeito", disse a Bruxa, rindo dela, "e algum dia eu vou pegar o outro de você também."

Isso deixou Dorothy tão brava que ela pegou o balde de água que estava perto e jogou sobre a Bruxa, molhando-a da cabeça aos pés.

Instantaneamente, a mulher perversa deu um alto grito de medo e então, enquanto Dorothy olhava para ela com espanto, a Bruxa

começou a encolher e se desfazer.

"Veja o que você fez!", ela gritou. "Em um minuto eu vou derreter."



"Sinto muito, mesmo", disse Dorothy, que estava realmente assustada ao ver a Bruxa realmente derretendo como açúcar mascavo diante de seus olhos. "Você não sabia que a água seria o meu fim?", perguntou a Bruxa, com uma voz lamentosa e desesperada.

"Claro que não", respondeu Dorothy. "Como eu deveria saber?"

"Bem, em poucos minutos eu estarei toda derretida, e você terá o castelo para você. Eu fui perversa em meus dias, mas nunca pensei que uma garotinha como você seria capaz de me derreter e acabar com meus atos perversos. Cuidado - aqui vou eu!"

Com essas palavras, a Bruxa caiu em uma massa marrom, derretida e sem forma e começou a se espalhar pelas tábuas limpas do chão da cozinha. Vendo que ela realmente havia derretido até desaparecer, Dorothy pegou outro balde de água e jogou sobre a bagunça. Ela então varreu tudo para fora da porta. Depois de pegar o sapato de prata, que era tudo o que restava da velha, ela o limpou e secou com um pano e o colocou no pé novamente. Então, estando finalmente livre para fazer o que quisesse, ela correu para o pátio para dizer ao Leão que a Bruxa Malvada do Oeste havia chegado ao fim e que eles não eram mais prisioneiros em uma terra estranha.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz : O resgate (13/24)

O Leão Covarde ficou muito contente ao saber que a Bruxa Malvada havia sido derretida por um balde de água, e Dorothy imediatamente destrancou o portão de sua prisão e o libertou. Eles entraram juntos no castelo, onde o primeiro ato de Dorothy foi chamar todos os Winkies e dizer-lhes que eles não eram mais escravos. Houve grande alegria entre os Winkies amarelos, pois eles foram obrigados a trabalhar duro durante muitos anos para a Bruxa Malvada, que sempre os tratou com grande crueldade. Eles guardaram este dia como um feriado, desde então e para sempre, e passaram o tempo em banquetes e danças.

"Se nossos amigos, o Espantalho e o Homem de Lata, estivessem apenas conosco", disse o Leão, "eu ficaria muito feliz".

"Você não acha que poderíamos resgatá-los?", perguntou a garota ansiosamente.

"Podemos tentar", respondeu o Leão.

Então eles chamaram os Winkies amarelos e perguntaram se eles ajudariam a resgatar seus amigos, e os Winkies disseram que ficariam encantados em fazer tudo ao seu alcance por Dorothy, que os havia libertado da escravidão. Então ela escolheu um número de Winkies que pareciam saber mais, e todos partiram. Eles

viajaram naquele dia e parte do próximo até chegarem à planície rochosa onde o Homem de Lata jazia, todo machucado e torto. Seu machado estava perto dele, mas a lâmina estava enferrujada e o cabo quebrado.

Os Winkies o ergueram ternamente em seus braços e o carregaram de volta para o Castelo Amarelo, Dorothy derramando algumas lágrimas pelo caminho com a triste situação de seu velho amigo, e o Leão parecendo sóbrio e triste. Quando eles chegaram ao castelo, Dorothy disse aos Winkies:

"Algum de vocês é funileiro?"

"Oh, sim. Alguns de nós somos muito bons funileiros", disseram a ela.

"Então tragam-nos para mim", disse ela. E quando os funileiros chegaram, trazendo consigo todas as suas ferramentas em cestos, ela perguntou: "Vocês podem endireitar essas moças no Homem de Lata e dobrá-lo de volta à sua forma e soldá-lo onde ele está quebrado?"

Os funileiros examinaram o Homem de Lata cuidadosamente e então responderam que achavam que poderiam consertá-lo para que ele ficasse tão bom quanto antes. Então eles começaram a trabalhar em um dos grandes quartos amarelos do castelo e trabalharam por três dias e quatro noites, martelando, torcendo, dobrando, soldando, polindo e batendo nas pernas, corpo e cabeça do Homem de Lata, até que finalmente ele foi endireitado em sua forma antiga, e suas juntas funcionavam tão bem quanto antes. Sem dúvida, havia vários remendos nele, mas os funileiros fizeram um bom trabalho e, como o Homem de Lata não era um homem vaidoso, ele não se importava com os remendos.

Quando, finalmente, ele entrou no quarto de Dorothy e agradeceu por resgatá-lo, ele ficou tão satisfeito que chorou lágrimas de alegria, e Dorothy teve que limpar cuidadosamente cada lágrima de seu rosto com o avental, para que suas juntas não enferrujassem. Ao mesmo tempo, suas próprias lágrimas caíam grossas e rápidas com a alegria de reencontrar seu velho amigo, e essas lágrimas não precisavam ser enxugadas. Quanto ao Leão, ele enxugou os olhos tantas vezes com a ponta do rabo que ficou bastante molhado e foi obrigado a sair para o pátio e segurá-lo ao sol até que secasse.



"Se ao menos tivéssemos o Espantalho conosco novamente", disse o Homem de Lata, quando Dorothy terminou de contar tudo o que havia acontecido, "eu ficaria muito feliz".

"Devemos tentar encontrá-lo", disse a garota.

Então ela chamou os Winkies para ajudá-la, e eles caminharam todo aquele dia e parte do próximo até chegarem à árvore alta nos galhos da qual os Macacos Alados haviam jogado as roupas do Espantalho.

Era uma árvore muito alta e o tronco era tão liso que ninguém conseguia escalá-la; mas o Homem de Lata disse

imediatamente: "Vou cortá-la e então poderemos pegar as roupas do Espantalho".

Agora, enquanto os funileiros estavam trabalhando consertando o próprio Homem de Lata, outro dos Winkies, que era ourives, havia feito um cabo de machado de ouro maciço e o encaixado no machado do Homem de Lata, em vez do cabo velho e quebrado.

Outros poliram a lâmina até que toda a ferrugem foi removida e ela brilhou como prata polida.

Assim que ele falou, o Homem de Lata começou a cortar, e em pouco tempo a árvore caiu com um estrondo, com o que as roupas do Espantalho caíram dos galhos e rolaram no chão.

Dorothy os pegou e pediu aos Winkies que os levassem de volta ao castelo, onde foram recheados com palha nova e limpa; e eis que aqui estava o Espantalho, tão bom como sempre, agradecendo-lhes repetidamente por salvá-lo.

Agora que estavam reunidos, Dorothy e seus amigos passaram alguns dias felizes no Castelo Amarelo, onde encontraram tudo o que precisavam para se sentirem confortáveis.

Mas um dia a garota pensou na tia Em e disse:

"Devemos voltar para Oz e reivindicar sua promessa".

"Sim", disse o Homem de Lata, "finalmente conseguirei meu coração".

"E eu conseguirei meu cérebro", acrescentou o Espantalho alegremente.

"E eu conseguirei minha coragem", disse o Leão pensativamente.

"E eu voltarei para o Kansas", gritou Dorothy, batendo palmas. "Oh, vamos partir para a Cidade Esmeralda amanhã!"

Isso eles decidiram fazer. No dia seguinte, eles chamaram os Winkies e se despediram. Os Winkies lamentaram vê-los partir e ficaram tão apegados ao Homem de Lata que imploraram para que ele ficasse e governasse sobre eles e a Terra Amarela do Oeste. Descobrendo que eles estavam determinados a ir, os Winkies deram a Totó e ao Leão cada um uma coleira de ouro; e a Dorothy eles presentearam uma linda pulseira cravejada de diamantes; e ao Espantalho eles deram uma bengala com cabeça de ouro, para evitar que ele tropeçasse; e ao Homem de Lata eles ofereceram um oleador de prata, incrustado com ouro e cravejado de joias preciosas.

Cada um dos viajantes fez um belo discurso aos Winkies em troca, e todos apertaram as mãos deles até que seus braços doessem.

Dorothy foi ao armário da Bruxa para encher sua cesta com comida para a jornada, e lá ela viu o Chapéu de Ouro. Ela o experimentou em sua própria cabeça e descobriu que ele se encaixava perfeitamente nela. Ela não sabia nada sobre o encanto do Chapéu de Ouro, mas viu que era bonito, então decidiu usá-lo e carregar seu chapéu de sol na cesta.

Então, estando preparados para a jornada, todos partiram para a Cidade Esmeralda; e os Winkies deram-lhes três vivas e muitos votos de felicidades para levar com eles.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: Os Macacos Alados (14/24)

Você se lembrará que não havia estrada – nem mesmo um caminho – entre o castelo da Bruxa Malvada e a Cidade das Esmeraldas. Quando os quatro viajantes foram em busca da Bruxa, ela os viu chegando e então enviou os Macacos Alados para trazê-los até ela. Foi muito mais difícil encontrar o caminho de volta através dos grandes campos de botões-de-ouro e margaridas amarelas do que ser carregado. Eles sabiam, é claro, que deviam ir direto para o leste, em direção ao sol nascente; e eles começaram da maneira certa. Mas ao meio-dia, quando o sol estava sobre suas cabeças, eles não sabiam qual era o leste e qual era o oeste, e essa foi a razão pela qual eles se perderam nos grandes campos. Eles continuaram andando, no entanto, e à noite a lua apareceu e brilhou intensamente. Então eles se deitaram entre as flores amarelas de cheiro doce e dormiram profundamente até a manhã – todos, exceto o Espantalho e o Homem de Lata.

Na manhã seguinte, o sol estava atrás de uma nuvem, mas eles começaram, como se tivessem certeza de que caminho estavam seguindo.

“Se andarmos longe o suficiente”, disse Dorothy, “tenho certeza de que em algum momento chegaremos a algum lugar”.

Mas dia após dia se passou, e eles ainda não viam nada diante deles além dos campos escarlates. O Espantalho começou a resmungar um pouco.

“Certamente perdemos o nosso caminho”, disse ele, “e a menos que o encontremos novamente a tempo de chegar à Cidade das Esmeraldas, nunca conseguirei meu cérebro”.

“Nem eu meu coração”, declarou o Homem de Lata.

“Parece-me que mal posso esperar para chegar a Oz, e você deve admitir que esta é uma jornada muito longa”.

“Veja”, disse o Leão Covarde, com um gemido, “não tenho coragem de continuar andando para sempre, sem chegar a lugar nenhum”.

Então Dorothy desanimou. Ela se sentou na grama e olhou para seus companheiros, e eles se sentaram e olharam para ela, e Totó descobriu que, pela primeira vez em sua vida, estava cansado demais para perseguir uma borboleta que passou voando por sua cabeça. Então ele colocou a língua para fora e ofegou e olhou para Dorothy como se perguntasse o que eles deveriam fazer a seguir.

“Suponha que chamemos os ratos do campo”, ela sugeriu. “Eles provavelmente poderiam nos dizer o caminho para a Cidade das Esmeraldas”.

“Com certeza eles poderiam”, gritou o Espantalho. “Por que não pensamos nisso antes?”

Dorothy soprou o pequeno apito que sempre carregava no pescoço desde que a Rainha dos Ratos o havia dado a ela. Em poucos minutos, eles ouviram o som de passos minúsculos, e muitos dos pequenos ratos cinzentos vieram

correndo até ela. Entre eles estava a própria Rainha, que perguntou, em sua vozinha estridente:

“O que posso fazer por meus amigos?”

“Nós nos perdemos”, disse Dorothy. “Você pode nos dizer onde fica a Cidade das Esmeraldas?”

“Certamente”, respondeu a Rainha; “mas é muito longe, pois você a teve de costas o tempo todo”. Então ela notou o Capuz Dourado de Dorothy e disse: “Por que você não usa o encanto do Capuz e chama os Macacos Alados até você? Eles o levarão para a Cidade de Oz em menos de uma hora”.

“Eu não sabia que havia um encanto”, respondeu Dorothy, surpresa. “Como faço?”

“Está escrito dentro do Capuz Dourado”, respondeu a Rainha dos Ratos. “Mas se você vai chamar os Macacos Alados, devemos fugir, pois eles são cheios de travessuras e acham muito divertido nos atormentar”.

“Eles não vão me machucar?” perguntou a garota ansiosamente.

“Ah não. Eles devem obedecer ao usuário do Capuz. Adeus!” E ela disparou, com todos os ratos correndo atrás dela.

Dorothy olhou dentro do Capuz Dourado e viu algumas palavras escritas no forro. Essas, ela pensou, devem ser o encanto, então ela leu as instruções cuidadosamente e colocou o Capuz em sua cabeça.

“Ep-pe, pep-pe, kak-ke!” ela disse, de pé sobre o pé esquerdo.

“O que você disse?” perguntou o Espantalho, que não sabia o que ela estava fazendo.

“Hil-lo, hol-lo, hel-lo!” Dorothy continuou, em pé desta vez sobre o pé direito.

“Olá!” respondeu o Homem de Lata calmamente.

“Ziz-zy, zuz-zy, zik!” disse Dorothy, que agora estava de pé sobre os dois pés. Isso encerrou o encantamento, e eles ouviram um grande tagarelar e bater de asas, enquanto o bando de Macacos Alados voava até eles.

O Rei fez uma reverência diante de Dorothy e perguntou: “Qual é o seu comando?”

“Desejamos ir para a Cidade das Esmeraldas”, disse a criança, “e nos perdemos”.

“Nós os carregaremos”, respondeu o Rei, e ele mal havia falado quando dois dos Macacos pegaram

Dorothy em seus braços e voaram com ela. Outros pegaram o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão, e um macaquinho agarrou Totó e voou atrás deles, embora o cachorro tentasse mordê-lo.

O Espantalho e o Homem de Lata ficaram um pouco assustados no início, pois se lembravam de como os Macacos Alados os haviam tratado mal antes; mas eles viram que nenhum dano era pretendido, então eles cavalgaram pelo ar alegremente e se divertiram olhando para os bonitos jardins e bosques bem abaixo deles.

Dorothy se viu cavalgando facilmente entre dois dos maiores Macacos, um deles o próprio Rei. Eles haviam



feito uma cadeira com as mãos e tinham o cuidado de não machucá-la.

“Por que você tem que obedecer ao encanto do Capuz Dourado?” ela perguntou.

“Essa é uma longa história”, respondeu o Rei, com uma risada alada; “mas como temos uma longa jornada pela frente, vou passar o tempo contando a você sobre isso, se desejar”.

“Terei o maior prazer em ouvir”, ela respondeu.

“Era uma vez”, começou o líder, “éramos um povo livre, vivendo felizes na grande floresta, voando de árvore em árvore, comendo nozes e frutas, e fazendo exatamente o que queríamos sem chamar ninguém de mestre. Talvez alguns de nós fôssemos um pouco cheios de travessuras às vezes, voando para baixo para puxar os rabos dos animais que não tinham asas, perseguindo pássaros e jogando nozes nas pessoas que caminhavam na floresta. Mas éramos descuidados e felizes e cheios de diversão, e aproveitávamos cada minuto do dia. Isso foi há muitos anos, muito antes de Oz sair das nuvens para governar esta terra.

“Vivia aqui então, lá no Norte, uma linda princesa, que também era uma feiticeira poderosa. Toda a sua magia era usada para ajudar as pessoas, e ela nunca foi conhecida por ferir alguém que fosse bom. Seu nome era Gayelette, e ela morava em um belo palácio construído com grandes blocos de rubi. Todos a amavam, mas sua maior tristeza era que ela não conseguia encontrar ninguém para amar em troca, já que todos os homens eram estúpidos e feios demais para se acasalar com alguém tão bonito e sábio. Por fim, porém, ela

encontrou um menino que era bonito, másculo e sábio além de sua idade. Gayelette decidiu que quando ele crescesse e se tornasse um homem, ela o faria seu marido, então ela o levou para seu palácio de rubi e usou todos os seus poderes mágicos para torná-lo tão forte, bom e adorável quanto qualquer mulher poderia desejar. Quando ele chegou à idade adulta, Quelala, como era chamado, era considerado o melhor e mais sábio homem de toda a terra, enquanto sua beleza máscula era tão grande que Gayelette o amava muito e se apressou em preparar tudo para o casamento.

“Meu avô era naquela época o Rei dos Macacos Alados que viviam na floresta perto do palácio de Gayelette, e o velho adorava uma piada mais do que um bom jantar. Um dia, pouco antes do casamento, meu avô estava voando com sua tropa quando viu Quelala caminhando à beira do rio. Ele estava vestido com uma rica roupa de seda rosa e veludo roxo, e meu avô pensou em ver o que ele poderia fazer. Ao seu sinal, a tropa voou para baixo e agarrou Quelala, carregando-o em seus braços até que estivessem sobre o meio do rio, e então o jogaram na água.

“Nade para fora, meu bom sujeito’, gritou meu avô, ‘e veja se a água manchou suas roupas.’ Quelala era muito sábio para não nadar, e não foi nem um pouco estragado por toda a sua boa sorte. Ele riu quando chegou à superfície da água e nadou até a costa. Mas quando Gayelette veio correndo até ele, ela encontrou suas sedas e veludo todos arruinados pelo rio.

“A princesa estava com raiva e ela sabia, é claro, quem fez isso. Ela mandou trazer todos os Macacos Alados

diante dela, e ela disse a princípio que suas asas deveriam ser amarradas e eles deveriam ser tratados como trataram Quelala, e jogados no rio. Mas meu avô implorou muito, pois sabia que os Macacos se afogariam no rio com suas asas amarradas, e Quelala também disse uma palavra gentil por eles; de modo que Gayelette finalmente os poupou, com a condição de que os Macacos Alados sempre fizessem três vezes a vontade do dono do Capuz Dourado. Este Capuz havia sido feito para um presente de casamento para Quelala, e diz-se que custou à princesa metade de seu reino. Claro, meu avô e todos os outros Macacos imediatamente concordaram com a condição, e é assim que acontece que somos três vezes escravos do dono do Capuz Dourado, seja ele quem for.”

“E o que aconteceu com eles?” perguntou Dorothy, que estava muito interessada na história.



“Sendo Quelala o primeiro dono do Capuz Dourado”, respondeu o Macaco, “ele foi o primeiro a depositar seus desejos sobre nós. Como sua noiva não suportava nos ver, ele nos chamou a todos na floresta depois de se casar com ela e nos ordenou que

sempre ficássemos onde ela nunca mais pudesse colocar os olhos em um Macaco Alado, o que ficamos felizes em fazer, pois todos nós tínhamos medo dela.

“Isso foi tudo o que tivemos que fazer até que o Capuz Dourado caiu nas mãos da Bruxa Malvada do Oeste, que nos fez escravizar os Winkies e depois expulsar o próprio Oz da Terra do Oeste. Agora o Capuz Dourado é seu, e três vezes você tem o direito de depositar seus desejos sobre nós.”

Assim que o Rei Macaco terminou sua história, Dorothy olhou para baixo e viu as paredes verdes e brilhantes da Cidade das Esmeraldas diante deles. Ela se maravilhou com o vôo rápido dos Macacos, mas ficou feliz que a jornada tivesse terminado. As estranhas criaturas colocaram os viajantes cuidadosamente diante do portão da Cidade, o Rei fez uma reverência para Dorothy e então voou rapidamente para longe, seguido por toda a sua tropa.

“Foi um bom passeio”, disse a menina.

“Sim, e uma maneira rápida de sair de nossos problemas”, respondeu o Leão. “Que sorte você ter trazido aquele Capuz maravilhoso!”

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: A Descoberta de Oz, o Terrível (15/24)

Os quatro viajantes caminharam até o grande portão da Cidade Esmeralda e tocaram a campainha. Depois de tocar várias vezes, ele foi aberto pelo mesmo Guardião dos Portões que eles haviam encontrado antes.

“O quê! Vocês voltaram?” ele perguntou surpreso.

“Você não está nos vendo?” respondeu o Espantalho.

“Mas eu pensei que vocês tinham ido visitar a Bruxa Malvada do Oeste.”

“Nós a visitamos”, disse o Espantalho.

“E ela deixou vocês irem embora de novo?” perguntou o homem, maravilhado.

“Ela não pôde evitar, pois ela derreteu”, explicou o Espantalho.

“Derreteu! Bem, essa é uma boa notícia, de fato”, disse o homem. “Quem a derreteu?”

“Foi a Dorothy”, disse o Leão gravemente.

“Santo Deus!” exclamou o homem, e ele se curvou profundamente diante dela.

Então ele os conduziu para dentro de seu quartinho e colocou os óculos da grande caixa em todos os seus olhos, assim como ele havia feito antes. Depois, eles passaram pelo portão para dentro da Cidade Esmeralda.

Quando o povo ouviu do Guardião dos Portões que Dorothy havia derretido a Bruxa Malvada do Oeste, todos se reuniram ao redor dos viajantes e os seguiram em uma grande multidão até o Palácio de Oz.

O soldado de bigodes verdes ainda estava de guarda na frente da porta, mas ele os deixou entrar imediatamente, e eles foram recebidos novamente pela linda garota verde, que mostrou a cada um deles seus antigos quartos, para que pudessem descansar até que o Grande Oz estivesse pronto para recebê-los.

O soldado mandou levar a notícia diretamente para Oz de que Dorothy e os outros viajantes haviam voltado, depois de destruir a Bruxa Malvada; mas Oz não respondeu. Eles pensaram que o Grande Mágico os mandaria chamar imediatamente, mas ele não o fez. Eles não tiveram notícias dele no dia seguinte, nem no próximo, nem no próximo. A espera era cansativa e desgastante, e por fim eles ficaram irritados por Oz tratá-los de forma tão ruim, depois de mandá-los para enfrentar dificuldades e escravidão. Então o Espantalho finalmente pediu à garota verde que levasse outra mensagem para Oz, dizendo que se ele não os deixasse entrar para vê-lo imediatamente, eles chamariam os Macacos Alados para ajudá-los e descobrir se ele cumpria suas promessas ou não. Quando o Mágico recebeu esta mensagem, ele ficou tão assustado que mandou dizer que eles deveriam ir à Sala do Trono aos quatro minutos depois das nove da manhã seguinte. Ele já havia encontrado os Macacos Alados na Terra do Oeste e não queria encontrá-los novamente.

Os quatro viajantes passaram uma noite sem dormir, cada um pensando no presente que Oz havia prometido conceder a ele. Dorothy adormeceu apenas uma vez, e então ela sonhou que estava no Kansas, onde a tia Em estava lhe dizendo como estava feliz por ter sua garotinha em casa novamente.

Pontualmente às nove horas da manhã seguinte, o soldado de bigodes verdes veio até eles, e quatro minutos depois todos entraram na Sala do Trono do Grande Oz.

É claro que cada um deles esperava ver o Mágico na forma que ele havia tomado antes, e todos ficaram muito surpresos quando olharam ao redor e não viram ninguém na sala. Eles se mantiveram perto da porta e mais perto uns dos outros, pois o silêncio da sala vazia era mais terrível do que qualquer uma das formas que eles tinham visto Oz tomar.

De repente, ouviram uma voz solene, que parecia vir de algum lugar perto do topo da grande cúpula, e ela disse: "Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Por que vocês me procuram?"

Eles olharam novamente em cada parte da sala e, então, não vendo ninguém, Dorothy perguntou: "Onde você está?"

"Eu estou em todos os lugares", respondeu a Voz, "mas aos olhos dos mortais comuns eu sou invisível. Vou agora me sentar em meu trono, para que vocês possam conversar comigo." De fato, a Voz parecia naquele momento vir diretamente do próprio trono; então eles caminharam em direção a ele e ficaram em fila enquanto Dorothy dizia:

“Viemos reivindicar nossa promessa, ó Oz.”

“Que promessa?” perguntou Oz.

“Você prometeu me mandar de volta para o Kansas quando a Bruxa Malvada fosse destruída”, disse a garota.

“E você prometeu me dar um cérebro”, disse o Espantalho.

“E você prometeu me dar um coração”, disse o Homem de Lata.

“E você prometeu me dar coragem”, disse o Leão Covarde.

“A Bruxa Malvada foi realmente destruída?” perguntou a Voz, e Dorothy achou que ela tremeu um pouco.

“Sim”, ela respondeu, “eu a derreti com um balde de água.”

“Minha nossa”, disse a Voz, “que repentino! Bem, venham até mim amanhã, pois preciso de tempo para pensar sobre isso.”

“Você já teve tempo suficiente”, disse o Homem de Lata com raiva.

“Não vamos esperar mais um dia”, disse o Espantalho.

“Você deve cumprir suas promessas para nós!” exclamou Dorothy.

O Leão achou que seria bom assustar o Mágico, então ele deu um rugido alto e forte, que foi tão feroz e terrível que Totó se afastou dele assustado e derrubou a tela que estava em um canto. Quando ela caiu com um estrondo, eles olharam para lá, e no momento seguinte todos ficaram cheios de espanto. Pois eles viram, parado exatamente no lugar que a tela havia escondido, um homenzinho velho, com a cabeça calva e o rosto

enrugado, que parecia estar tão surpreso quanto eles. O Homem de Lata, erguendo seu machado, correu em direção ao homenzinho e gritou: "Quem é você?"

"Eu sou Oz, o Grande e Terrível", disse o homenzinho, com a voz trêmula. "Mas não me bata - por favor, não bata - e eu farei qualquer coisa que vocês quiserem."

Nossos amigos olharam para ele com surpresa e consternação.

"Eu pensei que Oz fosse uma grande Cabeça", disse Dorothy.

"E eu pensei que Oz fosse uma linda Senhora", disse o Espantalho.

"E eu pensei que Oz fosse uma Besta terrível", disse o Homem de Lata.

"E eu pensei que Oz fosse uma Bola de Fogo", exclamou o Leão.

"Não, vocês estão todos errados", disse o homenzinho humildemente. "Eu estava fingindo."

"Fingindo!" Dorothy gritou. "Você não é um Grande Mágico?"

"Shhh, minha querida", ele disse. "Não fale tão alto, ou você será ouvida - e eu estarei arruinado. Eu deveria ser um Grande Mágico."

"E você não é?" ela perguntou.



“Nem um pouco, minha querida; eu sou apenas um homem comum.”

“Você é mais do que isso”, disse o Espantalho, em tom magoado; “você é um farsante.”

“Exatamente!” declarou o homenzinho, esfregando as mãos como se estivesse satisfeito. “Eu sou um farsante.”

“Mas isso é terrível”, disse o Homem de Lata. “Como eu conseguirei meu coração?”

“Ou eu minha coragem?” perguntou o Leão.

“Ou eu meu cérebro?” lamentou o Espantalho, enxugando as lágrimas dos olhos com a manga do casaco.

“Meus queridos amigos”, disse Oz, “eu imploro que não falem dessas pequenas coisas. Pensem em mim, e no problema terrível em que estou por ser descoberto.”

“Ninguém mais sabe que você é um farsante?” perguntou Dorothy.

“Ninguém sabe, exceto vocês quatro - e eu mesmo”, respondeu Oz. “Eu enganei a todos por tanto tempo que pensei que nunca seria descoberto. Foi um grande erro meu deixá-los entrar na Sala do Trono. Normalmente eu não vejo nem mesmo meus súditos, e por isso eles acreditam que eu sou algo terrível.”

“Mas, eu não entendo”, disse Dorothy, perplexa. “Como foi que você me apareceu como uma grande Cabeça?”

“Esse foi um dos meus truques”, respondeu Oz. “Venham por aqui, por favor, e eu contarei tudo a vocês.”

Ele os conduziu a uma pequena câmara na parte de trás da Sala do Trono, e todos o seguiram. Ele apontou para um canto, no qual estava a grande Cabeça, feita de várias camadas de papel e com um rosto cuidadosamente pintado.

“Eu pendurei isso no teto por um arame”, disse Oz. “Eu fiquei atrás da tela e puxei um fio, para fazer os olhos se moverem e a boca abrir.”

“Mas e a voz?” ela perguntou.

“Ah, eu sou um ventríloquo”, disse o homenzinho. “Eu posso jogar o som da minha voz onde eu quiser, para que vocês pensem que está saindo da Cabeça. Aqui estão as outras coisas que eu usei para enganá-los.” Ele mostrou ao Espantalho o vestido e a máscara que ele havia usado quando parecia ser a linda Senhora. E o Homem de Lata viu que sua Besta terrível não era nada além de um monte de peles costuradas, com ripas para manter as laterais para fora. Quanto à Bola de Fogo, o falso Mágico também havia pendurado isso no teto. Era realmente uma bola de algodão, mas quando o óleo era derramado sobre ela, a bola queimava ferozmente.

“Sério”, disse o Espantalho, “você deveria ter vergonha de si mesmo por ser um farsante.”

“Eu tenho - eu certamente tenho”, respondeu o homenzinho tristemente; “mas era a única coisa que eu podia fazer. Sentem-se, por favor, há muitas cadeiras; e eu contarei minha história.”

Então eles se sentaram e ouviram enquanto ele contava a seguinte história.

“Eu nasci em Omaha—”

“Ora, isso não é muito longe do Kansas!” Dorothy gritou.

“Não, mas é mais longe daqui”, disse ele, balançando a cabeça para ela com tristeza. “Quando eu cresci, eu me tornei um ventríloquo, e nisso eu fui muito bem treinado por um grande mestre. Eu posso imitar qualquer tipo de pássaro ou animal.” Aqui ele miou tão parecido com um

gatinho que Totó empinou as orelhas e olhou para todos os lados para ver onde ela estava. “Depois de um tempo”, continuou Oz, “eu me cansei disso e me tornei um balonista.”

“O que é isso?” perguntou Dorothy.

“Um homem que sobe em um balão no dia do circo, para atrair uma multidão de pessoas e fazê-las pagar para ver o circo”, ele explicou.

“Ah”, ela disse, “eu sei.”

“Bem, um dia eu subi em um balão e as cordas se enrolaram, então eu não consegui descer de novo. Ele foi muito acima das nuvens, tão longe que uma corrente de ar o atingiu e o carregou por muitos, muitos quilômetros de distância. Por um dia e uma noite eu viajei pelo ar, e na manhã do segundo dia eu acordei e encontrei o balão flutuando sobre uma terra estranha e bonita.

“Ele desceu gradualmente, e eu não me machuquei nem um pouco. Mas eu me encontrei no meio de um povo estranho, que, me vendo vindo das nuvens, pensou que eu era um grande Mágico. É claro que eu deixei que pensassem assim, porque eles tinham medo de mim e prometeram fazer qualquer coisa que eu quisesse.

“Só para me divertir e manter as boas pessoas ocupadas, eu as ordenei que construíssem esta Cidade e meu Palácio; e eles fizeram tudo de bom grado e bem. Então eu pensei, como o país era tão verde e bonito, eu o chamaria de Cidade Esmeralda; e para fazer o nome se encaixar melhor, coloquei óculos verdes em todas as pessoas, para que tudo o que elas vissem fosse verde.”

“Mas não é tudo verde aqui?” perguntou Dorothy.

“Não mais do que em qualquer outra cidade”, respondeu Oz; “mas quando você usa óculos verdes, é claro que tudo o que você vê parece verde para você. A Cidade Esmeralda foi construída há muitos anos, pois eu era um jovem quando o balão me trouxe aqui, e eu sou um homem muito velho agora. Mas meu povo usa óculos verdes nos olhos há tanto tempo que a maioria deles pensa que realmente é uma Cidade Esmeralda, e certamente é um lugar lindo, abundante em joias e metais preciosos, e tudo de bom que é necessário para fazer alguém feliz. Eu tenho sido bom para o povo, e eles gostam de mim; mas desde que este Palácio foi construído, eu me fechei e não quis ver nenhum deles. “Um dos meus maiores medos eram as Bruxas, pois embora eu não tivesse nenhum poder mágico, logo descobri que as Bruxas eram realmente capazes de fazer coisas maravilhosas. Havia quatro delas neste país, e elas governavam o povo que vive no Norte, Sul, Leste e Oeste. Felizmente, as Bruxas do Norte e do Sul eram boas, e eu sabia que elas não me fariam mal; mas as Bruxas do Leste e do Oeste eram terrivelmente más, e se elas não pensassem que eu era mais poderoso do que elas mesmas, elas certamente teriam me destruído. Do jeito que estava, eu vivi com medo mortal delas por muitos anos; então vocês podem imaginar como fiquei feliz quando soube que sua casa havia caído sobre a Bruxa Malvada do Leste. Quando vocês vieram até mim, eu estava disposto a prometer qualquer coisa se vocês apenas acabassem com a outra Bruxa; mas, agora que vocês a derreteram, tenho vergonha de dizer que não posso cumprir minhas promessas.”

“Eu acho que você é um homem muito mau”, disse Dorothy.

“Oh, não, minha querida; eu sou realmente um homem muito bom, mas eu sou um péssimo Mágico, eu devo admitir.”

“Você não pode me dar um cérebro?” perguntou o Espantalho.

“Você não precisa deles. Você está aprendendo algo novo todos os dias. Um bebê tem cérebro, mas não sabe muito. A experiência é a única coisa que traz conhecimento, e quanto mais tempo você estiver na terra, mais experiência você certamente terá.”

“Tudo isso pode ser verdade”, disse o Espantalho, “mas eu ficarei muito infeliz a menos que você me dê um cérebro.”

O falso Mágico olhou para ele cuidadosamente.

“Bem”, ele disse com um suspiro, “eu não sou um grande mágico, como eu disse; mas se você vier até mim amanhã de manhã, eu encherei sua cabeça de cérebro. Eu não posso te dizer como usá-los, no entanto; você deve descobrir isso por si mesmo.”

“Oh, obrigado - obrigado!” gritou o Espantalho. “Eu encontrarei uma maneira de usá-los, nunca tema!”

“Mas e a minha coragem?” perguntou o Leão ansiosamente.

“Você tem muita coragem, tenho certeza”, respondeu Oz. “Tudo que você precisa é de confiança em si mesmo. Não há nenhum ser vivo que não tenha medo quando enfrenta o perigo. A verdadeira coragem está em enfrentar o perigo quando você está com medo, e esse tipo de coragem você tem de sobra.”

“Talvez eu tenha, mas estou com medo do mesmo jeito”, disse o Leão. “Eu realmente ficarei muito infeliz a menos que você me dê o tipo de coragem que faz alguém se esquecer de que está com medo.”

“Muito bem, eu te darei esse tipo de coragem amanhã”, respondeu Oz.

“E quanto ao meu coração?” perguntou o Homem de Lata.

“Ora, quanto a isso”, respondeu Oz, “eu acho que você está errado em querer um coração. Isso deixa a maioria das pessoas infelizes. Se você soubesse, você estaria com sorte por não ter um coração.”

“Isso deve ser uma questão de opinião”, disse o Homem de Lata. “De minha parte, suportarei toda a infelicidade sem reclamar, se você me der o coração.”

“Muito bem”, respondeu Oz humildemente. “Venha até mim amanhã e você terá um coração. Eu interpretei o Mágico por tantos anos que posso muito bem continuar no papel por mais um tempo.”

“E agora”, disse Dorothy, “como eu posso voltar para o Kansas?”

“Teremos que pensar sobre isso”, respondeu o homenzinho. “Dê-me dois ou três dias para considerar o assunto e tentarei encontrar uma maneira de levá-la pelo deserto. Enquanto isso, todos vocês serão tratados como meus convidados, e enquanto vocês viverem no Palácio, meu povo os servirá e obedecerá ao seu menor desejo. Há apenas uma coisa que peço em troca da minha ajuda - tal como ela é. Vocês devem manter meu segredo e não contar a ninguém que eu sou um farsante.”

Eles concordaram em não dizer nada do que haviam aprendido e voltaram para seus quartos animados. Até Dorothy tinha esperança de que "O Grande e Terrível Humbug", como ela o chamava, encontraria uma maneira de enviá-la de volta para o Kansas, e se ele o fizesse, ela estava disposta a perdoá-lo por tudo.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: A Arte Mágica do Grande Humbug (16/24)

Na manhã seguinte, o Espantalho disse aos seus amigos: “Me deem os parabéns. Finalmente vou a Oz para conseguir um cérebro. Quando eu voltar, serei como os outros homens.”

“Eu sempre gostei de você do jeito que você é”, disse Dorothy simplesmente.

“É gentil da sua parte gostar de um Espantalho”, ele respondeu. “Mas certamente você vai pensar mais em mim quando ouvir os pensamentos esplêndidos que meu novo cérebro vai produzir.” Então ele se despediu de todos com uma voz alegre e foi até a Sala do Trono, onde bateu na porta.

“Entre”, disse Oz.

O Espantalho entrou e encontrou o homenzinho sentado perto da janela, absorto em profundos pensamentos.

“Eu vim pelo meu cérebro”, observou o Espantalho, um pouco sem graça.

“Ah, sim; sente-se naquela cadeira, por favor”, respondeu Oz. “Você deve me desculpar por tirar sua cabeça, mas terei que fazê-lo para colocar seu cérebro no lugar certo.”

“Tudo bem”, disse o Espantalho. “Fique à vontade para tirar minha cabeça, contanto que seja uma cabeça melhor quando você a colocar de volta.”

Então o Mágico desamarrou sua cabeça e esvaziou a palha. Depois ele entrou na sala dos fundos e pegou uma medida de farelo, que misturou com muitos alfinetes e agulhas. Depois de sacudi-los bem, ele encheu o topo da cabeça do Espantalho com a mistura e encheu o resto do espaço com palha, para mantê-la no lugar.

Quando ele prendeu a cabeça do Espantalho em seu corpo novamente, ele disse a ele: “Daqui em diante você será um grande homem, pois eu lhe dei um monte de miolos novos em folha.”

O Espantalho ficou satisfeito e orgulhoso com a realização de seu maior desejo e, depois de agradecer calorosamente a Oz, voltou para seus amigos.

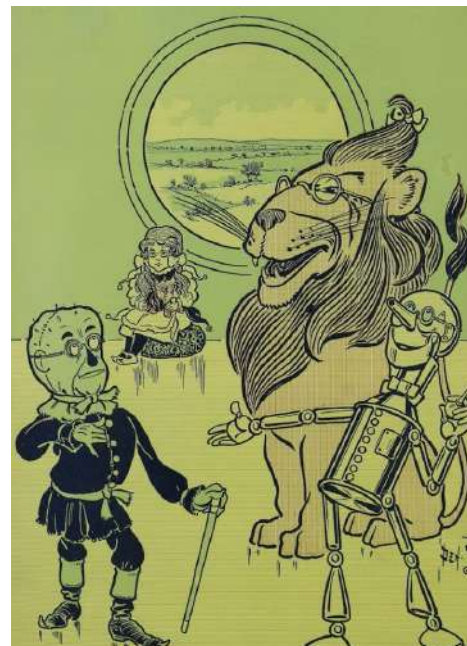
Dorothy olhou para ele com curiosidade. Sua cabeça estava bastante estufada no topo com o cérebro.

“Como você se sente?” ela perguntou.

“Eu me sinto realmente sábio”, ele respondeu com seriedade. “Quando eu me acostumar com meu cérebro, saberei tudo.”

“Por que essas agulhas e alfinetes estão saindo da sua cabeça?” perguntou o Homem de Lata.

“Essa é a prova de que ele é afiado”, comentou o Leão.



“Bem, eu tenho que ir a Oz buscar meu coração”, disse o Homem de Lata. Então ele caminhou até a Sala do Trono e bateu na porta.

“Entre”, chamou Oz, e o Homem de Lata entrou e disse: “Eu vim buscar meu coração”.

“Muito bem”, respondeu o homenzinho. “Mas vou ter que abrir um buraco no seu peito para colocar seu coração no lugar certo. Espero que não doa.”

“Ah, não”, respondeu o Homem de Lata. “Eu não vou sentir nada.”

Então Oz trouxe um par de tesouras de funileiro e cortou um pequeno buraco quadrado no lado esquerdo do peito do Homem de Lata. Então, indo até uma cômoda, tirou um lindo coração, feito inteiramente de seda e recheado com serragem.

“Não é uma beleza?” ele perguntou.

“É mesmo!” respondeu o Homem de Lata, que estava muito satisfeito. “Mas é um coração bondoso?”

“Oh, muito!” respondeu Oz. Ele colocou o coração no peito do Homem de Lata e então recolocou o quadrado de lata, soldando-o cuidadosamente onde havia sido cortado.

“Pronto”, disse ele; “agora você tem um coração do qual qualquer homem se orgulharia. Sinto muito por ter que colocar um remendo no seu peito, mas realmente não pude evitar.”

“Não se importe com o remendo”, exclamou o feliz Homem de Lata. “Sou muito grato a você e nunca esquecerei sua gentileza.”

“Não mencione isso”, respondeu Oz.

Então o Homem de Lata voltou para seus amigos, que lhe desejaram toda a felicidade por causa de sua boa sorte. O Leão agora caminhou até a Sala do Trono e bateu na porta.

"Entre", disse Oz.

"Eu vim buscar minha coragem", anunciou o Leão, entrando na sala.

"Muito bem", respondeu o homenzinho; "Eu vou buscá-la para você."

Ele foi até um armário e, erguendo-se até uma prateleira alta, pegou um frasco quadrado verde, cujo conteúdo ele derramou em um prato verde-dourado, lindamente esculpido. Colocando isso diante do Leão Covarde, que o cheirou como se não gostasse, o Mágico disse:

"Beba."

"O que é isso?" perguntou o Leão.

"Bem", respondeu Oz, "se estivesse dentro de você, seria coragem. Você sabe, claro, que a coragem está sempre dentro de cada um; de modo que isso realmente não pode ser chamado de coragem até que você o tenha engolido. Portanto, eu o aconselho a beber o mais rápido possível. "

O Leão não hesitou mais, mas bebeu até que o prato estivesse vazio.

"Como você se sente agora?" perguntou Oz.

"Cheio de coragem", respondeu o Leão, que voltou alegremente para seus amigos para contar sobre sua boa sorte.

Oz, deixado sozinho, sorriu ao pensar em seu sucesso em dar ao Espantalho, ao Homem de Lata e ao Leão

exatamente o que eles pensavam que queriam. "Como posso deixar de ser um charlatão", disse ele, "quando todas essas pessoas me fazem fazer coisas que todo mundo sabe que não podem ser feitas? Foi fácil fazer o Espantalho, o Leão e o Homem de Lata felizes, porque eles imaginavam que eu podia fazer qualquer coisa. Mas vai ser preciso mais do que imaginação para levar Dorothy de volta ao Kansas, e tenho certeza de que não sei como isso pode ser feito."

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: Como o balão foi lançado (17/24)

Por três dias, Dorothy não teve notícias de Oz. Foram dias tristes para a garotinha, embora seus amigos estivessem felizes e contentes. O Espantalho lhes disse que havia pensamentos maravilhosos em sua cabeça; mas ele não dizia quais eram, porque sabia que ninguém além dele poderia entendê-los. Quando o Homem de Lata andava, sentia seu coração batendo em seu peito; e disse a Dorothy que havia descoberto ser um coração mais bondoso e terno do que aquele que ele possuía quando era feito de carne. O Leão declarou que não tinha medo de nada na terra e enfrentaria alegremente um exército ou uma dúzia dos ferozes Kalidahs.

Assim, cada um do pequeno grupo estava satisfeito, exceto Dorothy, que ansiava mais do que nunca voltar para o Kansas.

No quarto dia, para sua grande alegria, Oz mandou chamá-la e, quando ela entrou na Sala do Trono, ele a cumprimentou alegremente:

"Sente-se, minha querida; acho que encontrei uma maneira de tirar você deste país."

"E voltar para o Kansas?", ela perguntou ansiosamente.

"Bem, não tenho certeza sobre o Kansas", disse Oz, "pois não tenho a menor ideia de que lado fica. Mas a primeira coisa a fazer é atravessar o deserto e, então, deve ser fácil encontrar o caminho de volta para casa."

"Como posso atravessar o deserto?", ela perguntou.

"Bem, vou te dizer o que eu acho", disse o homenzinho.

"Veja, quando cheguei a este país, foi em um balão. Você também veio pelo ar, carregada por um ciclone. Então, acredito que a melhor maneira de atravessar o deserto seja pelo ar. Agora, está além de minhas capacidades criar um ciclone; mas tenho pensado sobre o assunto e acredito que posso fazer um balão."

"Como?", perguntou Dorothy.

"Um balão", disse Oz, "é feito de seda, que é revestida com cola para manter o gás dentro. Tenho bastante seda no Palácio, então não será problema fazer o balão. Mas em todo este país não há gás para encher o balão e fazê-lo flutuar."

"Se não flutuar", comentou Dorothy, "não será de nenhuma utilidade para nós."

"Verdade", respondeu Oz. "Mas existe outra maneira de fazê-lo flutuar, que é enchê-lo com ar quente. O ar quente não é tão bom quanto o gás, pois se o ar esfriasse, o balão desceria no deserto e estaríamos perdidos."

"Nós!", exclamou a menina. "Você vai comigo?"

"Sim, claro", respondeu Oz. "Estou cansado de ser um charlatão. Se eu sáísse deste Palácio, meu povo logo descobriria que eu não sou um Mágico, e então eles ficariam zangados comigo por tê-los enganado. Então, tenho que ficar trancado nesses quartos o dia todo, e

isso se torna cansativo. Eu preferia voltar para o Kansas com você e estar em um circo novamente."

"Ficarei feliz em ter sua companhia", disse Dorothy.

"Obrigado", ele respondeu. "Agora, se você me ajudar a costurar a seda, começaremos a trabalhar em nosso balão."

Então Dorothy pegou agulha e linha, e tão rápido quanto Oz

cortava as tiras de seda no

formato adequado, a menina as costurava

ordenadamente. Primeiro, havia uma tira de seda verde-clara, depois uma tira de verde-escura e, em seguida,

uma tira de verde-esmeralda; pois Oz queria fazer o

balão em diferentes tons da cor ao redor deles. Levaram três dias para costurar todas as tiras, mas quando

terminaram, tinham um grande saco de seda verde com mais de seis metros de comprimento.

Então Oz pintou-o por dentro com uma camada de cola fina, para torná-lo hermético, após o que anunciou que o balão estava pronto.

"Mas precisamos de uma cesta para andar", disse ele.

Então ele enviou o soldado de bigodes verdes para buscar um grande cesto de roupas, que ele prendeu com várias cordas na parte inferior do balão.

Quando tudo estava pronto, Oz mandou avisar ao seu povo que ele iria fazer uma visita a um grande irmão Mágico que vivia nas nuvens. A notícia se espalhou



rapidamente por toda a cidade e todos vieram ver a visão maravilhosa.

Oz ordenou que o balão fosse carregado para fora do Palácio, e as pessoas olharam para ele com muita curiosidade. O Homem de Lata havia picado uma grande pilha de lenha, e agora ele fazia uma fogueira com ela, e Oz segurava a parte inferior do balão sobre o fogo para que o ar quente que subia fosse capturado no saco de seda. Gradualmente, o balão se encheu e subiu no ar, até que finalmente a cesta tocou o chão.

Então Oz entrou na cesta e disse a todas as pessoas em voz alta:

"Vou fazer uma visita. Enquanto eu estiver fora, o Espantalho governará vocês. Eu ordeno que vocês o obedeçam como me obedeceriam."

A essa altura, o balão já puxava com força a corda que o prendia ao chão, pois o ar dentro dele estava quente, e isso o tornava tão mais leve que o ar de fora que ele puxava com força para subir ao céu.

"Venha, Dorothy!", gritou o Mágico. "Depressa, ou o balão vai voar para longe."

"Não consigo encontrar Totó em lugar nenhum", respondeu Dorothy, que não queria deixar seu cachorrinho para trás. Totó havia corrido para a multidão para latir para um gatinho, e Dorothy finalmente o encontrou. Ela o pegou no colo e correu em direção ao balão.

Ela estava a poucos passos dele, e Oz estava estendendo as mãos para ajudá-la a entrar na cesta, quando, crack! foram as cordas, e o balão subiu no ar sem ela.

"Volte!", ela gritou. "Eu quero ir também!"

"Não posso voltar, minha querida", respondeu Oz da cesta. "Adeus!"

"Adeus!", gritaram todos, e todos os olhos se voltaram para cima, onde o Mágico estava sentado na cesta, subindo a cada momento cada vez mais alto no céu. E essa foi a última vez que qualquer um deles viu Oz, o Mágico Maravilhoso, embora ele possa ter chegado a Omaha em segurança e esteja lá agora, pelo que sabemos. Mas o povo se lembrava dele com carinho e diziam uns aos outros:

"Oz sempre foi nosso amigo. Quando ele estava aqui, ele construiu para nós esta linda Cidade Esmeralda, e agora que ele se foi, ele deixou o Sábio Espantalho para governar sobre nós."

Ainda assim, por muitos dias eles lamentaram a perda do Mágico Maravilhoso e não se consolaram.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico De Oz: Longe para o sul (18/24)

Dorothy chorou amargamente com o fim da sua esperança de voltar para casa, para o Kansas; mas quando pensou bem, ficou feliz por não ter subido num balão. E também sentiu muito por perder Oz, assim como os seus companheiros.

O Homem de Lata aproximou-se dela e disse:

"Na verdade, eu seria ingrato se não chorasse pelo homem que me deu este meu adorável coração. Gostaria de chorar um pouco porque o Oz se foi, se você fizesse a gentileza de secar as minhas lágrimas, para eu não enferrujar."

"Com prazer", respondeu ela, e trouxe uma toalha imediatamente. Então o Homem de Lata chorou durante alguns minutos, e ela observou as suas lágrimas cuidadosamente e secou-as com a toalha. Quando ele acabou, agradeceu-lhe gentilmente e lubrificou-se cuidadosamente com o seu oleador de joias, para se proteger contra qualquer problema.

O Espantalho era agora o governante da Cidade das Esmeraldas, e embora não fosse um Feiticeiro, o povo tinha orgulho dele. "Pois", diziam eles, "não há outra cidade em todo o mundo governada por um homem de palha." E, tanto quanto sabiam, tinham toda a razão.

Na manhã seguinte à partida do balão com o Oz, os quatro viajantes encontraram-se na Sala do Trono e conversaram sobre o assunto. O Espantalho sentou-se no grande trono e os outros colocaram-se respeitosamente diante dele.

"Não somos assim tão azarados", disse o novo governante, "pois este Palácio e a Cidade das Esmeraldas pertencem-nos, e podemos fazer o que quisermos. Quando me lembro que há pouco tempo estava em cima de um poste no milharal de um agricultor, e que agora sou o governante desta linda cidade, fico bastante satisfeito com a minha sorte."

"Eu também", disse o Homem de Lata, "estou muito contente com o meu novo coração; e, na verdade, era a única coisa que eu queria no mundo inteiro."

"Da minha parte, contento-me em saber que sou tão corajoso quanto qualquer animal que já viveu, se não mais corajoso", disse o Leão modestamente.

"Se a Dorothy se contentasse em viver na Cidade das Esmeraldas", continuou o Espantalho, "poderíamos ser todos felizes juntos."

"Mas eu não quero viver aqui", gritou a Dorothy. "Quero voltar para o Kansas e viver com a Tia Em e o Tio Henry."

"Bem, então, o que podemos fazer?", perguntou o Homem de Lata.

O Espantalho decidiu pensar, e pensou tanto que os alfinetes e as agulhas começaram a sair-lhe do cérebro. Finalmente, ele disse:

"Porque não chamamos os Macacos Alados e lhes pedimos para a levarem até ao outro lado do deserto?"

"Nunca tinha pensado nisso!", disse a Dorothy alegremente. "É a solução perfeita. Vou já buscar o Chapéu de Ouro."

Quando ela o trouxe para a Sala do Trono, pronunciou as palavras mágicas, e rapidamente o bando de Macacos Alados voou pela janela aberta e parou ao lado dela.

"Esta é a segunda vez que nos chamas", disse o Rei Macaco, curvando-se diante da menina. "O que desejas?"

"Quero que voem comigo para o Kansas", disse a Dorothy.

Mas o Rei Macaco abanou a cabeça.

"Isso não é possível", disse ele. "Pertencemos apenas a esta terra e não podemos deixá-la. Nunca houve um Macaco Alado no Kansas até agora, e suponho que nunca haverá, porque eles não pertencem a esse lugar.

Teremos todo o gosto em servi-la de qualquer forma que esteja ao nosso alcance, mas não podemos atravessar o deserto. Adeus."

E com outra vénia, o Rei Macaco abriu as suas asas e voou pela janela, seguido por todo o seu bando.

A Dorothy estava prestes a chorar de desapontamento.

"Desperdicei o encanto do Chapéu de Ouro em vão", disse ela, "pois os Macacos Alados não me podem ajudar."

"É realmente uma pena!", disse o Homem de Lata de coração mole.

O Espantalho estava a pensar outra vez, e a sua cabeça inchou tanto que a Dorothy temeu que rebentasse.

"Vamos chamar o soldado de bigodes verdes", disse ele, "e pedir-lhe conselhos."

Então chamaram o soldado, que entrou timidamente na Sala do Trono, pois enquanto o Oz estava vivo, ele nunca tinha permissão para ir além da porta.

"Esta menina", disse o Espantalho ao soldado, "deseja atravessar o deserto. Como é que ela pode fazê-lo?"

"Não sei dizer", respondeu o soldado, "pois ninguém, exceto o próprio Oz, alguma vez atravessou o deserto."

"Ninguém pode me ajudar?", perguntou a Dorothy, sinceramente.

"A Glinda poderá conseguir", sugeriu ele.

"Quem é a Glinda?", perguntou o Espantalho.

"A Bruxa do Sul. Ela é a mais poderosa de todas as Bruxas e governa os Quadlings. Além disso, o seu castelo fica na orla do deserto, por isso ela saberá certamente como atravessá-lo."

"A Glinda é uma Bruxa Boa, não é?", perguntou a menina.

"Os Quadlings acham que ela é boa", disse o soldado, "e ela é bondosa para com todos. Ouvi dizer que a Glinda é uma mulher linda, que sabe como se manter jovem, apesar dos muitos anos que já viveu."

"Como é que posso chegar ao castelo dela?", perguntou a Dorothy.

"O caminho segue direto para o Sul", respondeu ele, "mas dizem que está cheio de perigos para os viajantes.

Há animais selvagens nas florestas e uma raça de homens estranhos que não gostam que estranhos atravessem as suas terras. Por esta razão, nenhum dos Quadlings vem alguma vez à Cidade das Esmeraldas."

O soldado deixou-os então, e o Espantalho disse:

"Parece que, apesar dos perigos, a melhor coisa que a Dorothy tem a fazer é viajar até à Terra do Sul e pedir ajuda à Glinda. Pois, claro, se a Dorothy ficar aqui, nunca mais voltará para o Kansas."

"Deve ter estado a pensar outra vez", observou o Homem de Lata.

"Estive", disse o Espantalho.

"Eu vou com a Dorothy", declarou o Leão, "pois estou cansado da sua cidade e tenho saudades das florestas e do campo. Na verdade, eu sou um animal selvagem, sabem. Além disso, a Dorothy vai precisar de alguém que a proteja."

"É verdade", concordou o Homem de Lata. "O meu machado pode ser-lhe útil; por isso eu também vou com ela para a Terra do Sul."

"Quando partimos?", perguntou o Espantalho.

"Vai com a gente?", perguntaram eles, surpresos.

"Claro. Se não fosse pela Dorothy, eu nunca teria tido cérebro. Ela tirou-me do poste no milharal e trouxe-me para a Cidade das Esmeraldas. Por isso, a minha boa sorte deve-se a ela, e eu nunca a deixarei até que ela volte para o Kansas de vez."

"Obrigada", disse a Dorothy, agradecida. "São todos muito queridos comigo. Mas eu gostaria de partir o mais breve possível."

"Partiremos amanhã de manhã", respondeu o Espantalho.

"Agora vamos preparar-nos, pois será uma longa viagem."

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: Atacado pelas Árvores Lutadoras (19/24)

Na manhã seguinte, Dorothy deu um beijo de despedida na amável menina verde, e todos apertaram a mão do soldado de bigodes verdes, que os acompanhou até o portão. Quando o Guardiã do Portão os viu novamente, ficou muito surpreso por eles deixarem a Cidade linda para se meterem em novos problemas. Mas ele imediatamente pegou os óculos deles, que ele guardou de volta na caixa verde, e desejou-lhes muitas felicidades em sua jornada.

"Você agora é nosso governante", disse ele ao Espantalho; "Então você deve voltar para nós assim que possível."

"Eu certamente voltarei se eu puder", respondeu o Espantalho; "Mas eu preciso ajudar Dorothy a voltar para casa primeiro."

Enquanto Dorothy se despedia do gentil Guardiã, ela disse:

"Eu fui muito bem tratada em sua adorável Cidade, e todos foram bons para mim. Eu não posso dizer o quão grata eu sou."

"Não tente, minha querida", ele respondeu. "Nós gostaríamos de mantê-la conosco, mas se é seu desejo

retornar ao Kansas, espero que você encontre um caminho." Ele então abriu o portão da muralha externa, e eles saíram e iniciaram sua jornada.

O sol brilhava intensamente enquanto nossos amigos voltavam seus rostos para a Terra do Sul. Eles estavam todos muito animados, rindo e conversando. Dorothy estava mais uma vez cheia da esperança de chegar em casa, e o Espantalho e o Homem de Lata estavam felizes em poder ajudá-la. Quanto ao Leão, ele cheirava o ar fresco com prazer e agitava o rabo de um lado para o outro em pura alegria por estar no campo novamente, enquanto Totó corria ao redor deles e perseguia as mariposas e borboletas, latindo alegremente o tempo todo.

"A vida na cidade não me agrada em nada", comentou o Leão, enquanto caminhavam a um ritmo acelerado. "Eu perdi muita carne desde que morei lá, e agora estou ansioso por uma chance de mostrar às outras feras o quão corajoso eu me tornei."

Eles então se viraram e deram uma última olhada na Cidade Esmeralda. Tudo o que podiam ver era uma massa de torres e campanários por trás das paredes verdes, e bem acima de tudo, as torres e a cúpula do Palácio de Oz.

"Oz não era um Mágico tão ruim, afinal", disse o Homem de Lata, enquanto sentia seu coração batendo forte em seu peito.

"Ele sabia como me dar miolos, e miolos muito bons, também", disse o Espantalho.

"Se Oz tivesse tomado uma dose da mesma coragem que ele me deu", acrescentou o Leão, "ele teria sido um homem corajoso."

Dorothy não disse nada. Oz não cumpriu a promessa que lhe fez, mas ele fez o seu melhor, então ela o perdoou. Como ele disse, ele era um bom homem, mesmo que fosse um Mágico ruim.

A jornada do primeiro dia foi através dos campos verdes e flores brilhantes que se estendem ao redor da Cidade Esmeralda por todos os lados. Eles dormiram naquela noite na grama, com nada além das estrelas sobre eles; e eles descansaram muito bem, de fato.

Pela manhã, eles viajaram até chegarem a uma floresta densa. Não havia como contorná-la, pois parecia se estender para a direita e para a esquerda até onde a vista alcançava; e, além disso, eles não ousaram mudar a direção de sua jornada por medo de se perderem. Então eles procuraram o lugar onde seria mais fácil entrar na floresta.

O Espantalho, que estava na liderança, finalmente descobriu uma grande árvore com galhos tão extensos que havia espaço para o grupo passar por baixo. Então ele caminhou em direção à árvore, mas assim que chegou sob os primeiros galhos, eles se curvaram e se enrolaram em volta dele, e no minuto seguinte ele foi erguido do chão e atirado de cabeça entre seus companheiros de viagem.



Isso não machucou o Espantalho, mas o surpreendeu, e ele pareceu bastante tonto quando Dorothy o pegou. "Aqui está outro espaço entre as árvores", chamou o Leão.

"Deixe-me tentar primeiro", disse o Espantalho, "pois não me machuca ser jogado para cima e para baixo." Ele caminhou até outra árvore, enquanto falava, mas seus galhos imediatamente o agarraram e o jogaram de volta. "Isso é estranho", exclamou Dorothy. "O que faremos?" "As árvores parecem ter decidido lutar conosco e parar nossa jornada", observou o Leão.

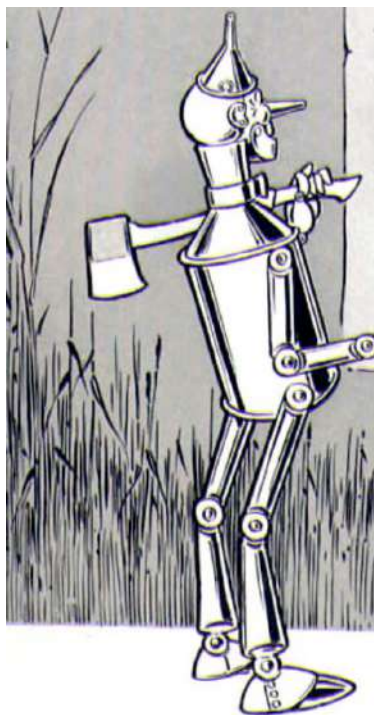
"Acredito que vou tentar eu mesmo", disse o Homem de Lata, e colocando o machado no ombro, ele marchou até a primeira árvore que havia tratado o Espantalho tão rudemente. Quando um grande galho se curvou para agarrá-lo, o Homem de Lata o cortou tão ferozmente que o partiu em dois. Imediatamente a árvore começou a sacudir todos os seus galhos como se estivesse com dor, e o Homem de Lata passou são e salvo por baixo dela.

"Venham!" ele gritou para os outros. "Sejam rápidos!" Todos eles correram para frente e passaram sob a árvore sem se machucar, exceto Totó, que foi pego por um pequeno galho e sacudido até uivar. Mas o Homem de Lata prontamente cortou o galho e libertou o cachorrinho.

As outras árvores da floresta não fizeram nada para detê-los, então eles concluíram que apenas a primeira fileira de árvores podia dobrar seus galhos, e que provavelmente estes eram os policiais da floresta, e

receberam esse poder maravilhoso para manter estranhos longe dela.

Os quatro viajantes caminharam com facilidade entre as



árvores até chegarem à outra extremidade da floresta. Então, para sua surpresa, eles encontraram diante deles um alto muro que parecia ser feito de porcelana branca. Era liso, como a superfície de um prato, e mais alto que suas cabeças.

"O que faremos agora?" perguntou Dorothy.

"Eu farei uma escada", disse o Homem de Lata, "pois certamente devemos pular o muro."

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O delicado País de Louça (20/24)

Enquanto o Homem de Lata fazia uma escada de madeira que encontrou na floresta, Dorothy se deitou e dormiu, pois estava cansada da longa caminhada. O Leão também se enrolou para dormir e Totó se deitou ao lado dele.

O Espantalho observava o Homem de Lata enquanto ele trabalhava e disse a ele:

"Não consigo imaginar por que essa parede está aqui, nem de que é feita."

"Descanse seus miolos e não se preocupe com a parede", respondeu o Homem de Lata. "Quando a tivermos escalado, saberemos o que está do outro lado."

Depois de um tempo, a escada foi terminada. Parecia desajeitada, mas o Homem de Lata tinha certeza de que era forte e atenderia ao propósito deles. O Espantalho acordou Dorothy, o Leão e Totó e disse-lhes que a escada estava pronta. O Espantalho subiu a escada primeiro, mas ele era tão desajeitado que Dorothy teve que segui-lo de perto e impedi-lo de cair. Quando ele colocou a cabeça acima do topo da parede, o Espantalho disse: "Oh, meu Deus!"

"Vá em frente", exclamou Dorothy.

Então o Espantalho subiu mais e sentou-se no topo da parede, e Dorothy colocou a cabeça para fora e gritou: "Oh, meu Deus!" assim como o Espantalho havia feito. Então Totó subiu e imediatamente começou a latir, mas Dorothy o fez ficar quieto.

O Leão subiu a escada em seguida, e o Homem de Lata veio por último; mas ambos gritaram: "Oh, meu Deus!" assim que olharam por cima da parede. Quando todos estavam sentados em fila no topo da parede, eles olharam para baixo e viram uma visão estranha.

Diante deles estava uma grande extensão de terra com um chão tão liso, brilhante e branco quanto o fundo de um grande prato. Espalhadas ao redor estavam muitas casas feitas inteiramente de porcelana e pintadas nas cores mais brilhantes. Essas casas eram bem pequenas, a maior delas alcançando apenas a altura da cintura de Dorothy. Havia também lindos pequenos celeiros, com cercas de porcelana ao redor deles; e muitas vacas, ovelhas, cavalos, porcos e galinhas, todos feitos de porcelana, estavam parados em grupos.

Mas o mais estranho de tudo eram as pessoas que viviam neste país estranho. Havia leiteiras e pastoras, com corpetes de cores vivas e manchas douradas em seus vestidos; e princesas com vestidos mais lindos de prata, ouro e roxo; e pastores vestidos com calções na altura do joelho com listras rosa, amarelas e azuis neles, e fivelas



douradas em seus sapatos; e príncipes com coroas de joias em suas cabeças, vestindo robes de arminho e gibões de cetim; e palhaços engraçados em vestidos de babados, com manchas vermelhas redondas nas bochechas e gorros altos e pontudos. E, o mais estranho de tudo, essas pessoas eram todas feitas de porcelana, até suas roupas, e eram tão pequenas que a mais alta delas não era mais alta que o joelho de Dorothy.

Ninguém sequer olhou para os viajantes a primeira vista, exceto um cachorrinho de porcelana roxo com uma cabeça extra grande, que chegou até a parede e latiu para eles com uma vozinha minúscula, depois fugindo novamente.

"Como descenderemos?" perguntou Dorothy.

Eles descobriram que a escada era tão pesada que não conseguiram puxá-la para cima, então o Espantalho caiu da parede e os outros pularam em cima dele para que o chão duro não machucasse seus pés. É claro que eles tomaram cuidado para não cair na cabeça dele e cravar os alfinetes em seus pés. Quando todos estavam seguramente no chão, eles pegaram o Espantalho, cujo corpo estava completamente achatado, e deram tapinhas em sua palha até que ele voltasse à forma.

"Devemos atravessar este lugar estranho para chegar ao outro lado", disse Dorothy, "pois não seria sensato irmos por qualquer outro caminho, exceto para o Sul."

Eles começaram a caminhar pelo país do povo de porcelana, e a primeira coisa que encontraram foi uma leiteira de porcelana ordenhando uma vaca de porcelana. Quando eles se aproximaram, a vaca de repente deu um coice e derrubou o banquinho, o balde e até a própria

leiteira, e todos caíram no chão de porcelana com um grande estrondo.

Dorothy ficou chocada ao ver que a vaca havia quebrado a perna e que o balde estava em vários pedaços pequenos, enquanto a pobre leiteira tinha um corte no cotovelo esquerdo.

"Olha lá!" gritou a leiteira com raiva. "Veja o que vocês fizeram! Minha vaca quebrou a perna, e eu preciso levá-la ao conserto para colá-la novamente. O que vocês querem dizer com vir aqui e assustar minha vaca?"

"Sinto muito", respondeu Dorothy. "Por favor, nos perdoe."

Mas a linda leiteira estava muito chateada para dar qualquer resposta. Ela pegou a perna emburrada e levou sua vaca embora, o pobre animal mancando em três pernas. Ao deixá-los, a leiteira lançou muitos olhares de reprovação por cima do ombro para os estranhos desajeitados, segurando o cotovelo cortado perto do corpo.

Dorothy ficou bastante triste com este contratempo.

"Precisamos ter muito cuidado aqui", disse o bondoso Homem de Lata, "ou podemos machucar essas lindas pessoinhas de modo que elas nunca se recuperarão."

Um pouco mais adiante, Dorothy encontrou uma jovem princesa lindamente vestida, que parou de repente ao ver os estranhos e começou a fugir.

Dorothy queria ver mais da Princesa, então correu atrás dela. Mas a garota de porcelana gritou:

"Não me persiga! Não me persiga!"

Ela tinha uma voz tão assustada que Dorothy parou e disse: "Por que não?"

"Porque", respondeu a Princesa, parando também, a uma distância segura, "se eu correr, posso cair e me quebrar."

"Mas você não poderia ser consertada?" perguntou a menina.

"Ah, sim; mas nunca se fica tão bonita depois de ser consertada, sabe", respondeu a Princesa.

"Imagino", disse Dorothy.

"Agora aí vem o Sr. Joker, um de nossos palhaços", continuou a dama da porcelana, "que está sempre tentando ficar de cabeça para baixo. Ele se quebrou tantas vezes que foi consertado em cem lugares, e não parece mais bonito. Lá vem ele agora, então você pode ver por si mesma."

De fato, um pequeno palhaço alegre veio andando em direção a eles, e Dorothy pôde ver que, apesar de suas lindas roupas vermelhas, amarelas e verdes, ele estava completamente coberto de rachaduras, indo para todos os lados e mostrando claramente que ele havia sido consertado em muitos lugares.

O Palhaço colocou as mãos nos bolsos e, depois de estufar as bochechas e acenar com a cabeça para eles descaradamente, disse:

"Minha bela dama,

Por que você me encara

Pobre velho Sr. Joker?

Você está tão rígida

E certinha como se

Você tivesse engolido um atiçador!"

"Fique quieto, senhor!" disse a Princesa. "Você não vê que estes são estranhos e devem ser tratados com respeito?"

"Bem, isso é respeito, eu acho", declarou o Palhaço, e imediatamente ficou de cabeça para baixo.

"Não ligue para o Sr. Joker", disse a Princesa a Dorothy. "Ele está consideravelmente rachado na cabeça, e isso o torna tolo."

"Ah, eu não me importo nem um pouco com ele", disse Dorothy. "Mas você é tão bonita", ela continuou, "que tenho certeza de que poderia amá-la muito. Você não me deixaria levá-la de volta para o Kansas e colocá-la na lareira da tia Em? Eu poderia levá-la na minha cesta."

"Isso me deixaria muito infeliz", respondeu a Princesa de porcelana. "Veja, aqui em nosso país, vivemos contentes e podemos conversar e nos mover como quisermos. Mas sempre que algum de nós é levado embora, nossas juntas se enrijecem imediatamente, e só podemos ficar em pé e parecer bonitos. É claro que isso é tudo o que se espera de nós quando estamos em lareiras, armários e mesas de desenho, mas nossas vidas são muito mais agradáveis aqui em nosso próprio país."

"Eu não te faria infeliz por nada neste mundo!" exclamou Dorothy. "Então eu só vou dizer adeus."

"Adeus", respondeu a Princesa.

Eles caminharam cuidadosamente pelo país da porcelana. Os animaizinhos e todas as pessoas corriam para fora do caminho, temendo que os estranhos os quebrassem, e depois de uma ou duas horas os viajantes chegaram ao

outro lado do país e chegaram a outra parede de porcelana.

No entanto, não era tão alto quanto o primeiro e, subindo nas costas do Leão, todos conseguiram subir até o topo. Então o Leão juntou as patas sob o corpo e pulou no muro; mas assim que ele pulou, ele derrubou uma igreja de porcelana com o rabo e a quebrou em pedaços.

"Isso foi muito ruim", disse Dorothy, "mas realmente acho que tivemos sorte em não fazer mais mal a essas pessoas pequeninas do que quebrar a perna de uma vaca e uma igreja. Eles são todos tão frágeis!"

"Eles são, de fato", disse o Espantalho, "e sou grato por ser feito de palha e não poder ser facilmente danificado. Existem coisas piores no mundo do que ser um Espantalho."

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O Leão se torna o Rei dos Animais (21/24)

Depois de descerem da Muralha da China, os viajantes se encontraram em uma região desagradável, cheia de pântanos e brejos, coberta por grama alta e densa. Era difícil caminhar sem cair em atoleiros, pois a grama era tão espessa que os escondia de vista. No entanto, abrindo caminho com cuidado, eles conseguiram atravessar com segurança até chegarem a um terreno sólido. Mas aqui a paisagem parecia ainda mais selvagem do que antes e, após uma longa e cansativa caminhada pela vegetação rasteira, eles entraram em outra floresta, onde as árvores eram maiores e mais antigas do que qualquer outra que já tivessem visto.

"Esta floresta é perfeitamente encantadora", declarou o Leão, olhando ao redor com alegria. "Nunca vi um lugar mais bonito."

"Parece sombrio", disse o Espantalho.

"Nem um pouco", respondeu o Leão. "Eu gostaria de viver aqui a minha vida inteira. Veja como as folhas secas são macias sob seus pés e como o musgo que se agarra a essas árvores antigas é rico e verde.

Certamente nenhuma besta selvagem poderia desejar um lar mais agradável."

"Talvez haja bestas selvagens na floresta agora", disse Dorothy.

"Suponho que haja", respondeu o Leão, "mas não vejo nenhuma delas por perto."

Eles caminharam pela floresta até que escurecesse demais para prosseguir. Dorothy, Totó e o Leão se deitaram para dormir, enquanto o Homem de Lata e o Espantalho montavam guarda, como de costume.

Quando a manhã chegou, eles partiram novamente. Não haviam ido muito longe quando ouviram um estrondo baixo, como o rosnado de muitos animais selvagens. Totó choramingou um pouco, mas nenhum dos outros se assustou, e eles continuaram pelo caminho já trilhado até chegarem a uma clareira na mata, onde estavam reunidas centenas de animais de todas as espécies.

Havia tigres, elefantes, ursos, lobos, raposas e todos os outros da história natural, e por um momento Dorothy ficou com medo. Mas o Leão explicou que os animais estavam realizando uma reunião e, a julgar pelos rosnados e grunhidos, estavam em apuros.



Enquanto ele falava, algumas das feras o avistaram, e de repente a grande assembleia silenciou como por mágica. O maior dos tigres se aproximou do Leão e fez uma reverência, dizendo:

"Bem-vindo, ó Rei das Feras! Você chegou em boa hora para lutar contra nosso

inimigo e trazer a paz a todos os animais da floresta mais uma vez."

"Qual é o problema de vocês?", perguntou o Leão calmamente.

"Estamos todos ameaçados", respondeu o tigre, "por um inimigo feroz que recentemente chegou a esta floresta. É um monstro tremendo, como uma grande aranha, com um corpo do tamanho de um elefante e pernas do tamanho do tronco de uma árvore. Tem oito dessas pernas longas, e conforme o monstro rasteja pela floresta, ele agarra um animal com uma perna e o arrasta para a boca, onde o devora como uma aranha faz com uma mosca. Nenhum de nós está seguro enquanto esta criatura feroz estiver viva, e havíamos convocado uma reunião para decidir como cuidar de nós mesmos quando você apareceu entre nós."

O Leão pensou por um momento.

"Existem outros leões nesta floresta?", ele perguntou.

"Não. Havia alguns, mas o monstro os comeu todos. E, além disso, nenhum deles era tão grande e corajoso quanto você".

"Se eu acabar com seu inimigo, vocês se curvarão a mim e me obedecerão como Rei da Floresta?", perguntou o Leão.

"Faremos isso de bom grado", respondeu o tigre; e todas as outras bestas rugiram em uníssono: "Nós o faremos!"

"Onde está esta sua grande aranha agora?", perguntou o Leão.

"Lá, entre os carvalhos", disse o tigre, apontando com a pata dianteira.

"Cuidem bem desses meus amigos", disse o Leão, "e eu irei imediatamente lutar contra o monstro".

Ele se despediu de seus companheiros e marchou orgulhosamente para lutar com o inimigo.

A grande aranha estava dormindo quando o Leão a encontrou, e parecia tão feia que ele torceu o nariz em desgosto. Suas pernas eram tão longas quanto o tigre havia dito e seu corpo era coberto por pelos pretos e grossos. Tinha uma boca enorme, com uma fileira de dentes afiados de trinta centímetros de comprimento; mas sua cabeça estava ligada ao corpo desajeitado por um pescoço tão fino quanto a cintura de uma vespa.

Isso deu ao Leão uma dica da melhor maneira de atacar a criatura e, como ele sabia que era mais fácil lutar com ela dormindo do que acordada, ele deu um grande salto e pousou diretamente nas costas do monstro. Então, com um golpe de sua pesada pata, armada com garras afiadas, ele arrancou a cabeça da aranha do corpo. Pulando para baixo, ele observou até que as longas pernas parassem de se mexer, quando ele soube que estava morta.

O Leão voltou para a clareira onde as bestas da floresta o esperavam e disse com orgulho:

"Vocês não precisam mais temer seu inimigo."

Então as bestas se curvaram diante do Leão como seu Rei, e ele prometeu voltar e governá-los assim que Dorothy estivesse segura em seu caminho para o Kansas.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O país dos Quadlings (22/24)

Os quatro viajantes passaram pelo resto da floresta em segurança e, ao saírem da escuridão, viram diante deles uma colina íngreme, coberta de cima a baixo com grandes pedaços de rocha.

"Vai ser uma subida difícil", disse o Espantalho, "mas temos que passar por cima da colina, apesar de tudo."

Então ele liderou o caminho e os outros seguiram. Eles quase haviam alcançado a primeira rocha quando ouviram uma voz áspera gritar: "Voltem!"

"Quem é você?", perguntou o Espantalho.

Então, uma cabeça apareceu sobre a rocha e a mesma voz disse: "Esta colina nos pertence e não permitimos que ninguém a cruze."

"Mas nós temos que cruzá-la", disse o Espantalho.

"Estamos indo para o país dos Quadlings."

"Mas vocês não vão passar!", respondeu a voz, e de trás da rocha saiu o homem mais estranho que os viajantes já tinham visto.

Ele era bastante baixo e corpulento, com uma cabeça grande e achatada no topo, apoiada por um pescoço grosso e cheio de rugas. Mas ele não tinha braços e, vendo isso, o Espantalho não temeu que uma criatura tão indefesa pudesse impedi-los de subir a colina. Então ele disse: "Sinto muito por não fazer o que você deseja,

mas temos que passar por cima da sua colina, quer você goste ou não", e ele caminhou corajosamente para a frente.

Rápido como um raio, a cabeça do homem se projetou para a frente e seu pescoço se esticou até que o topo da cabeça, onde era plano, atingiu o Espantalho no meio do corpo e o fez cair, rolando colina abaixo. Quase tão rápido quanto veio, a cabeça voltou ao corpo, e o homem riu asperamente enquanto dizia: "Não é tão fácil quanto vocês pensam!"

Um coro de risos estridentes veio das outras rochas, e Dorothy viu centenas de Cabeças de Martelo sem braços na encosta, uma atrás de cada rocha.

O Leão ficou bastante irritado com a risada causada pelo acidente do Espantalho e, dando um rugido alto que ecoou como um trovão, ele disparou colina acima.

Novamente, uma cabeça se projetou para fora rapidamente, e o grande Leão rolou colina abaixo como se tivesse sido atingido por uma bala de canhão.

Dorothy correu e ajudou o Espantalho a se levantar, e o Leão se aproximou dela, sentindo-se bastante machucado e dolorido, e disse: "É inútil lutar contra pessoas com cabeças de projétil; ninguém pode detê-las."

"O que podemos fazer, então?", ela perguntou.



"Chame os Macacos Alados", sugeriu o Homem de Lata. "Você ainda tem o direito de comandá-los mais uma vez."

"Muito bem", ela respondeu, e colocando o Capuz Dourado, ela pronunciou as palavras mágicas. Os Macacos foram tão rápidos como sempre, e em poucos instantes o grupo inteiro estava diante dela.

"Quais são suas ordens?", perguntou o Rei dos Macacos, curvando-se profundamente.

"Levem-nos por cima da colina até o país dos Quadlings", respondeu a menina.

"Assim será feito", disse o Rei, e imediatamente os Macacos Alados pegaram os quatro viajantes e Totó em seus braços e voaram para longe com eles. Ao passarem sobre a colina, as Cabeças de Martelo gritaram de frustração e lançaram suas cabeças no ar, mas não conseguiram alcançar os Macacos Alados, que carregaram Dorothy e seus companheiros em segurança sobre a colina e os deixaram no belo país dos Quadlings. "Esta é a última vez que vocês podem nos convocar", disse o líder para Dorothy; "então, adeus e boa sorte para vocês."

"Adeus e muito obrigada", respondeu a menina; e os Macacos subiram no ar e desapareceram de vista em um piscar de olhos.

O país dos Quadlings parecia rico e feliz. Havia campo após campo de grãos amadurecendo, com estradas bem pavimentadas entre eles e bonitos riachos ondulantes com pontes fortes sobre eles. As cercas, casas e pontes eram todas pintadas de um vermelho brilhante, assim como haviam sido pintadas de amarelo no país dos

Winkies e azul no país dos Munchkins. Os próprios Quadlings, que eram baixos, gordos e pareciam robustos e bondosos, estavam todos vestidos de vermelho, o que contrastava com a grama verde e os grãos amarelados. Os Macacos os haviam deixado perto de uma fazenda, e os quatro viajantes caminharam até ela e bateram na porta. Ela foi aberta pela esposa do fazendeiro, e quando Dorothy pediu algo para comer, a mulher deu a todos um bom jantar, com três tipos de bolo, quatro tipos de biscoitos e uma tigela de leite para Totó.

"A que distância fica o Castelo de Glinda?", perguntou a criança.

"Não é muito longe", respondeu a esposa do fazendeiro.

"Sigam a estrada para o sul e vocês logo chegarão lá."

Agradecendo à boa mulher, eles partiram novamente e caminharam pelos campos e pelas belas pontes até verem diante deles um castelo muito bonito. Diante dos portões estavam três jovens, vestidas com belos uniformes vermelhos enfeitados com tranças douradas; e quando Dorothy se aproximou, uma delas disse a ela:

"Por que você veio ao País do Sul?"

"Para ver a Bruxa Boa que governa aqui", ela respondeu. "Você pode me levar até ela?"

"Diga-me seu nome e perguntarei a Glinda se ela irá recebê-la." Eles disseram quem eram, e a soldada entrou no castelo. Depois de alguns instantes, ela voltou para dizer que Dorothy e os outros seriam admitidos imediatamente.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: Glinda, a Bruxa Boa, concede o desejo de Dorothy (23/24)

Antes de irem ver Glinda, no entanto, eles foram levados para um quarto do Castelo, onde Dorothy lavou o rosto e penteou o cabelo, o Leão sacudiu a poeira de sua juba, o Espantalho se ajeitou da melhor maneira e o Homem de Lata poliu sua lata e lubrificou suas juntas.

Quando todos estavam apresentáveis, eles seguiram a soldada até uma grande sala onde a Bruxa Glinda estava sentada em um trono de rubis.

Ela era linda e jovem aos olhos deles. Seu cabelo era de um vermelho intenso e caía em cachos sobre seus ombros. Seu vestido era branco puro, mas seus olhos eram azuis e olhavam com gentileza para a garotinha. "O que posso fazer por você, minha criança?", ela perguntou.

Dorothy contou toda a sua história para a Bruxa: como o ciclone a havia levado para a Terra de Oz, como ela havia encontrado seus companheiros e sobre as maravilhosas aventuras que eles viveram.

"Meu maior desejo agora", ela acrescentou, "é voltar para o Kansas, pois a tia Em certamente vai pensar que algo terrível aconteceu comigo, e isso a fará ficar de luto; e a menos que a colheita este ano seja melhor do

que no ano passado, tenho certeza de que o tio Henry não pode arcar com isso."

Glinda se inclinou para frente e beijou o rosto doce e erguido da amável garotinha.

"Abençoe seu coração querido", disse ela, "tenho certeza de que posso lhe dizer como voltar para o Kansas". Então ela acrescentou: "Mas, se eu fizer isso, você deve me dar o Capuz de Ouro".

"De bom grado!", exclamou Dorothy; "na verdade, ele não me serve mais, e quando você o tiver, poderá comandar os Macacos Alados três vezes."

"E eu acho que precisarei de seus serviços apenas essas três vezes", respondeu Glinda, sorrindo.

Dorothy então lhe deu o Capuz de Ouro, e a Bruxa disse ao Espantalho: "O que você fará quando Dorothy nos deixar?"

"Voltarei para a Cidade Esmeralda", ele respondeu, "pois Oz me fez seu governante e o povo gosta de mim. A única coisa que me preocupa é como atravessar a colina dos Cabeças-de-Martelo."

"Por meio do Capuz de Ouro, ordenarei que os Macacos Alados o carreguem até os portões da Cidade Esmeralda", disse Glinda, "pois seria uma pena privar o povo de um governante tão maravilhoso."

"Eu sou realmente maravilhoso?", perguntou o Espantalho.

"Você é incomum", respondeu Glinda.

Virando-se para o Homem de Lata, ela perguntou: "O que será de você quando Dorothy deixar este país?"

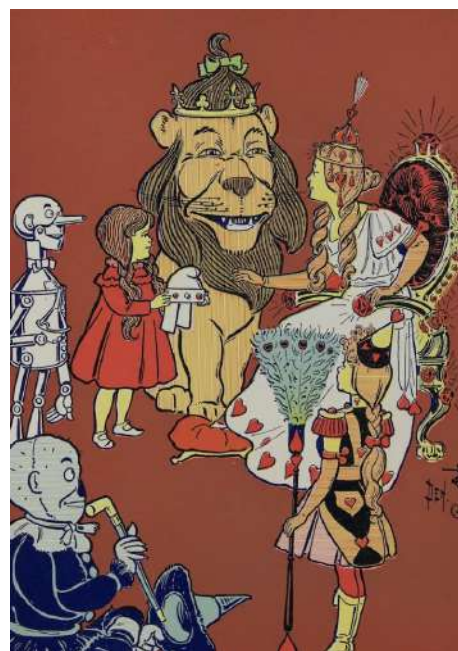
Ele se apoiou em seu machado e pensou por um momento. Então ele disse: "Os Winkies foram muito

gentis comigo e queriam que eu os governasse depois que a Bruxa Má morreu. Gosto dos Winkies, e se eu pudesse voltar para a Terra do Oeste, nada me daria mais prazer do que governá-los para sempre".

"Meu segundo comando aos Macacos Alados", disse Glinda, "será que eles o carreguem em segurança para a terra dos Winkies. Seu cérebro pode não ser tão grande de se olhar quanto o do Espantalho, mas você é realmente mais inteligente do que ele - quando está bem polido - e tenho certeza de que governará os Winkies com sabedoria e bem."

Então a Bruxa olhou para o grande Leão peludo e perguntou: "Quando Dorothy voltar para sua casa, o que será de você?"

"Do outro lado da colina dos Cabeças-de-Martelo", respondeu ele, "fica uma grande e antiga floresta, e todas as feras que vivem lá me fizeram seu Rei. Se eu pudesse voltar para esta floresta, passaria minha vida muito feliz lá."



"Meu terceiro comando aos Macacos Alados", disse Glinda, "será que eles o carreguem para sua floresta. Então, tendo esgotado os poderes do Capuz de Ouro, eu o darei ao Rei dos Macacos, para que ele e seu bando possam, a partir de então, serem livres para sempre."

O Espantalho, o Homem de Lata e o Leão agradeceram à Bruxa Boa fervorosamente por sua gentileza; e Dorothy exclamou:

"Você é certamente tão boa quanto bonita! Mas você ainda não me disse como voltar para o Kansas."

"Seus Sapatos de Prata irão carregá-la sobre o deserto", respondeu Glinda. "Se você soubesse do poder deles, poderia ter voltado para sua tia Em no primeiro dia em que chegou a este país."

"Mas então eu não teria meus maravilhosos miolos!", gritou o Espantalho. "Eu poderia ter passado minha vida inteira no milharal do fazendeiro."

"E eu não teria meu adorável coração", disse o Homem de Lata. "Eu poderia ter ficado enferrujando na floresta até o fim do mundo."

"E eu teria vivido como um covarde para sempre", declarou o Leão, "e nenhuma fera em toda a floresta teria uma boa palavra para dizer sobre mim."

"Isso tudo é verdade", disse Dorothy, "e estou feliz por ter sido útil para esses bons amigos. Mas agora que cada um deles teve o que mais desejava, e cada um está feliz em ter um reino para governar além disso, acho que gostaria de voltar para o Kansas."

"Os Sapatos de Prata", disse a Bruxa Boa, "têm poderes maravilhosos. E uma das coisas mais curiosas sobre eles é que eles podem levá-la a qualquer lugar do mundo em três passos, e cada passo será dado num piscar de olhos. Tudo o que você precisa fazer é bater os calcanhares três vezes e ordenar que os sapatos a levem para onde você deseja ir."

"Se é assim", disse a criança alegremente, "pedirei que me levem de volta ao Kansas imediatamente."

Ela jogou os braços em volta do pescoço do Leão e o beijou, acariciando sua cabeça grande com ternura.

Então ela beijou o Homem de Lata, que estava chorando de uma forma muito perigosa para suas juntas. Mas ela abraçou o corpo macio e acolchoado do Espantalho em seus braços em vez de beijar seu rosto pintado, e descobriu que ela mesma estava chorando nesta despedida triste de seus amados camaradas.

Glinda, a Boa, desceu de seu trono de rubi para dar um beijo de despedida na garotinha, e Dorothy agradeceu por toda a gentileza que ela havia demonstrado a ela e a seus amigos.

Dorothy então pegou Totó solenemente em seus braços, e tendo dado um último adeus, ela bateu os calcanhares de seus sapatos três vezes, dizendo:

"Leve-me para casa, para a tia Em!"

Instantaneamente, ela estava girando no ar, tão rapidamente que tudo o que ela podia ver ou sentir era o vento assobiando em seus ouvidos.

Os Sapatos de Prata deram apenas três passos, e então ela parou tão repentinamente que rolou na grama várias vezes antes de perceber onde estava.

Por fim, no entanto, ela se sentou e olhou ao redor.

"Santo Deus!", ela gritou.

Pois ela estava sentada na ampla pradaria do Kansas, e bem diante dela estava a nova fazenda que o tio Henry construiu depois que o ciclone levou embora a antiga. O tio Henry estava ordenhando as vacas no curral, e Totó

havia pulado de seus braços e estava correndo em direção ao celeiro, latindo furiosamente.

Dorothy se levantou e descobriu que estava descalça.

Pois os Sapatos de Prata haviam caído durante seu voo pelo ar e foram perdidos para sempre no deserto.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: De Volta ao Lar (24/24)

Tia Em tinha acabado de sair de casa para regar as couves quando olhou para cima e viu Dorothy correndo em sua direção.

"Minha querida criança!", Ela exclamou, envolvendo a garotinha em seus braços e cobrindo seu rosto de beijos. "De onde você veio?"

"Da Terra de Oz", disse Dorothy gravemente. "E aqui está o Totó também. E oh, Tia Em! Estou tão feliz por estar em casa novamente!"

